

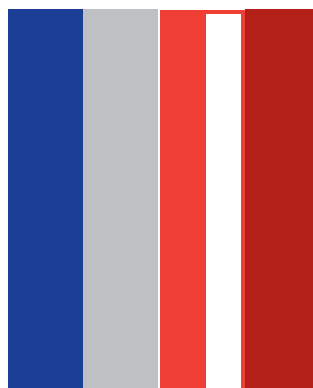
2º CICLO
Mestrado em Ciências da
Comunicação – Variante em Estudos
de Media e Jornalismo

Análise Comparada da Eleição de Sadiq Khan à Luz dos Estudos Culturais

Ana Rita Castelo Branco de Oliveira

M

2017



Ana Rita Castelo Branco de Oliveira

**Análise Comparada da Eleição de Sadiq Khan à Luz dos
Estudos Culturais**

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências de Comunicação, orientada
pela Professora Doutora Helena Laura Dias de Lima

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Julho de 2017

Análise Comparada da Eleição de Sadiq Khan à Luz dos Estudos Culturais

Ana Rita Castelo Branco de Oliveira

Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Ciências da Comunicação, orientada
pela Professora Doutora Helena Laura Dias de Lima

Membros do Júri

Professora Doutora Ana Isabel Crispim Mendes Reis
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Helena Laura Dias de Lima
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professor Doutor Luís Miguel Nunes da Silva Loureiro
Faculdade de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação –
Universidade Lusófona

Classificação obtida: 18 valores

Sumário

Agradecimentos.....	8
Resumo	9
Abstract.....	10
Índice de Tabelas.....	11
Introdução	12
Capítulo I - Estudos Culturais e Media	13
1.1. A Cultura	13
1.2. Os Estudos Culturais	14
1.3. Teorias dos Estudos Culturais	17
1.4. Problemas centrais nos estudos culturais	22
1.5. Os Media no âmbito dos Estudos Culturais	24
Capítulo II - Diversidade Cultural e Religiosa: os muçulmanos enquanto minoria religiosa, em Portugal e Inglaterra	33
2.1. O multiculturalismo/interculturalismo na Europa	33
2.2. Muçulmanos, uma minoria religiosa em Portugal	37
2.2.1. O caso português numa perspetiva comparada europeia.....	38
2.3. Muçulmanos, uma minoria religiosa em Inglaterra	40
Capítulo III - Media e Diversidade Cultural e Religiosa: A imprensa e os muçulmanos em Portugal e Inglaterra.....	43
3.1. O caso da imprensa portuguesa	47
3.2. O caso da imprensa britânica	48
Capítulo IV - O Jornalismo Político	50
4.1. Jornalismo	50
4.1.1. Jornalismo Político	52
Capítulo V - Estudo Caso	53
5.1. Caso em análise.....	53
5.2. Enquadramento eleitoral.....	53
5.3. Questão de Investigação	55
5.4 Hipóteses	55

5.5. Amostra	55
5.6. Percursos e estatutos editoriais dos jornais em análise	56
5.6.1. Estatuto Editorial do <i>Jornal Público</i>	56
5.6.2. Estatuto Editorial do <i>Diário de Notícias</i>	56
5.6.3. Percurso e Estatuto Editorial do <i>The Guardian</i>	57
5.6.4. Percurso e Estatuto Editorial do <i>The Times</i>	59
5.7. Métodos e Técnicas de Investigação	61
5.7.1. Metodologias e análise de resultados	61
5.7.1.1. Análise Quantitativa	61
5.7.1.2. Análise Qualitativa	65
5.7.1.2.1. Categorização	66
5.7.1.2.2. Análise Crítica de Discurso	67
5.6.1.3. Análise de resultados	74
5.7.1.4. Fontes de Informação	84
5.7.1.4.1. Tipos de Fontes	85
5.7.1.5. Análise de resultados	90
Considerações Finais	93
Referências Bibliográficas	95
Anexos	103
Anexo 1 – Diário de Notícias 29/04/2016	103
Anexo 2 – Diário de Notícias 5/05/2016	104
Anexo 3 – Diário de Notícias 6/05/2016	105
Anexo 4 – Diário de Notícias 7/05/2016	106
Anexo 5 – Público 2/05/2016	107
Anexo 6 – Público 5/05/2016	108
Anexo 7 – Público 7/05/2016	109
Anexo 8 – Público 7/05/2016	110
Anexo 9 – Público 7/05/2016	111
Anexo 10 – <i>The Guardian</i> 21/04/2016	112
Anexo 11 - <i>The Guardian</i> 26/04/2016	113
Anexo 12 - <i>The Guardian</i> 28/04/2016	114
Anexo 13 - <i>The Guardian</i> 29/04/2016 - Capa	115
Anexo 14 - <i>The Guardian</i> 29/04/2016	116
Anexo 15 - <i>The Guardian</i> 30/04/2016 - Capa	117

Anexo 16 - <i>The Guardian</i> 30/04/2016.....	118
Anexo 17 - <i>The Guardian</i> 2/05/2016 – Capa.....	119
Anexo 18 - <i>The Guardian</i> 2/05/2016.....	120
Anexo 19 - <i>The Guardian</i> 3/05/2016.....	121
Anexo 20 - <i>The Guardian</i> 3/05/2016.....	122
Anexo 21 - <i>The Guardian</i> 4/05/2016 - Capa.....	123
Anexo 22 - <i>The Guardian</i> 4/05/2016.....	124
Anexo 23 - <i>The Guardian</i> 4/05/2016.....	125
Anexo 24 - <i>The Guardian</i> 5/05/2016.....	126
Anexo 25 - <i>The Guardian</i> 6/05/2016 - Capa.....	127
Anexo 26 - <i>The Guardian</i> 6/05/2016.....	128
Anexo 27 - <i>The Guardian</i> 7/05/2016 - Capa.....	129
Anexo 28 - <i>The Guardian</i> 7/05/2016.....	130
Anexo 29 - <i>The Guardian</i> 7/05/2016.....	131
Anexo 30 - <i>The Guardian</i> 7/05/2016.....	132
Anexo 31 - <i>The Guardian</i> 7/05/2016.....	133
Anexo 32 - <i>The Times</i> 21/04/2016.....	134
Anexo 33 - <i>The Times</i> 22/04/2016.....	135
Anexo 34 - <i>The Times</i> 28/04/2016 - Capa	136
Anexo 35 - <i>The Times</i> 28/04/2016.....	137
Anexo 36 - <i>The Times</i> 29/04/2016- Capa	138
Anexo 37 - <i>The Times</i> 29/04/2016.....	139
Anexo 38 - <i>The Times</i> 29/04/2016.....	140
Anexo 39 - <i>The Times</i> 29/04/2016.....	141
Anexo 40 - <i>The Times</i> 29/04/2016.....	142
Anexo 41 - <i>The Times</i> 30/04/2016.....	143
Anexo 42 - <i>The Times</i> 30/04/2016.....	144
Anexo 43 - <i>The Times</i> 2/05/2016- Capa	145
Anexo 44 - <i>The Times</i> 2/05/2016	146
Anexo 45 - <i>The Times</i> 2/05/2016	147
Anexo 46 - <i>The Times</i> 3/05/2016- Capa	148
Anexo 47 - <i>The Times</i> 3/05/2016	149
Anexo 48 - <i>The Times</i> 3/05/2016	150
Anexo 49 - <i>The Times</i> 4/05/2016	151

Anexo 50 - <i>The Times</i> 5/05/2016	152
Anexo 51 – <i>The Times</i> 5/05/2016.....	153
Anexo 52 - <i>The Times</i> 7/05/2016 - Capa	154
Anexo 53 - <i>The Times</i> 7/05/2016	155
Anexo 54 - <i>The Times</i> 7/05/2016	156
Anexo 55 - <i>The Times</i> 7/05/2016	157
Anexo 56 - <i>The Times</i> 7/05/2016	158

Agradecimentos

No decorrer do processo de elaboração da dissertação tive o prazer de poder contar com a ajuda de algumas pessoas, às quais não posso deixar de agradecer. Deste modo, começo por agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Helan Lima, pela paciência, dedicação e trabalho de orientação. Por último, deixo um agradecimento especial aos meus pais que tornaram esta etapa da minha vida possível, assim como à sua paciência, capacidade de motivação e exigência ao longo deste ano.

Resumo

A presente dissertação tem como intuito a condução de um estudo comparado sobre o papel dos media, e do jornalismo em particular, na construção da imagem dos muçulmanos pela sociedade, em Portugal e Inglaterra. Como tal, proceder-se-á a uma análise quantitativa e qualitativa das notícias relativas à eleição do Mayor de Londres em quatro jornais de referência, dois portugueses (Diário de Notícias e Público) e dois ingleses (The Times e The Guardian), no sentido de apurar se os mesmos estarão ou não a conduzir a população à criação de estereótipos relativamente à religião muçulmana. Assim sendo, proceder-se-á não só a uma detalhada análise de discurso, como também das fontes de informação, procurando-se perceber não só se o discurso é discriminatório como também se há diversidade nas fontes, em particular se os muçulmanos foram ou não ouvidos relativamente ao caso em apreço.

Palavras-chave: Jornalismo; Muçulmanos; Estereótipos; Análise de discurso; Fontes de Informação.

Abstract

The following thesis aims to develop a comparative study on the media role (journalism, in particular) in the construction of the image of muslim by society, in Portugal and England. It will be taken a quantitative and qualitative analysis of the news related to London mayoral election by four different newspapers, two portuguese (Diário de Notícias and Público) and two english (The Times and The Guardian). The main goal will be to analyse whether they are or not guiding people to create stereotypes related to muslim, and so it will be conducted a discourse analysis, as well as an analysis of the information sources used. The aim is not only to understand if the discourse is discriminatory, but also to know if the sources are diverse, in particular to know if muslim were heard in the coverage of this specific case.

Keywords: Journalism; Muslim; Stereotypes; Discourse Analysis; Information Sources.

Índice de Tabelas

Tabela 1 N° de notícias por jornal	62
Tabela 2 Análise quantitativa do destaque atribuído às notícias na capa - Diário de Notícias	63
Tabela 3 Análise quantitativa do destaque atribuído às notícias na capa - Público	63
Tabela 4 Análise quantitativa do destaque atribuído às notícias na capa - The Guardian	64
Tabela 5 Análise quantitativa do destaque atribuído às notícias na capa - The Times...	64
Tabela 6 Análise Quantitativa - Contagem de Palavras.....	65
Tabela 7 Análise Qualitativa - Análise Crítica de Discurso "The Guardian"	70
Tabela 8 Análise Qualitativa - Análise Crítica de Discurso "The Times"	71
Tabela 9 Análise Qualitativa - Análise Crítica de Discurso "Diário de Notícias"	71
Tabela 10 Análise Qualitativa - Análise Crítica de Discurso "Público"	73
Tabela 11 Identificação do jornal/N° de notícias analisadas por dia por jornal	87
Tabela 12 Identificação das Fontes/ Fonte que prevalece no jornal/ Presença de Fontes oficiais/ Pluralidade e Diversidade de Fontes	88

Introdução

O presente trabalho visa a abordagem da formação da cultura nas sociedades modernas, através dos estudos culturais, percebendo a sua trajetória até aos dias de hoje, de modo a entender de que forma os media, enquanto construtores da realidade social envolvente, contribuem, através das suas mensagens, para a formação e produção de significados pela sociedade, nomeadamente no que respeita às minorias religiosas. Deste modo, e mais concretamente, pretende-se compreender de que forma os media, como produtores culturais que são, influenciam a sociedade no âmbito da diversidade cultural.

Como tal, a presente investigação começará por uma abordagem do conceito de cultura, enquanto ideia central do tema em análise, para posteriormente passar à abordagem dos estudos culturais enquanto disciplina que aborda a cultura de diferentes perspetivas, apresentado a sua evolução até aos dias de hoje, através das várias teorias que foram surgindo, resultado da investigação de diversos autores.

Seguidamente, cumprirá abordar a questão da diversidade cultural e o papel dos media neste âmbito, quer na construção de uma identidade cultural quer na promoção do diálogo intercultural, tanto em Portugal como em Inglaterra, de modo a podermos fazer uma análise comparada mais fidedigna dos resultados da pesquisa.

Por último, cumpre uma abordagem da evolução do jornalismo, em geral, e do jornalismo político em específico, visto que o caso que se pretende estudar em termos práticos se prende com um estudo comparado das abordagens por dois jornais britânicos e dois jornais portugueses da eleição do atual Mayor de Londres, eleito a 5 de Maio de 2016.

Este estudo-caso visa perceber de que forma a diversidade cultural foi incluída nas abordagens dos diferentes meios (quem foi ouvido e em que circunstâncias) e se se pode afirmar ter havido promoção do diálogo intercultural por parte dos meios em questão; e se as diferentes abordagens podem ter conduzido à criação de estereótipos pela sociedade envolvente, considerando-se para tais efeitos uma minoria religiosa específica, – os muçulmanos – tendo em consideração a própria orientação religiosa do mayor eleito (muçulmano).

Capítulo I - Estudos Culturais e Media

1.1. A Cultura

A cultura tem vindo a assumir uma função especial no que respeita à estrutura e organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente global e à disposição dos seus recursos económicos e materiais. A revolução da informação e as tecnologias têm contribuído, em particular, para a expansão dos meios de produção, circulação e troca cultural e uma quantidade significativa de recursos humanos, materiais e tecnológicos pelo mundo têm vindo a ser direcionados diretamente para estes setores. Para além disso, indiretamente, as indústrias culturais têm vindo a assumir-se como elementos mediadores em muitos outros processos (Hall, 1997a, pp.2).

Mas o que é, de facto, a “cultura”?

Raymond Williams empresta da antropologia a definição de cultura enquanto um modo de vida, ou seja, uma ampla e complexa gama de valores, práticas e significados que organizam a vida comum num determinado período histórico. Assim, de acordo com Raymond Williams, cultura é uma das duas ou três palavras mais complicadas da língua inglesa, na medida em que a sua história inclui, não só, equações estáticas e elitistas de cultura, como os feitos da civilização, mas também noções amplas que marcam toda a atividade simbólica, assim como referências à cultura como um esforço ativo de preservação. Para além disso, como Williams foi capaz de demonstrar através das suas pesquisas sobre a “emergência da cultura como uma abstração e um absoluto”, a ideia de cultura é uma reação geral a uma mudança maior e geral na condição da nossa vida comum, sendo o seu elemento básico o seu próprio esforço na avaliação qualitativa total. As tentativas de definir cultura surgiram, assim, da necessidade, como resposta às mudanças históricas. Williams ajuda-nos a localizar o âmbito alargado que motiva não só a tradição britânica dos estudos culturais como também todas as tradições: identificar e articular as relações entre cultura e sociedade (Williams, 1976, pp. 87 a 93; Williams, 1985, pp.17).

Depois do seu inquérito sobre os diversos significados associados à palavra “cultura”, Williams concluiu que esta invoca simultaneamente domínios materiais e simbólicos e que o estudo da cultura envolve o não privilégio de um domínio sobre o

outro mas antes a interrogação da relação entre os dois. Assim, segundo Williams, a cultura é um modo de vida no todo, material, intelectual e espiritual, incluindo o comportamento simbólico no dia-a-dia de uma comunidade (Williams, 1976, pp. 87 a 93).

Por último, de acordo com Stuart Hall, no âmbito dos estudos culturais, cultura significa o atual terreno enraizado de práticas, representações, linguagens e costumes de uma sociedade específica. Significa também formas contraditórias de senso comum que tomam lugar e ajudam a esculpir a vida popular. A cultura preocupa-se com questões de significados culturais partilhados, isto é, as diversas formas de darmos sentido ao mundo. Contudo, os significados não flutuam simplesmente “por aí”, sendo antes gerados através de sinais, mais concretamente os da linguagem. Assim, a cultura nada mais é do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas (Hall, 1997a, pp. 9 a 12; Hall (Edt.), 1997b).

1.2. Os Estudos Culturais

Os estudos culturais, como uma problemática distintiva, emergem de um momento específico em meados dos anos 50. Não foi, no entanto, certamente, a primeira vez que as suas questões características foram levantadas. Muito pelo contrário. Aliás, os dois trabalhos que ajudaram a demarcar o novo terreno – “Hoggart’s *Uses of Literacy*” e “Williams’s *Culture and Society*” – foram ambos, de diferentes formas, e em certa parte, trabalhos de recuperação (Hall, 1980).

Os estudos culturais são um campo de investigação de carácter interdisciplinar que explora as formas de produção ou criação de significados e de difusão dos mesmos nas sociedades atuais. Nesse sentido, a criação de significado e dos discursos reguladores das práticas significantes da sociedade revelam o papel apresentado pelo poder na regulação das atividades quotidianas das formações sociais. Assim sendo, os estudos culturais não se configuram exatamente como uma disciplina distinta, mas sim como uma abordagem ampla dentro das disciplinas constituídas.

Estes são um ramo das humanidades particularmente forte no mundo de língua

inglesa, e desenvolveram-se, em particular, nos EUA a partir dos anos 1960, no contexto do surgimento do pós-modernismo, pós-colonialismo e multiculturalismo, e dos movimentos sociais como o movimento negro e a segunda onda do feminismo.

De acordo com Stuart Hall, os estudos culturais não são uma coisa, nem nunca foram uma só coisa. Mesmo quando identificados com uma tradição nacional específica, como os estudos culturais britânicos, permanecem uma iniciativa diversa e normalmente polêmica, abrangendo diferentes posições e trajetórias em contextos específicos, levantando várias questões, nascendo de múltiplas raízes, e modelando-se em diferentes locais e instituições. Com a passagem do tempo, deparam-se com novos eventos históricos, e a própria extensão dos estudos culturais a novas disciplinas e contextos nacionais vem inevitavelmente mudar os seus significados e usos. Assim, os estudos culturais precisam de permanecer abertos ao inesperado, não se podendo desejar controlar os seus desenvolvimentos (Hall, 1990, pp.2).

Os estudos culturais argumentam que a linguagem dá sentido aos objetos materiais e práticas sociais que chegam a nós pela linguagem e que se tornam inteligíveis para nós em termos delimitados pela linguagem. Estes processos de produção de sentido são práticas significantes. De modo a entendermos a cultura precisamos de explorar como os sentidos são simbolicamente produzidos na linguagem como um “sistema signifiante” (Barker, 2012, pp.7).

Uma boa parte dos estudos culturais foca-se em questões de representação; isto é, em como o mundo é socialmente construído e representado para e por nós de formas significativas. Isto requer que exploremos a geração textual do significado. Exige também investigação sobre os modos através dos quais o significado é produzido em variados contextos. Para além disso, as representações e significados culturais têm uma certa materialidade. Isto é, estão incutidos em sons, objetos, imagens, livros, revistas e programas televisivos. São produzidos, promovidos, usados e percebidos em contextos sociais específicos (Barker, 2012, pp.8).

Relativamente ao âmbito central dos estudos culturais, os autores dividem-se. Assim, enquanto uns colocam a linguagem no coração dos estudos culturais – maior relevo aos estudos culturais influenciados pelas teorias pós-estruturalistas da linguagem, representação e subjetividade – outros dão maior importância aos estudos culturais mais

preocupados com a etnografia da experiência vivida ou a política cultural.

De acordo com Bennett, devemos considerar os seguintes traços dos estudos culturais (Bennett, 1998, apud Barker, 2012, pp. 6 e 7):

i) são um campo interdisciplinar em que as perspectivas das diferentes disciplinas podem ser seletivamente aproveitadas para examinar as relações de cultura e poder;

ii) preocupam-se com todas as práticas, instituições e sistemas de classificação através dos quais são inculcados na população certos valores, crenças, competências, rotinas de vida e formas habituais de conduta;

iii) exploram formas de poder diversas e incluem género, raça, classe, colonialismo,... Os estudos culturais procuram explorar as conexões entre essas formas de poder e desenvolver formas de pensar sobre cultura e poder que possam ser utilizadas por agentes na busca da mudança;

iv) Os principais locais institucionais para os estudos culturais são os da educação superior e, como tal, os estudos culturais são como qualquer outra disciplina académica.

O momento do consumo marca um dos processos pelos quais nos formamos enquanto pessoas. O que é ser pessoa (subjetividade) e como nos descrevemos uns aos outros (identidade) tornaram-se áreas centrais de preocupação dos estudos culturais durante os anos noventa. Noutras palavras, os estudos culturais exploram:

i) Como nos tornamos nas pessoas que somos;
ii) Como somos produzidos enquanto sujeitos;
iii) Como nos identificamos (ou investimos emocionalmente em) descrições de nós próprios como homens ou mulheres, pretos ou brancos, novos ou velhos (Barker, 2012, pp.11).

O argumento conhecido como anti-essencialismo é que as identidades não são coisas que existem; não têm qualidades universais ou essenciais. Pelo contrário, são construções discursivas, o produto de discursos ou formas reguladas de falar sobre o mundo. Noutras palavras, as identidades são constituídas, feitas mais do que encontradas, por representações, especialmente a linguagem (Barker, 2012, pp.11).

Os autores dos estudos culturais diferem sobre como aplicar estes conceitos e sobre quais são os mais relevantes.

Os conceitos analisados resultam de um conjunto de paradigmas teóricos e

metodológicos. As teorias mais influentes nos estudos culturais têm sido: marxismo; culturalismo, estruturalismo, pós-estruturalismo, psicanálise e as políticas de diferença (ex. feminismo, teorias de raça, etnia e pós-colonialismo).

1.3. Teorias dos Estudos Culturais

1.3.1. Culturalismo

Explora a forma como os seres humanos ativos criam significados culturais. Há um foco nas experiências vividas e a adoção de uma ampla definição antropológica de cultura que a descreve como um processo vivido diariamente (Barker, 2012, pp.15).

O culturalismo, em particular para Raymond Williams, é uma forma de materialismo histórico-cultural que marca o desdobramento do significado ao longo do tempo. Aqui a cultura é explorada no contexto das suas condições materiais de produção e recepção. Há um partidário explícito na exploração do fundamento de classe da cultura que ambiciona dar “voz” aos subordinados e examinar o lugar da cultura no poder da classe. De todo o modo, esta forma de culturalismo de esquerda é também de algum modo nacionalista, ou pelo menos centrada na nação, na sua abordagem. Há pouco relevo da figura da globalização na cultura contemporânea ou mesmo do lugar da raça nas culturas de classe e nacionais (Williams, 1976, pp.87 a 93; Williams, 1985, pp.258-275).

1.3.2. Estruturalismo

Refere-se a práticas significantes que geram significado como resultado de estruturas ou regularidades previsíveis que são exteriores a qualquer pessoa. O estruturalismo procura pelos padrões restritivos da cultura e da vida social que são exteriores a qualquer indivíduo. Atos individuais são explicados como produto de estruturas sociais. Como tal, o estruturalismo é anti-humanista no seu descentramento dos agentes humanos do coração da indagação. Pelo contrário, favorece uma forma de análise em que os fenómenos têm significado somente em relação a outros fenómenos, numa estrutura sistemática em que nenhum indivíduo é a fonte. O entendimento estruturalista da cultura preocupa-se com os “sistemas de relações” de uma sub-

estrutura (normalmente a linguagem) e a gramática que a torna possível (Barker, 2012, pp.15).

O estruturalismo nos estudos culturais entende que a produção de significado ou sentido é efeito de estruturas profundas da linguagem que se manifestam em fenómenos culturais específicos ou oradores humanos. Contudo, os significados/sentidos não são o resultado das intenções dos atores per si mas da linguagem em si. O estruturalismo preocupa-se como é que o significado cultural é gerado, entendendo a cultura como análoga à (ou estruturada como a) linguagem (Barker, 2012, pp.15).

O trabalho de Ferdinand Saussure foi crítico no desenvolvimento do estruturalismo. Ele argumentou que o significado é gerado através de um sistema de diferenças estruturadas na linguagem. Isto é, a significação é o resultado das regras e convenções que organizam a linguagem mais do que os usos específicos e expressões que os indivíduos aplicam no dia-a-dia (Saussure, 1978).

De acordo com Saussure, o significado é produzido através de um processo de seleção e combinação de sinais juntamente com dois eixos (Saussure, 1978):

- i) O sintagmático
- ii) O paradigmático

A organização dos sinais juntamente com estes eixos forma um sistema significante.

Resumindo, Saussure, e o estruturalismo em geral, preocupam-se mais com as estruturas da linguagem, que permitem que a performance linguística seja possível do que com própria performance nas suas infinitas variações. O estruturalismo procede através da análise de binários: por exemplo, o contraste entre linguagem e palavras ou entre pares de sinais de modo a que “preto” apenas tenha sentido em relação a “branco” e vice-versa (Saussure, 1978).

O estruturalismo estende o seu âmbito das “palavras” à linguagem dos sinais culturais em geral. Assim, as relações humanas, objetos materiais e imagens são todos analisados através das estruturas dos sinais (Barker, 2012, pp.18).

Apesar do estruturalismo ser o método de análise mais usado, a noção de estabilidade do sentido/significado em que os binários do estruturalismo e as suas pretensões de se afirmar como conhecimento se baseiam são alvo de crítica do pós-

estruturalismo (Barker, 2012, pp.18).

1.3.3. Pós-Estruturalismo

O pós-estruturalismo rejeita a ideia de uma subestrutura estável que encontra o significado através de pares binários fixos (preto-branco; bom-mau). Por outro lado, defende que o significado/sentido é instável, sendo sempre diferido e em processo. O sentido/significado não pode restringir-se a palavras ou frases soltas ou textos particulares, sendo antes o resultado de relacionamentos entre textos, que é a intertextualidade. Como o seu antecessor, o pós-estruturalismo é anti-humanista no seu descentramento do sujeito humano coerente e unido como origem da estabilidade dos sentidos/significados (Barker, 2012, pp.18).

Neste contexto, Derrida foca-se na linguagem e na desconstrução de um imediatismo, ou identidade, entre palavras e significados. Aceita o argumento de Saussure que o significado é gerado por relações de diferença entre significantes mais do que por referência a um mundo de objetos independente. Contudo, para Derrida, a consequência disto é que o sentido/significado nunca pode ser fixo. As palavras transportam muitos significados, incluindo o eco ou marcas de outros significados de outras palavras relacionadas noutros contextos. Assim, de acordo com o mesmo, a produção de significado no processo de significação é continuamente diferido e suplementado (Derrida, 1976, aput Barker, 2012, pp. 18).

Derrida procede à desconstrução dos binários “estáveis” em que o estruturalismo e a filosofia ocidental em geral assentam, argumentando a “indecidibilidade” das oposições binárias. Em particular, desconstruir envolve o desmantelamento de oposições concetualmente hierárquicas, que excluem e desvalorizam a parte “inferior” do binário (ex. realidade/aparência; razão/loucura) (Derrida, 1976, aput Barker, 2012, pp. 18).

Para Derrida, “pensamos apenas em sinais” e não há nenhum significado original a circular fora da “representação”. É neste sentido que não há nada para além dos textos ou nada senão textos. Isto é, os significados dos textos são constitutivos de práticas (Derrida, 1976, aput Barker, 2012, pp.18).

Foucault opõe-se às teorias estruturalistas da linguagem e preocupa-se com a

descrição e análise da superfície do discurso e os seus efeitos sob determinadas condições históricas e materiais. Para o autor, o discurso respeita tanto à linguagem como à prática. O conceito refere-se à produção regulada de conhecimento através da linguagem que dá sentido tanto a práticas sociais como a objetos materiais (Foucault, 1972, apud Barker, 2012, pp. 20).

O discurso constrói, define e produz os objetos de conhecimento de forma inteligível enquanto, ao mesmo tempo, exclui outros modos de raciocínio como ininteligíveis. O autor procura identificar as condições históricas e regras determinantes para a formação de formas reguladas de falar sobre objetos, isto é, práticas discursivas e formações discursivas. Explora as circunstâncias em que as afirmações são combinadas e reguladas para formar e definir um campo distinto de conhecimento/objetos, requerendo um conjunto particular de conceitos e delimitando um “regime de verdade” específico (o que conta como verdade) (Foucault, 1972, apud Barker, 2012, pp.20).

Para o mesmo, o discurso regula não só o que pode ser dito sob determinadas condições culturais mas também quem pode falar, quando e onde. Consequentemente, a maior parte do seu trabalho preocupa-se com a investigação histórica de poder e a produção de sujeitos através desse poder. Foucault não entende o poder como uma força restritiva mas antes como algo disperso em todos os níveis de formação social e que produz relações sociais e identidades. Concebe as pessoas como mero produto da história – os sujeitos formam-se através de práticas disciplinares, que são consequência de discursos históricos específicos sobre crime, ciência, sexualidade,... (Foucault, 1972, apud Barker, 2012, pp.20).

1.3.4. Anti-essencialismo

Talvez a influência mais significativa do pós-estruturalismo dentro dos estudos culturais. Anti-essencialismo não significa que não possamos falar de verdade ou identidade. Pelo contrário, aponta para estas como sendo não universais por natureza, mas produto da cultura em lugares e alturas específicos. A verdade é construída e as identidades são construções discursivas. Isto é, a verdade e a identidade não são objetos fixos mas são regulados pela forma como falamos sobre o mundo e nós próprios (Barker, 2012, pp.20).

1.3.5. Pós-modernismo

Partilha com o pós-estruturalismo uma abordagem epistemológica comum relativamente à rejeição da verdade como um objeto eterno e fixo e a ideia de que o conhecimento não é metafísico, transcendental ou universal mas específico a alturas e lugares particulares. Para o pós-modernismo nós temos e requeremos diferentes pontos de vista ou verdades na interpretação de uma existência humana complexa e heterogénea. Assim, o pós-modernismo defende que o conhecimento é: específico dos jogos de linguagem e local, plural e diverso (Barker, 2012, pp.20).

Uma parte do pós modernismo preocupa-se com estas questões epistemológicas da verdade e conhecimento. No entanto, um igualmente significativo corpo de trabalho centra-se na importância das mudanças culturais na vida contemporânea. A cultura pós-moderna diz-se ser marcada por um sentido da fragmentação, ambiguidade e incerteza que caracterizam o mundo, assim como por altos níveis de reflexividade social e pessoal (Barker, 2012, pp.20).

O pós-estruturalismo e o pós-modernismo são abordagens anti-essencialistas que afirmam o papel constitutivo de uma linguagem instável na formação do significado cultural (Barker, 2012, pp.20).

O pós-estruturalismo e o pós-modernismo defendem que a subjetividade é um efeito da linguagem ou discurso e também que os sujeitos são fraturados. Contudo, nem todos defendem que a subjetividade nasce de discursos externos; alguns autores procuram formas internas de constituição dos sujeitos através da psicanálise (Barker, 2012, pp.20).

1.3.6. As políticas de diferença: feminismo, raça e teoria pós-colonial

Um tema do estruturalismo e pós-estruturalismo é a ideia de que o significado é gerado através do desempenho da diferença através de uma cadeia de significantes. Os sujeitos formam-se através da diferença, pelo que aquilo que somos é constituído em parte pelo que não somos (Barker, 2012, pp.23).

1.4. Problemas centrais nos estudos culturais

Um debate de longa data nos estudos culturais diz respeito ao relacionamento entre a cultura como significação e a cultura como material. Este debate localiza-se na confrontação triangular entre:

- i) O legado do marxismo nos estudos culturais;
- ii) O desenvolvimento de uma tese anti-reducionista nos estudos culturais;
- iii) A recente ascendência do pós-estruturalismo.

Para o marxismo, a cultura é uma força material fechada na produção socialmente organizada das condições materiais da existência. O marxismo defende que o modo material de produção é a verdadeira base das superestruturas culturais. Isto é, o material – aqui entendido como o económico – determina o cultural. Contudo, esta leitura ortodoxa provou ser demasiado mecânica e determinística na exploração de características específicas da cultura. Consequentemente, a narrativa dos estudos culturais distancia-se da própria do reducionismo marxista. Neste contexto, o estruturalismo veio providenciar os meios para explorar a linguagem e a cultura popular como práticas autónomas, dando ênfase ao carácter irreduzível do cultural (Barker, 2012, pp.27).

Alguns críticos sentiram que os estudos culturais foram longe demais na sua defesa da autonomia da cultura, abandonando a política económica. Apesar de este argumento ter o seu mérito, não é o caso na abordagem multiperspetiva oferecida por Hall (Hall, 1997a). Aqui uma análise completa de qualquer prática cultural requer uma discussão de ambos “economia” e “cultura” e uma articulação das relações entre eles (Barker, 2012, pp.27).

Outro dos problemas apontados aos estudos culturais é o carácter textual da cultura. A maioria dos estudantes de estudos culturais tem noção de que a cultura pode ser lida como um texto, usando conceitos como significação, código ou discurso. No entanto, uma ênfase nas teorias estruturalistas e pós-estruturalistas de significação tem conduzido os estudos culturais, por vezes, a reificar a linguagem como uma “coisa” ou “sistema” mais do que uma prática social. O perigo aqui é o de um certo determinismo textual (Barker, 2012, pp.27).

Para além disso, também há a ganhar na descrição da cultura em termos de

práticas, rotinas e disposições sociais. Não só está a linguagem sempre embutida na prática, como também todas as práticas significam. Para além disso, a identificação de códigos textuais e posições subjetivas não garante que os significados prescritos sejam aceites por pessoas concretas na sua vida diária. Em suma, o estudo da linguagem é absolutamente crítico para os estudos culturais como um projeto em curso enquanto possui limitações (Barker, 2012, pp.28).

A localização da cultura é também discutida como um dos problemas centrais dos estudos culturais. Para Raymond Williams a cultura é localizada, para todas as intenções e propósitos, entre barreiras flexíveis mas identificáveis. Isto é, a cultura é entendida como a faceta de um lugar (Williams, 1961, pp. 263). Na verdade é constitutiva do lugar. No entanto, hoje em dia, o lugar é globalmente forjado em virtude do movimento dos elementos culturais de um lugar para outro. Estes desenvolvimentos (movimento populacional e comunicação eletrónica) sugerem a necessidade de escapar de um modelo de cultura como um modo de vida associado a um local (Barker, 2012, pp.29).

O processo de globalização sugere que precisamos de repensar as nossas conceções de cultura. A cultura não é melhor entendida em termos de locais e raízes mas mais como rotas culturais híbridas no espaço global (Barker, 2012, pp.29).

No entanto, permanece um valor em localizar a cultura num lugar, de forma a podemos afirmar coisas como “esta é uma prática significativa e valorizada na cultura x ou y” (Barker, 2012, pp.29).

Outro dos problemas dos estudos culturais prende-se com a racionalidade e os seus limites. As culturas ocidentais na sua maioria assumem que a vida humana se explica em termos de escolhas racionais dos indivíduos. A ação racional é aquela que pode ser justificada num contexto cultural específico. Os estudos culturais não querem adotar a noção do ator racional que calcula os meios para maximizar o seu interesse. Ainda assim, tem existido uma assunção implícita que a racionalidade pode providenciar explicações lógicas para o fenómeno cultural (Barker, 2012, pp.30).

Normalmente ausentes dos estudos culturais estão os aspetos do comportamento humano não lineares, não racionais e conduzidos por emoções. A exceção a esta observação é a importação da psicanálise para o campo (Barker, 2012, pp.30).

No entanto, há boas razões para os estudos culturais aprofundarem questões de

afeto e emoções. Na verdade, grande parte dos horrores do mundo são conduzidos por respostas emocionais e a mudança social nunca vai ser só uma mera questão de análise e argumento.

Uma série de pensadores pós-modernos tem criticado os impulsos da racionalidade moderna, defendendo que não traz tanto progresso como traz dominação e opressão. O próprio impulso de controlar a natureza através da ciência e da racionalidade é, segundo os mesmos, um impulso para controlar e dominar os seres humanos. Esta é uma racionalidade instrumental cuja lógica conduz não só à industrialização como também a campos de concentração (Barker, 2012, pp.30).

Foucault, por exemplo, defende que (Foucault, 1984, apud Barker, 2012, pp.31):

- o conhecimento não é metafísico, transcendente ou universal;
- o conhecimento é uma questão de perspectiva;
- o conhecimento não é puro ou neutro, mas é sempre de um ponto de vista;
- o conhecimento é, ele próprio, implicado em regimes de poder.

Contudo, Foucault também questiona a ideia de uma quebra clara e final entre iluminismo e pós-iluminismo ou entre modernismo e pós-modernismo (Foucault, 1984, apud Barker, 2012, pp.31).

Por último, discute-se o caráter da verdade também como um dos problemas fulcrais desta área de estudos. Como podemos fundamentar e justificar a teoria cultural e políticas culturais? Este é um dos problemas centrais dos estudos culturais. Contudo, epistemologias realistas têm sido largamente deslocadas dentro dos estudos culturais. Isto é uma consequência da influência do pós-estruturalismo, pós-modernismo e outros paradigmas anti-representacionistas. Estes modos de pensar comumente aceites (dentro dos estudos culturais) têm minado a noção de verdade objetiva e universal (Barker, 2012, pp.31).

1.5. Os Media no âmbito dos Estudos Culturais

Em 1924 era fundada a Universidade de Frankfurt, na Alemanha, onde um conjunto de teóricos, entre eles Max Horkheimer e Theodor Adorno, viriam a desenvolver estudos de orientação marxista, nomeadamente no campo dos media e dos

estudos culturais. Nesta escola desenvolveu-se, então, a famosa Teoria Crítica, que se contrapunha à Teoria Tradicional, que analisava a indústria cultural de uma perspectiva económica e sociopolítica (Salatiel, 2008).

Adorno e Horkheimer, vinham precisamente definir a indústria cultural como um sistema político e económico que tinha como objetivo a produção de bens de cultura como estratégia de controlo social (Adorno & Horkheimer, 1975, apud Salatiel, 2008). Resumidamente, os autores defendiam que os meios de comunicação de massa, enquanto propriedade de algumas empresas, mantinham os cidadãos “alienados” da realidade ao definirem os conteúdos consoante o lucro, não contribuindo para a formação de cidadãos imbuídos de um espírito crítico. Deste modo, tinham uma visão do cidadão/recetor das mensagens dos meios de comunicação como “vítima” dessa indústria cultural, que vinha substituir o termo “cultura de massa”, como uma ideologia imposta aos cidadãos (Adorno & Horkheimer, 1975, apud Salatiel, 2008). Concluindo, de acordo com a Escola de Frankfurt e seus teóricos, face à realidade dos meios de comunicação e da denominada “indústria cultural” teríamos consumidores meramente passivos em vez de cidadãos conscientes e críticos (Adorno & Horkheimer, 1975, apud Salatiel, 2008).

Assim, mais tardiamente, estes viriam a ser muito criticados por defenderem uma visão bastante reducionista dos recetores, por teóricos que viriam a demonstrar que os cidadãos não seriam tão manipuláveis quanto se julgava na época e que nem toda a produção cultural se resumia à indústria (Salatiel, 2008).

Finda a Segunda Guerra Mundial, o mundo ocidental assistiu à emergência da sociedade de consumo. Resultado da grande expansão das corporações e dos seus modos de produção em massa houve uma ampliação do alcance e uso dos media tratados como meios propagandísticos essenciais ao crescimento do consumo. Assim, no final dos anos 40 e decorrer dos anos 50, diversos estudiosos nos países capitalistas mais desenvolvidos passaram a elaborar teorias sobre o consumo e os media, em resposta às transformações da sociedade de consumo em massa (Santos, Piassi, 2013, pp. 4).

De acordo com Durham e Kellner, neste período podemos destacar o crescimento, no cenário norte-americano, de estudos focados nos gostos da audiência em relação a

programas de rádio e TV (Durham; Kellner, 2006, pp. 20). Alguns estudiosos, juntamente com intelectuais filiados à Escola de Frankfurt – que, resultado do conflito na Europa, foram forçados a reorganizar-se nos Estados Unidos -, desenvolveram, no campo da pesquisa administrativa, diversos trabalhos sobre o consumo do público em relação às comunicações em massa e acerca dos efeitos dos media sobre o processo de construção da opinião pública. Tal período produziu, assim, uma importante tradição de estudos empíricos das formas estabelecidas de cultura e comunicações (Santos, Piassi, 2013, pp. 4).

É, sobretudo, em Inglaterra, na década de 60, período frutífero no que respeita à emergência de novas abordagens críticas da cultura e sociedade, que surge um dos mais influentes projetos teórico-práticos no âmbito da cultura, a partir da criação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), na Universidade de Birmingham (1964). Inicialmente, o centro vinha reunir um conjunto de intelectuais de formação marxista, tais como E. P. Thompson, Raymond Williams e Richard Hoggart, que viriam mais tarde a ser conhecidos como os “pais fundadores” dos estudos culturais, tendo desenvolvido um projeto marcado pela ampliação da noção de “cultura” vigente na altura (Santos, Piassi, 2013, pp.5).

Deste modo, de uma perspetiva marcadamente materialista, os fundadores dos Estudos Culturais britânicos vinham propor uma reinterpretação da teoria marxista tradicional, procurando a constituição de uma teoria materialista da cultura que tomasse as práticas e artefactos culturais como forças produtoras de novos valores e significados que, atuando sobre uma realidade socioeconómica, interfeririam no seu rumo histórico. Assim, estes pretendiam dar relevo às estruturas sociais e contextos históricos enquanto fatores essenciais na compreensão da ação dos media (Santos, Piassi, 2013, pp.5).

O que os Estudos Culturais britânicos vinham, então, propor, era uma análise dos meios de comunicação sob várias perspetivas, como se deixa perceber na obra de Raymond Williams “Television: technology and cultural form” (1975). Aqui, Williams vinha dar relevo à necessidade de se considerar a televisão como um complexo conjunto de práticas socioculturais particulares, nas quais se inserem produtores, telespectadores e diversos outros agentes e instituições sociais, todos parte de um processo de constituição mútua. Desta forma, de acordo com a perspetiva dos Estudos Culturais, a

cultura dos media seria um terreno de lutas caracterizada pela sua ambivalência, em que os meios de comunicação não se tratariam apenas de instrumentos totalmente apropriados pelas classes dominantes através dos quais se efetivavam práticas ideológicas (Williams, 1990, pp. 9 a 31).

Deste modo, na perspectiva dos Estudos Culturais, e de acordo com Stuart Hall, os media possibilitariam a visibilidade de inúmeras questões públicas, fixando o seu papel na reconfiguração das relações entre os sujeitos e servindo como espaço para a estruturação, criação e recriação das identidades individuais e coletivas. Ao mesmo tempo, configura-se como o espaço para que grupos hegemónicos disseminem discursos e ideologias, escamoteando, muitas vezes, as diferentes culturas e seus respectivos conflitos. Assim, analisar e compreender os discursos mediáticos na perspectiva dos Estudos Culturais significa observar o modo como se dá esse jogo cultural dentro dos media, essa mistura de vozes e pontos de vista – do hegemónico e do subalterno (Hall, (s.d)).

Um dos “avanços genuínos” do centro de Birmingham em relação a abordagens anteriores sobre os media e os seus públicos, especialmente em comparação à perspectiva frankfurtiana, diz respeito ao entendimento da audiência enquanto público ativo, privilegiando a negociação de sentido que se dá no momento da receção e salientando a possibilidade de leituras e interpretações divergentes, e muitas vezes até contestadoras, das mensagens veiculadas por jornais, rádio, televisão e filmes. O grupo de Birmingham enfatizava, então, a natureza contraditória e variável dos sistemas de reprodução cultural, atentando para a relação dialética entre sistemas culturais dominantes e disposições individuais (Santos, Piassi, 2013, pp.7).

Assim, podemos afirmar que os intelectuais pertencentes a esta “primeira geração” dos Estudos Culturais britânicos apresentaram duas contribuições centrais para o paradigma teórico vigente até então no campo dos estudos dos media: “(1) eles “levaram os artefactos mediáticos a sério”, rejeitando distinções entre alta e baixa cultura e entendendo os efeitos sociais, tanto de carácter emancipatório quanto integrador, dos textos presentes nos meios de comunicação de massa e, (2) enfatizaram a agência humana, inaugurando uma noção de público ativo, que negocia significados no processo de receção, em detrimento da visão anteriormente corrente de audiência

passiva” (Santos, Piassi, 2013, pp.7).

Porém, como bem observa Kellner, os estudos de recepção de textos mediáticos desenvolvidos no final da década de 1960 e no decorrer da década subsequente por estudiosos vinculados aos Estudos Culturais vinham supervalorizar o público, exacerbando a importância da recepção e da construção de significados por parte da audiência, em detrimento de estudos que relacionam tal dimensão com análises textuais e dos contextos sociais, dos quais os artefactos culturais emergem, assim como seus sistemas de produção (Kellner, 2011, pp.10).

Dentro da tradição da pesquisa de recepção no campo dos Estudos Culturais, podemos salientar um marco teórico ocorrido na década de 1970. Tal acontecimento refere-se à publicação do hoje célebre “Encoding and Decoding in television discourse”, de Stuart Hall. No texto, pautado pelas noções gramscianas de ideologia e hegemonia, o autor identifica no processo de recepção três posições hipotéticas de interpretação da mensagem mediática: posição dominante, negociada e contestadora. De maneira geral, numa leitura dominante o público apropria-se dos textos que reproduzem os interesses de uma classe dominante, adotando as suas intenções ideológicas; num contexto de leitura negociada, os sentidos da mensagem são elaborados de forma dialógica com as condições particulares do recetor; por fim, numa leitura contestadora ou de oposição, o leitor entende os objetivos ideológicos da mensagem, porém interpreta-a segundo uma estrutura alternativa de referência (Hall, 1999, pp.11, 12 e 13).

Apesar da influência positiva exercida pelo texto de Hall sobre trabalhos posteriores, na medida em que ampliou e problematizou as noções até então dominantes nos estudos de recepção de mensagens mediáticas, o modelo de codificação-descodificação contribuiu também para o aparecimento de uma nova espécie de dogmatismo teórico ao longo das décadas de 1980 e 90 (Santos, Piassi, 2013, pp. 8).

Segundo Kellner, os Estudos Culturais vivenciaram neste período uma valorização incondicional da resistência do público (leitura contestadora), sem diferenciar criticamente as formas de resistência possíveis, muitas vezes perdendo de vista os efeitos manipuladores de determinados tipos de cultura dos media (Kellner, 2011, pp.10).

Assim sendo, podemos afirmar que os estudos de recepção foram marcados por

uma correção à abordagem anterior da Escola de Frankfurt, no sentido de, diferentemente do paradigma precedente, terem atentado para os momentos de resistência e contestação do público. Por outro lado, ao fetichizarem a audiência e as suas leituras de oposição, diversos estudos recentes perderam em qualidade e profundidade por não situarem os artefactos culturais no quadro de desenvolvimento do capitalismo contemporâneo, não construindo assim uma análise mais abrangente da produção da cultura e da sua economia política (Santos, Piassi, 2013, pp.8).

No que concerne aos esforços teóricos filiados aos Estudos Culturais voltados especificamente para análises textuais das mensagens mediáticas, observamos uma forte tradição que privilegia, desde a década de 60 até os dias de hoje, estudos sobre a temática das representações de grupos marginalizados nos media. Neste contexto, vários estudiosos da cultura apoderaram-se da perspectiva semiótica para abordar continuamente a problemática das representações destes grupos (mulheres, minorias étnicas e sexuais) em filmes, programas de TV e na música, em consonância com a emergência simultânea de movimentos sociais organizados em torno da luta pela igualdade entre géneros e pelos direitos civis dos negros e homossexuais. Assim, entre orientações teóricas e ação política ficou marcado o carácter combativo e comprometido dos Estudos Culturais, característica fundamental do projeto político-intelectual elaborado pelo centro de Birmingham (Santos, Piassi, 2013, pp. 8 E 9).

Mais tardiamente, e ainda no âmbito do estudo das audiências, David Morley veio desenvolver a sua teoria baseando-se, essencialmente, na questão do poder cultural. David Morley desenvolveu uma linha de crítica das severas limitações da chamada “teoria dos novos media”, defendendo que as tecnologias não têm efeitos produzidos em si, sendo antes uma questão de como certas tecnologias são institucionalizadas. Há várias forças culturais e sociais que agem para determinar isso. Como o seu trabalho demonstrou, as novas tecnologias não têm simplesmente efeitos nas pessoas, assim como os media não têm efeitos diretos nas suas audiências. A questão é: como é que certas pessoas, em certos contextos, percebem a relevância (ou irrelevância) de tecnologias de media específicas para as suas vidas, e como então escolhem usar essas tecnologias ou ignorá-las, ou até transformá-las de tal modo, para um propósito diferente do intencionado. Em qualquer dos casos, os efeitos não se produzem

diretamente (Jin, 2011).

David Morley dedicou-se a desenvolver um modelo mais satisfatório do poder dos media, tentando entender de que forma esse poder opera, em conjunto com o facto de as pessoas fazerem escolhas e as suas próprias interpretações do material que lhes é providenciado pelos media, usando a teoria não com o propósito de fazer especulações generalizadas e abstratas mas sim de forma a teorizar certa conjuntura ou situação empiricamente específica (Jin,2011). Ainda assim, Morley admite que a abstração teórica é uma poderosa, e muitas vezes necessária, ferramenta intelectual, na medida em que permite condensar o que de outro modo seria uma montanha de informação confusa, de forma a perceber os padrões subjacentes. No entanto, afirma que, ao mesmo tempo, é também uma ferramenta potencialmente perigosa, que deve ser usada com muito cuidado, de modo a não fazer mais mal do que bem, na medida em que qualquer abstração ou categorização acaba por ser sempre redutiva (Jin, 2011).

A questão é saber, então, se essa determinada abstração formal vale a pena num caso específico. Assim, Morley diz interessar-se por formas de teoria fundamentadas, procurando perceber como as coisas funcionam em contextos e circunstâncias particulares, quando as tecnologias dos media são usadas por diferentes pessoas. No entanto, admite que se deve encontrar uma forma de ver os padrões profundos (e muitas vezes escondidos) na nossa informação, não sendo positivo repudiar todas as generalizações e acabar numa complicação pós-estruturalista de contar um milhão de histórias individuais de diferenças infinitas (Jin,2011).

Morley defende um modelo em que as leituras individuais são moldadas por formações e práticas culturais partilhadas, pré-existent ao individuo, só que de um modo complexo e subtil, sendo a audiência ativa/resistente, distinguindo-se da posição defendida pela Escola de Frankfurt, que era a de uma audiência passiva/”não resistente”, que era injetada com uma ideologia prevalecente. Neste contexto, Morley interessa-se por perceber de que modo a posição social dos indivíduos determina a sua habilidade para reinterpretar ou reusar os media, explicando que a mesma vai limitar-lhes o acesso a determinados tipos de códigos culturais e de capital cultural. Ainda assim, sublinhando não defender um tipo de modelo em que os indivíduos podem livremente fazer o que lhes apetece com o que os media lhes oferecem. A classe continua a exercer

efeitos profundos na vida das pessoas, especialmente numa era em que, pelo menos em Inglaterra, taxas de mobilidade inter-geracional estão a decrescer: o que significa que a posição da classe no nascimento é cada vez mais um indicador do provável curso que a sua vida tomará. Morley admite, ainda assim, que a classe, assim como qualquer outra categorização social pode ser usada de um modo exageradamente determinista mas que isso é uma questão de como as categorias são usadas por cada um na sua análise. Morley mostra-se também aberto a aceitar que as “identidades” socioculturais que usa no seu livro como explicação para a forma como esta ou aquela pessoa interpretam um determinado programa são elas mesmas socialmente e culturalmente construídas (Jin,2011).

Contudo, Morley explica que não é tanto uma questão de perceber quem apareceu primeiro mas sim qual é a sua relação. A questão subsequente é, então, como é que podemos olhar para essas identidades em si como parte da explicação do porquê de certa pessoa, numa determinada posição, tender a ser afetada (ou não afetada) por um determinado media, ou como tende a interpretar um determinado programa dos media. Este tem que ser visto como um processo dialético entre determinação e atividade: temos apenas um certo e limitado repertório de possibilidades disponíveis mas, mesmo assim, dentro desse repertório circunscrito ainda há escolhas a serem feitas, escolhas essas que são significativas. Não se pode, então, explicar a determinação como total ou automática, pois caso contrário estaríamos a eliminar a complexidade do dialético que está no coração do processo (Jin,2011).

Para além disso, Morley afirma também que não se pode pensar nesta questão de determinismo/opção como sendo influenciados por uma mudança histórica de uma sociedade produtora para uma sociedade de consumo. Na sua perspetiva, em ambas as situações, sempre existiram e existirão os dois aspetos da questão. Isto quer dizer, mesmo na chamada “sociedade produtora” da era da cultura de massas, existiam escolhas a ser feitas; assim como, hoje em dia, na chamada sociedade de consumo, em que as pessoas podem fazer escolhas, não podemos confundir escolha com empoderamento em nenhum sentido, nem com uma perda de poder de produção (Jin,2011).

Morley interessa-se mais nas continuidades e cruzamentos entre estes ditos

períodos ou tipos de sociedade diferentes do que em aceitar simplesmente uma divisão binária clara sem problemas. Nesse sentido, Morley acaba por ser influenciado pela insistência em desconstruir e destabilizar esses binários, defendida por Derrida, e também pela sua insistência na necessidade de prestar atenção às ambivalências que atravessam o tipo de divisões binárias de que os sociologistas em particular são fãs. No geral, Morley encontra-se, então, mais preocupado e interessado na noção de como temporalidades diferenciadas coexistem em qualquer momento histórico, sendo influenciado por autores como Fernand Braudel e Raymond Williams. Neste contexto, uma questão interessante tem a ver com as diferentes sequências em que cada teórico em particular é lido em contextos culturais distintos: temos que prestar atenção aos modos de transmissão cultural e ser sensíveis às trajetórias complexas através das quais teorias particulares chegam ao domínio em diferentes circunstâncias. Não podemos, pois, presumir que o que é ou foi relevante num determinado momento num determinado lugar vá funcionar do mesmo modo ou tenha a mesma relevância em circunstâncias distintas (Jin,2011).

Assim, os estudos culturais, onde quer que sejam levados a cabo, têm de construir modos de análise que sejam relevantes para as suas próprias condições de produção num lugar particular e num determinado momento.

Para além disso, é necessário também prestar atenção ao modo como o mundo mudou significativamente desde 1970 quando o seu trabalho sobre as audiências foi levado a cabo. O modelo dos estudos culturais que foi desenvolvido em Inglaterra na altura baseou-se na premissa de uma sociedade nacional, focando-se as suas primeiras preocupações com questões de diferença de classe, género e raça entre os ingleses e com os media britânicos. Esses não deixam de ser problemas atuais, no entanto, a comunicação, hoje em dia, não é nacional no sentido em que era na altura, considerando que atualmente existem sistemas de broadcasting transnacionais, e sistemas de comunicação por satélite, o que significa que as mensagens são móveis, em todo o lado; o que não quer dizer, ainda assim, que a era “nacional” tenha terminado. Uma vez mais é preciso perceber que Morley não defende a ideia de binários claros mas sim a ideia de que ambos os cenários se misturam e que em diferentes contextos se verificam diferentes realidades. Esta é a questão que explora no seu livro “Home Territories”, que

se focou em questões de mobilidade e os media (Jin,2011).

Concluindo, aquilo que Morley defende é que não podemos pegar num modelo de análise e imaginar que o mesmo vai automaticamente ajudar-nos a entender a situação noutra cultura num tempo diferente, sem uma adaptação contextual. Contudo, por outro lado, não temos necessidade de imaginar que vivemos num mundo totalmente diferente em que as teorias anteriores de nada nos servem. Há sempre um pânico moral sobre o último “novo” media e os seus supostos efeitos e muitos dos problemas que enfrentamos hoje têm precedentes históricos que têm de ser considerados. Assim, Morley defende o desenvolvimento de um muito mais sério conjunto de perspetivas históricas e comparativas dentro dos estudos culturais.

Capítulo II - Diversidade Cultural e Religiosa: os muçulmanos enquanto minoria religiosa, em Portugal e Inglaterra

2.1. O multiculturalismo/interculturalismo na Europa

No geral, o multiculturalismo refere-se a situações em que pessoas com diferentes hábitos, costumes, tradições, linguagem ou religião vivem lado a lado, no mesmo espaço social, determinadas a manter aspetos relevantes da sua própria diferença e a tê-los publicamente reconhecidos. Normalmente, o termo envolve uma avaliação positiva da diversidade cultural e o compromisso institucional para a sua preservação. O multiculturalismo é normalmente associado a “políticas de identidade”, “políticas de diferença” e “políticas de reconhecimento”, as quais consideram o reconhecimento apropriado da diversidade cultural um passo necessário para a reavaliação de identidades desrespeitadas e para a mudança de padrões dominantes de representação e comunicação que marginalizam certos grupos. De facto, o tipo de diferença a que o multiculturalismo dá relevo e o reconhecimento que reclama podem ser muito díspares. Ainda assim, apesar das diferenças substanciais subjacentes ao reconhecimento reclamado por grupos indígenas ou por imigrantes, todos eles, ainda que em medidas

diferentes, levantam os mesmos problemas (Colombo, 2015, pp.4):

- i) A promoção de uma inclusão mais democrática, assegurando igual acesso e participação a todos os membros da sociedade, sem subordinar a inclusão à assimilação em grupos majoritários;
- ii) O ultrapassar de anteriores relações de dominação e exclusão não democráticas e ofensivas, reconhecendo a violência e exploração pelos membros do grupo dominante que impôs as suas próprias regras e ideias, apresentando-as como naturais e universais;
- iii) Participar no debate sobre as “regras do jogo” para a participação e ter voz na construção de uma mais justa e igual sociedade;
- iv) Assegurar o reconhecimento adequado e respeito pela diferença cultural, combatendo os estereótipos e preconceitos que retratam os grupos minoritários de forma negativa e que encurralam os membros de grupos minoritários em identidades menosprezadas;
- v) O reconhecimento do direito a ser diferente, a ter crenças religiosas, identidades sexuais e preferências diferentes, identidades plurais e múltiplas nacionalidades sem ser discriminadas ou excluídas;
- vi) Dar relevo à cultura, grupos culturais, e direitos culturais, e não só a direitos individuais.

O multiculturalismo constitui, assim, um desafio enquanto abre a construção da nossa própria identidade quando nos confrontamos com a imagem que os outros têm e transmitem de nós. Deste modo, entre a exigência de reconhecimento da particularidade e preciosidade de cada cultura e a necessidade de reentender os estereótipos que não permitem um encontro verdadeiro, o multiculturalismo desafia-nos a reler as raízes da nossa identidade ocidental e a sua crise, que se revela numa cultura pós-moderna.

O encontro de mundos e culturas diferentes é hoje uma verdade universal. No entanto, continua a ser um desafio de alguma sensibilidade, porque levanta uma questão decisiva e urgente sobre a nossa própria identidade e sobre a identidade do outro; sobre o encontro com o outro, que nunca é simples, automático ou garantido, mas sim um encontro com diversas resistências, que requer a busca por um terreno comum de diálogo que ultrapasse a tentação de cair em conclusões fáceis, categorizações

preconceituosas e rígidas.

O grande desafio do multiculturalismo está precisamente nestas reações complexas e nem sempre conscientes. O multiculturalismo representa um desafio exatamente por abrir a construção da nossa identidade em função da imagem que o outro também tem de nós: a simples presença do “outro”/ “diferente”, mesmo quando a ignoramos, não nos deixa indiferentes, aliás, acaba por nos atingir e modificar.

Ainda assim, apesar dos vários desafios que tem vindo a enfrentar, vários estudos têm demonstrado um aumento das políticas multiculturais na Europa ocidental, assim como uma opinião pública mais favorável à sociedade multicultural. No entanto, ao mesmo tempo que o multiculturalismo tem avançado pela Europa nas últimas duas décadas, tornou-se também controverso – tanto como política como na teoria. Em termos políticos, reclama-se uma “integração” e coesão social mais forte, sendo que muitos críticos culpam o multiculturalismo por falhar em criar sociedades integradas e coesas, por adaptar práticas culturais imorais e por favorecer o relativismo cultural. Em termos teóricos, é criticado por ter um entendimento essencialista da cultura e por dar ênfase às diferenças culturais, o que promove um multiculturalismo plural. Resumindo, os críticos têm argumentado que o foco do multiculturalismo no reconhecimento de identidades de grupo, adaptação de práticas religiosas e a preocupação com a apreciação da diversidade cultural tem conduzido à segregação entre grupos étnicos nas sociedades europeias e a uma falta de coesão comunitária (Stokke & Lybæk, 2016, pp.3).

É, então, neste contexto, que surge o conceito de interculturalismo, visto por alguns como uma alternativa ou mesmo solução que vem colmatar as atuais “falhas” do multiculturalismo. O “Livro Branco sobre o Diálogo Intercultural”¹ do Conselho da Europa (2008) pode ser visto como uma resposta às críticas ao multiculturalismo, demonstrando como este último, enquanto política, tem sido inadequado e propondo o interculturalismo como alternativa (Stokke & Lybæk, 2016, pp.4).

Enquanto conceito teórico, o interculturalismo tem sido comumente usado no contexto da comunicação intercultural, e especificamente nas áreas da educação e trabalho social. O entendimento intercultural foca-se em práticas culturais sensíveis que

¹Ver

http://www.coe.int/t/dg4/intercultural/Source/Pub_White_Paper/WhitePaper_ID_PortugueseVersion2.pdf

afirmam a diversidade e enfatizam atitudes de abertura e respeito perante o outro, flexibilidade, tolerância, participação e uma atitude crítica e informada acerca do “background” cultural próprio de cada um (Stokke & Lybæk, 2016, pp.4).

Na Europa, o “Papel Branco do Conselho da Europa” (2008) foi redigido com foco na comunicação e entendimento intercultural, defendendo que a habilidade para se comprometer com o diálogo intercultural pode ser aprendida. Assim, o desenvolvimento da competência intercultural tornou-se uma prioridade na área da educação ligada à educação para uma cidadania democrática e sensibilização para os direitos humanos (Stokke & Lybæk, 2016, pp.4).

O interculturalismo afirma, assim, a diversidade cultural e enfatiza a comunicação e a construção de relações entre diferentes grupos culturais, étnicos e religiosos, sendo que os seus objetivos são o de contrariar os processos de segregação e exclusão que presumidamente têm lugar em sociedades culturalmente diversas, ao mesmo tempo que promove valores democráticos e respeito pelos direitos humanos através de uma interação positiva entre grupos e indivíduos (Stokke & Lybæk, 2016, pp.4).

No entanto, no debate no *Jornal de Estudos Culturais*, Meer and Modood argumentaram contra a alegada superioridade do interculturalismo como novo paradigma para a gestão da diversidade. No seu artigo, disputam quatro argumentos apresentados na defesa do interculturalismo (i) que promove a interação e diálogo mais que o multiculturalismo; (ii) que é menos “grupista” que o multiculturalismo; (iii) que é mais comprometido com o todo; (iv) que é crítico das práticas não liberais, o que o multiculturalismo não parece ser), mostrando assim como o diálogo intercultural é parte integrante e fundamental de algumas formas de multiculturalismo, como o “multiculturalismo político” de Modood, que se preocupa em dar voz às minorias na esfera pública (Meer & Modood, 2012).

Para além disso, defendem que, enquanto o diálogo intercultural se foca nos indivíduos, as políticas interculturais também se focam nos grupos, defendendo que os governos também devem facilitar diálogos institucionais entre comunidades de diferentes fés e etnias, o que é um dos pontos fulcrais do multiculturalismo, que em vez de promover sociedades paralelas se preocupa em remarcar a identidade e unidade nacional para a tornar mais inclusiva (Meer & Modood, 2012).

As versões do multiculturalismo de Meer e Modood comprometem-se do mesmo modo com a integração, convergências na diferença e sociedades nacionais inclusivas, assim como o interculturalismo (Meer & Modood, 2012).

A versão de multiculturalismo de Modood reconhece ambos os indivíduos e grupos e reclama o reconhecimento dessas identidades que os próprios grupos consideram importantes. Como tal, o multiculturalismo significa o reconhecimento público das diferenças de grupo (não só privadas ou individuais) combinadas com uma integração macro-simbólica (identidade nacional inclusiva para além das dimensões estruturais e materiais dos direitos legais, discriminação no mercado laboral) (Modood, 2011).

2.2. Muçulmanos, uma minoria religiosa em Portugal

Nas últimas décadas, os muçulmanos da Europa moderna demonstraram capacidades notáveis na edificação de comunidades e nos processos de institucionalização, quer isto dizer, adotaram determinados costumes e padrões europeus, mantendo ao mesmo tempo hábitos e padrões religiosos e culturais distintos da cultura dominante, o que também se verifica em Portugal (Tiesler, 2000).

Assim como noutros países europeus, os muçulmanos religiosamente ativos em Portugal não tentam de algum modo ocultar os seus costumes culturais (que os demarcam da sociedade dominante). Contudo, a característica mais marcante desta nova presença islâmica em Portugal é o seu silêncio e o silêncio em seu torno. Ainda assim, tal não significa que a mesma tenha vindo a ser ignorada pela imprensa nem que os muçulmanos tenham sido propositadamente postos de parte nas atividades sociais e debates públicos, nem mesmo que as autoridades islâmicas em Portugal tenham sido desrespeitadas pelos representantes do estado português (Tiesler, 2000, pp. 14).

Em Portugal, a proveniência de muçulmanos é diversificada: Marrocos, Argélia, Guiné, Moçambique, Angola e países árabes², tendo sido a Comunidade Islâmica de Lisboa constituída em 1968 por um grupo de jovens estudantes muçulmanos, oriundos das ex-colónias, que na altura se encontravam a estudar em Portugal, nomeadamente em

² Ver <http://comunidadeislamica.pt/pt/comunidade-islamica/comunidade-islamica-em-portugal/quantos-somos>

Lisboa.³

À semelhança do que acontece noutros países da Europa, os muçulmanos em Portugal têm-se mostrado ativos em questões sociais, culturais e religiosas, mas contrariamente à situação noutros países europeus, aqui o novo panorama sociocultural não permite perceber aquilo com que a investigação social tem que se defrontar: aspetos cruciais comuns que se manifestaram no novo encontro entre muçulmanos e não muçulmanos nas atuais sociedades capitalistas (e cristãs) europeias. Em Portugal, aparentemente, este encontro não só não suscitou tensões como não atraiu particular atenção. É difícil encontrar um país ocidental em que a nova presença islâmica, independentemente da sua dimensão, seja tão consistentemente ignorada pela imprensa, investigação social, negociações políticas ou diálogos interculturais/religiosos (Tiesler, 200, pp. 1 e 2).

Numa primeira análise, poderíamos afirmar que a resposta reside no número de imigrantes e cidadãos muçulmanos em Portugal, que é efetivamente muito pequeno quando comparado com a situação noutros países. Isto explica que não haja um parlamento ou conselho muçulmano, como em Inglaterra, nem organizações estudantis muçulmanas, grupos femininos muçulmanos e nenhuma negociação sobre educação islâmica em escolas públicas, como existe na Alemanha, Áustria, Espanha, Inglaterra, etc. No entanto, esta pode não ser a única razão por trás da pouca atenção e relevância dada a esta questão (Tiesler, 2000, pp. 2).

2.2.1. O caso português numa perspetiva comparada europeia

Só em meados dos anos 80 os académicos começaram a ver possibilidades válidas de pesquisar as questões levantadas pela presença muçulmana na Europa. No entanto, inicialmente, os estudos eram principalmente empreendidos por países com maior densidade populacional imigrante, tal como a França, a Inglaterra, a Alemanha, os Países Baixos, a Bélgica e, por vezes, a Suécia. Assim, só nos anos 90 é que se verificou um grande avanço na investigação, mesmo assim ausente em países com uma presença muçulmana menos significativa, como os casos de Portugal, Irlanda e Luxemburgo

³ Ver <http://comunidadeislamica.pt/pt/comunidade-islamica/comunidade-islamica-em-portugal/cil-comunidade-islamica-de-lisboa>

(Tiesler, 2000, pp.2).

Atualmente, em França existem entre 3 e 4 milhões de muçulmanos, o correspondente a quase 7% da população total; entre 2 e 2,5 milhões de muçulmanos vivem na Alemanha (2,5% a 3%) e cerca de 1,5 milhões na Grã-Bretanha (2,6%). Mesmo os países com uma população muçulmana mais pequena, apresentam uma percentagem mais elevada de muçulmanos relativamente ao total da população (ex. Irlanda e Luxemburgo) (Tiesler, 2000, pp.3).

Apesar de, a partir de meados dos anos 80, Portugal ter começado progressivamente a focar-se em temas de investigação social associados ao enorme fluxo migratório, a presença de grupos religiosos não cristãos desempenhava no máximo um papel secundário nos estudos sobre grupos imigrantes etnicamente definidos, que eram inseridos em projetos académicos por urgência de razões socioeconómicas (Tiesler, 2000, pp.3).

Até hoje os grupos muçulmanos foram secundarizados em relação a outras minorias, no domínio da pesquisa social. Por razões compreensíveis, a atual situação em Portugal chama mais a atenção, por exemplo, para os ciganos e timorenses (Tiesler, 2000, pp.4).

Ainda assim, contabilizando todos os muçulmanos em Portugal, incluindo a heterogénea comunidade sunita e os ismaelitas, temos, no máximo, cerca de 38 mil. Além disso, a maioria habita em Lisboa e respetivos subúrbios, principalmente na periferia e na Baixa, pelo que o seu modo de vida é visível em Lisboa, tal como noutras metrópoles europeias (Tiesler, 2000, pp.4).

Assim como se verifica noutros países da Europa Ocidental, a nova presença islâmica em Portugal é um fenómeno recente de imigração. Considerando o seu tamanho, as comunidades islâmicas portuguesas têm sucedido em estabelecerem a sua rede de relações e em se institucionalizarem (Tiesler, 2000, pp.4).

Deste modo, a expressão “nova presença islâmica” traduz-se no fenómeno histórico recente de uma população muçulmana em constante crescimento nos países que, na época da Guerra Fria, formavam a “Europa Livre”. Para além disso, a expressão traduz a ideia de que não se trata de uma primeira e única presença islâmica na Europa, mas sim que ajuda a distinguir as novas culturas muçulmanas nas sociedades europeias

de presença tradicional islâmica, por um lado, e da presença islâmica histórica na Península Ibérica, por outro (Tiesler, 2000, pp.4).

Os muçulmanos em Portugal adaptaram-se facilmente, tal como outras novas presenças islâmicas (da Grã-Bretanha, França e Holanda) que imigraram para a metrópole na sequência da descolonização, poucos problemas de língua tiveram que enfrentar (Tiesler, 2000, pp.5).

Devido à sua pequena população, a nova presença islâmica portuguesa não revela o padrão das comunidades locais. Fluxos mais pequenos e movimentos migratórios individuais, durante os finais dos anos 80 e nos anos 90, conduziram à reunião de muçulmanos de vários países subsarianos, norte-africanos, árabes e alguns sul-asiáticos, na mesquita central. Ainda que as comunidades fora de Lisboa estejam organizadas independentemente e tenham edificado as suas próprias associações, a CIL continua a desempenhar um papel central. Assim, embora este papel representativo não esteja formalmente registado, é principalmente a CIL que gere as relações com não muçulmanos (Tiesler, 2000, pp.6).

A política da auto-estimada comunidade não é de nenhuma forma hostil, perante o seu meio ambiente, dando entrevistas pacientemente sempre que lhes pedem comentários sobre acontecimentos e crises internacionais, de algum modo ligados ao mundo islâmico, utilizando esta atenção para explicar a sua religião e acentuar a sua negação — e demarcação — de movimentos políticos extremistas (Tiesler, 2000, pp.6).

2.3. Muçulmanos, uma minoria religiosa em Inglaterra

Hoje em dia, há um entendimento geral de que a Inglaterra é uma sociedade multicultural, mas o que é que isso significa?; como é efetivo na prática?; e que questões levanta acerca do racismo institucional, cidadania e identidade nacional? Será que podemos falar com coerência sobre “comunidades coesas”? Como são estas definidas – por raça?etnia?origem nacional?ou religião?

A caracterização destas relações pós-migração na Inglaterra, pelo menos até finais dos anos 80, assentava na ideia de que o “racismo de cor” definia a relação, que era um dualismo racial branco-negro. Com a fragmentação dos “negros” em “negros e

asiáticos” e, mais tarde, com o surgimento de identidades religiosas como os Sikh e os muçulmanos, desenvolveu-se uma situação mais pluralista. Tornando-se cada vez mais evidente que os asiáticos do sul, especialmente os muçulmanos, dão à religião, mais do que às origens nacionais, uma enorme importância e considerando uma série de crises políticas recorrentes envolvendo muçulmanos, mais do que asiáticos ou não-brancos, o termo “asiático” deixou de ser relevante como categoria política, tendo os “muçulmanos” surgido como a mais proeminente categoria comunitária (Modood & Ahmad, 2007, pp.1).

A demografia tem tido também um papel relevante aqui visto que, nos Censos de 2001, os muçulmanos eram já tão numerosos como outras minorias não-cristãs, o que levou a levantarem-se questões sobre tolerância e a conformidade que uma cultura dominante que aspira a ser liberal, democrática e inclusiva pode requerer de culturas minoritárias; se será necessário um novo e mais extenso conceito de racismo que incorpore a hostilidade contra os muçulmanos; e sobre o lugar da religião na cultura política e instituições (Modood & Ahmad, 2007, pp.1 e 2).

Todas estas questões, que são centrais para a construção de um multiculturalismo viável em Inglaterra, foram evidenciadas com o 11 de Setembro de 2001 e as suas repercussões. Têm havido imensos relatórios de perseguição e ataques contra muçulmanos; e os muçulmanos, que tenham expressado tanto vulnerabilidade como rebeldia, tornaram-se um foco de preocupação e debate nacional. Os próprios ingleses muçulmanos depararam-se com o facto de agora terem de suportar o fardo de uma nova onda de suspeitas e hostilidade. Tem havido um questionamento generalizado sobre se os muçulmanos serão capazes e estarão dispostos a integrarem-se na sociedade britânica e nos seus valores políticos, resultado da ansiedade acerca do terrorismo (Modood & Ahmad, 2007, pp.2).

Assim, desde a viragem de século que todo o ambiente de passividade, até mesmo complacência e satisfação, se tornou num vulcão em erupção. Esta é não só uma re-emergência de questões e argumentos antigos mas sim algo qualitativamente diferente, passando de uma questão de quantos estrangeiros pode a Inglaterra aceitar para o que significa ser inglês num mundo completamente diferente. O aumento de poderes da União Europeia, a devolução de poderes às nações e regiões, o 11 de Setembro e a

portabilidade internacional do conflito e do medo, assim como as histórias assustadoras dos media sobre o asilo serviram todas para abalar o sentido de equilíbrio. Deste modo, podemos perceber que a Inglaterra deixou de parecer um local tão em paz consigo mesmo como se julgava e as pessoas começaram a procurar bodes expiatórios (Wood & Landry & Bloomfield, 2006, pp.12).

No entanto, em 2006, o multiculturalismo voltou a ser tema de debate, sendo que muitos vêm agora no multiculturalismo a falha em realizar um sonho que havia prometido (Wood & Landry & Bloomfield, 2006, pp.13).

Assim, a acusação feita agora ao multiculturalismo é a de que criou um falso sentido de harmonia ao estabelecer um sistema para a distribuição de poder e recursos, que funcionou por um tempo, mas que foi incapaz de se adaptar à mudança, e que impercetivelmente passou de ser parte da solução para parte do problema. Particularmente a um nível local, discute-se que o sistema encorajou a criação de comunidades cultural e espacialmente distintas lideradas por “líderes comunitários”, e que essa diferença se tornou a grande tendência pela qual a importância foi julgada e através da qual se progrediu. Por outras palavras, na distribuição de bens, aparentemente, havia pouco a ganhar com a integração e tudo a ganhar com a diferença e a não-mistura, o que se demonstrou extremamente desafiante para os membros da segunda e terceira geração de tais comunidades que sentiram a dificuldade de encontrar um lugar que reconhecesse ou recompensasse os seus novos, muitas vezes híbridos, sentidos de identidade frequentemente seguidos de alheamento (Wood & Landry & Bloomfield, 2006, pp.13 E 14).

Outra acusação é que, longe de ser um sistema que fale por toda a sociedade inglesa, o multiculturalismo fala apenas pelas minorias. Isto serviu para manter o exotismo e essencialismo das culturas minoritárias impedindo uma conversa bilateral com a cultura britânica. É também acusado de ter desvalorizado e alienado a cultura da classe branca trabalhadora, conduzindo-os para longe do objetivo de tolerância e para os braços dos extremistas (Wood & Landry & Bloomfield, 2006, pp.14).

Debater sobre se o multiculturalismo deve permanecer intacto, ser modificado ou substituído por outra coisa pode ser retratado como um exercício bastante teórico. Isto seria lamentável porque, enquanto não é importante que “ismo” adotar, o debate atual

reflete a interação de ideias enormemente importantes sobre como desejamos que a sociedade funcione e os valores que a sustentam (Wood & Landry & Bloomfield, 2006, pp.14).

Desde os distúrbios de 2001, em particular, o ênfase no debate tem sido em torno da questão sobre como resolver os problemas de uma sociedade da qual várias pessoas são ou excluídas ou excluíram-se a elas próprias. A “coesão comunitária” tornou-se a resposta oficial e o trabalho a nível nacional e local focou-se em alvos idênticos (Wood & Landry & Bloomfield, 2006, pp.14):

- i) Formular uma série de valores Ingleses comuns dos quais brotam uma série de direitos cívicos, responsabilidades e direitos;
- ii) Reformar as estruturas e práticas de governação a um nível local por um sistema baseado na cooperação e interação interétnica.

Outros foram mais longe, defendendo que o futuro reside não em descobrir melhores formas de integrar forasteiros na sociedade britânica mas, fundamentalmente, em reavaliar o que se entende ser a sociedade britânica. Noutras palavras, que a cultura britânica e os seus valores não podem ser reduzidos a uma série de princípios imodificáveis, mas que é antes uma entidade em constante evolução e transformação que responde ao decorrente processo de hibridização trazido pela aceleração da mudança. Como tal, de acordo com esta linha de pensamento, o que vai manter os britânicos juntos não é a cola social dos valores comumente partilhados, mas a ponte social dos futuros partilhados (Wood & Landry & Bloomfield, 2006, pp.14 E 15).

Capítulo III - Media e Diversidade Cultural e Religiosa: A imprensa e os muçulmanos em Portugal e Inglaterra

A perceção e imagens que temos de outros grupos étnicos, raciais, religiosos, ... afeta verdadeiramente as expetativas que temos em relação aos mesmos, os nossos julgamentos e comportamentos, pelo que é importante refletir sobre a forma como percecionamos o outro e como a imagem que temos dos “outros” influencia as nossas emoções, sentimentos e atitudes, assim como tentar compreender como foram criadas estas perceções, em primeiro lugar, e como as mesmas são transmitidas para outros. De

acordo com a psicologia social, é importante entender que estas percepções estão diretamente relacionadas com três conceitos: estereótipos, preconceitos e discriminação. A percepção e o discurso social tendem a reproduzir e manter os mecanismos em que a discriminação assenta.⁴

Os estereótipos atribuem certas características a um grupo específico com a visão de generalizar a sua aparência, comportamento, costumes, etc. e estes podem ser positivos, negativos ou mesmo neutros. A verdade é que, devido a uma série de características que os compõem, estes tornam-se persistentes e difíceis de mudar.

Importa perceber, ainda, que os processos cognitivos sozinhos não justificam o porquê de tanta gente partilhar os mesmos estereótipos, pelo que são apontados como responsáveis outros agentes sociais como a família, a escola e os media. Assim, e resumindo, os estereótipos surgem da falta de informação e ignorância. Deste modo, como construtores da imagem social, os media contribuem para a perpetuação da imagem social de grupos e desempenham um papel importante na criação de atitudes positivas e negativas relativamente a outras culturas. Assim, o princípio da verdade torna-se essencial e imperativo no processo de recolha, processamento e disseminação da informação, com vista a garantir os direitos fundamentais que possam ser afetados pelo desfecho de tal informação⁵.

Neste contexto de responsabilidade social, estabeleceram-se uma série de mecanismos de modo a autorregular a atividade jornalística, como códigos éticos e deontológicos, normas profissionais, manuais ou livros de estilo, manifestos e declarações. Para além disso, a figura do defensor dos leitores, espectadores e ouvintes tem vindo a ganhar importância.

Contudo, e em primeiro lugar, precisamos entender o que é afinal a diversidade cultural e o que devemos perceber como diálogo intercultural para podermos, posteriormente, compreender e questionar o papel do jornalismo de sociedade neste âmbito.

⁴ Ver “A practical guide for journalists – Equal treatment, the media and Roma community”, Fundación Secretariado Gitano, 2010, in https://www.gitanos.org/upload/76/03/GUIA_english.pdf

⁵ Ver “A practical guide for journalists – Equal treatment, the media and Roma community”, Fundación Secretariado Gitano, 2010, in https://www.gitanos.org/upload/76/03/GUIA_english.pdf

Como já vimos, a diversidade cultural é uma característica marcante das sociedades contemporâneas devido, sobretudo, à globalização. No plano internacional, esta tem sido comemorada como fonte de riqueza, na tentativa da promoção do respeito entre os diferentes povos e de descartar a ameaça de um choque civilizacional. No entanto, apesar do consenso a nível internacional, no que respeita ao plano interno dos Estados esta continua a ser vista mais como um problema, fonte de algumas tensões sociais (Jerónimo, 2014, pp.1). Isto porque o diálogo com “o outro” implica uma abertura que significa uma transformação recíproca (Cabecinhas & Cunha, 2008, pp.9) . Contudo, cumpre também perceber que os Estados respondem de forma diferente aos desafios suscitados pela diversidade cultural, dependendo da sua história e da composição das suas populações.

Perante esta realidade é, então, urgente que as sociedades vivam num clima de entendimento e respeito mútuo, o que segundo alguns autores passa pela afirmação do princípio da interculturalidade. Mas o que devemos entender, então, por interculturalidade? De acordo com alguns autores, esta refere-se à dinâmica das relações que se estabelecem no contexto da diversidade cultural (Padilla, França, 2014, pp.15), sendo, portanto, o interculturalismo o modelo de gestão da diversidade cultural que assenta no diálogo entre as diferentes culturas (Jerónimo, 2014, pp.3). Assim, percebe-se, então, a importância do diálogo intercultural na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde a identidade cultural dos indivíduos é tida em consideração como relevante para a compreensão e tratamento justo dos problemas. Ainda assim, resta saber até onde irá esta abertura ao diálogo com o outro e de que modo é que o reconhecimento da igual dignidade de todas as culturas se traduz em concreto no plano da comunicação.

Deste modo, um dos tópicos que tem ocupado os estudos da interculturalidade é precisamente o da comunicação intercultural. De acordo com Alicia Barabas, esta consiste numa habilidade comunicativa genérica que nos permite a todos ser flexíveis e abertos na adaptação às interações interculturais. Assim, esta comunicação deve promover uma reflexão crítica sobre os nossos valores, cultura e atitudes sem preconceitos para com a diferença, pelo que se torna crucial conhecer a história, valores, instituições e sistemas de conduta das outras sociedades. É, então, com este

conhecimento cultural do “Outro” que a interculturalidade é possível e que se destroem estereótipos e preconceitos negativos que costumam ser resultado da ausência de informação de qualidade acerca dos modos de vida culturais daqueles com os quais se convive (Barabas, 2014, pp. 5 e 6).

Neste contexto, deverá, então, o jornalismo revelar uma preocupação especializada com a diversidade cultural? Qual deve ser o seu papel na desconstrução de estereótipos e na promoção do diálogo intercultural? Contribuirá a maior diversidade na cobertura para um entendimento cultural maior?

Alguns autores defendem a ideia de que o bom jornalismo deve, independentemente da área de especialização, incorporar sistematicamente uma preocupação de equilíbrio face à diversidade, dando voz a todos, exigindo não uma mera cobertura da diversidade (como forma de contrariar a negatividade gerada em torno de certos grupos minoritários) mas sim diversidade na própria cobertura. No entanto, para tal, Ana Cristina Pereira e Mike Jempson defendem que deve existir uma posição proactiva dos profissionais do jornalismo, no sentido de debater e concretizar alguns dos desafios que a profissão apresenta atualmente, o que implica um compromisso com a responsabilidade social do jornalismo por parte de todos os envolvidos no processo de criação jornalística. Contudo, os mesmos autores entendem também que tal dificilmente será alcançado sem pressão por parte dos cidadãos (Jempson & Pereira, 2014).

Assim, a diversidade nos media é compreendida, acima de tudo, como uma questão de respeito, no sentido em que todos têm o mesmo direito a serem vistos, ouvidos e aceites, por serem seres humanos, com direitos humanos.

A verdade é que a diversidade é a realidade do dia-a-dia, principalmente nos dias de hoje, com o aumento da mobilidade; e o peso que os media têm na construção da realidade passa quase despercebido mas é real, pelo que é fundamental sensibilidade jornalística relativamente a esta questão. Contudo, os maiores obstáculos à cobertura jornalística da diversidade têm mostrado ser uma vida inteira de crenças, preconceitos e estereótipos e a dificuldade em alcançar algumas minorias, relutantes em participar.

3.1. O caso da imprensa portuguesa

O número de muçulmanos em constante crescimento é visto como um dos fenómenos mais marcantes da Europa moderna, principalmente numa altura em que a Europa procura estabelecer o que é tido como a sua "identidade cultural". Contudo, e infelizmente, as razões para uma crescente atenção estão associadas a questões lamentáveis da política e da religião e de uma equalização indiferenciada dos chamados fundamentalistas. Percepções generalizadas de "o outro/o estranho" e historiografias tendenciosas conduzem a estes preconceitos. Aqui, acima de tudo os media desempenham um papel relevante (Tiesler, 2000, pp.6 e 7).

“Entre Fevereiro de 1991 e Agosto de 1996, o *Público*, por exemplo, publicou vinte e seis artigos que mencionavam as comunidades islâmicas locais, onze dos quais abordando exclusivamente questões relacionadas com as comunidades islâmicas portuguesas. Como regra geral, nos últimos dez anos, pelo menos dois dos jornais portugueses publicaram artigos sobre a nova presença islâmica, por ocasião do início (ou do final) do Ramadão. Normalmente, apresentavam uma análise breve da presença muçulmana (o número e origem dos muçulmanos, as suas instituições, etc.) e uma explicação sobre a festa islâmica, baseada numa declaração de um imã português, normalmente o Xeque Munir.” (Tiesler, 2000, pp.14)

Sempre que o Islão surgia como destaque das agendas públicas internacionais, a imprensa portuguesa fazia questão de pedir aos principais representantes da comunidade islâmica que comentassem e explicassem a complexa relação entre questões políticas e religiosas e o seu ponto de vista sobre a questão (Tiesler, 2000, pp.14).

Assim como em outros países europeus, os muçulmanos religiosamente activos em Portugal não abandonam nem tentam ocultar os costumes culturais que os afastam da sociedade dominante. Ainda assim, caracteriza-os o seu silêncio e o silêncio em seu torno. No entanto, tal não significa que a presença muçulmana tenha vindo a ser ignorada pela imprensa nem que os muçulmanos tenham sido conscientemente excluídos de atividades sociais e debates públicos, nem tão-pouco que as autoridades islâmicas portuguesas não tenham sido respeitadas pelos representantes do estado português (Tiesler, 2000, pp.14).

Desde cedo que, em conjunto com outras minorias religiosas, mesmo que em

segundo plano, os muçulmanos portugueses participam em debates sobre liberdade religiosa e questões com ela relacionadas. A partir do início dos anos 90, os debates sobre a reforma da lei de liberdade religiosa passaram a ser foco da imprensa portuguesa. Em 1996, a Comissão de Reforma da Lei de Liberdade Religiosa do governo (CRLLR) convidou todas as profissões de fé e associações religiosas registadas na lista do Ministério da Justiça, para apresentar propostas e declarações para a reforma da lei (Tiesler, 2000, pp.14).

De acordo com Tiesler, se analisarmos os artigos de jornais portugueses publicados nos últimos vinte anos, podemos concluir que as minorias religiosas não cristãs (sobretudo muçulmanos e os hindus) não produziram, regra geral, temas controversos na imprensa. A autora considera não terem tido qualquer impacto significativo na sociedade portuguesa, excetuando o facto de estarem representados na "população imigrante"(Tiesler, 2000, pp.15).

3.2. O caso da imprensa britânica

Os muçulmanos e o islão têm ocupado um papel central nos media britânicos na sequência do caso de Slaman Rushdie, dos distúrbios de 2001, dos conflitos no Médio Oriente e da guerra global ao terror. Participando também em questões sobre multiculturalismo, crime, educação e escolas religiosas, imigração, e mulheres reprimidas associadas ao debate da Burqa, os Muçulmanos têm sido foco de numerosos assuntos públicos e denúncias. O retrato dos muçulmanos tem sido largamente negativo e estereotipicamente informado em grande parte das vezes por um discurso islamofóbico virulento e racial. Esta preocupação tem sido vocalizada por mutis grupos de advocacia muçulmanos, organizações, académicos e ativistas, que defendem que as representações dos muçulmanos nos media britânicos são persistentemente negativas, injustas e discriminatórias e que consequentemente têm contribuído para o estabelecimento de um clima geral de medo ou pânico moral (Sian & Law & Sayyid, 2012, pp. 2)

O foco dos media nos muçulmanos e no Islão é evidente pelo Mundo, no contexto britânico a centralidade dos media nos muçulmannos tem, segundo Elizabeth Poole,

sido ocupada por uma relação baseada na inclusão e exclusão. Para Poole, a crescente visibilidade da presença muçulmana estabeleceu o que refere como uma crise de identidade nacional que tem resultado na construção da ideia dos muçulmanos como uma ameaça para os não-muçulmanos. Esta ameaça ideológica (na Inglaterra) permite aos muçulmanos serem reprimidos (Poole, 2011).

A extensa pesquisa de Poole neste campo identifica as ligações entre a construção dos muçulmanos com a construção geral de grupos étnicos minoritários nos media, que são em grande parte representados numa framework conflituosa negativa ofuscada por tropos racistas ligados a crime, violência e imigração (Poole, 2011).

Desde o trabalho pioneiro de Stuart Hall (“Policing the crisis”, 1978) tem havido um certo reconhecimento de que o racismo, o policiamento e o sensacionalismo da cobertura mediática ajudaram a produzir uma associação entre juventude minoritária etnicamente marcada e formas específicas de comportamento criminal (Sian & Law & Sayyid, 2012, pp. 2).

Após os anos 70, podemos observar uma alteração neste padrão de associação de juventude pertencente a minorias étnicas com o crime, na medida em que esse ênfase foi passando do “negro assaltante” para o “Brasiático”, ou mais especificamente, o muçulmano problemático (Sian & Law & Sayyid, 2012, pp. 2 e 3).

De acordo com Kerry Moore, Paul Mason e Justin Lewis que analisaram a cobertura dos muçulmanos pela imprensa no período entre 2000 e 2008, e que continuam a monitorizar como estes são representados na imprensa, o modo como os muçulmanos são discutidos ou falados na imprensa tende a ser num contexto claramente bastante negativo, como o terrorismo – o choque entre o Islão e a Cristandade -; o Islão enquanto religião extremista, o que demonstra o enquadramento negativo dos muçulmanos na imprensa britânica (Moore & Mason & Lewis 2008).

Os anos 2005 e 2006 foram cruciais para a relação entre a Inglaterra e a sua minoria muçulmana, na sequência dos ataques terroristas de 7 de Julho de 2005 em Londres: a lealdade muçulmana foi questionada; os líderes muçulmanos colocados sob pressão; a maioria da população acusada de islamofobia; o governo debateu-se para alcançar um compromisso entre combater o terror e manter a coesão social; e questões foram colocadas sobre o sucesso das políticas de integração britânicas (Sobolewska &

Ali, 2012, pp.2).

Em tudo isto, o público Inglês procurou desesperadamente por uma ideia do que os muçulmanos britânicos realmente pensavam e de quantos poderiam ser uma ameaça. De forma a satisfazer esta curiosidade, foram conduzidas mais pesquisas sobre a opinião pública muçulmana entre Julho de 2005 e Dezembro de 2006 do que alguma vez, pesquisas estas, no entanto dúbias, muitas vezes conduzidas pelos media e refletindo os resultados a opinião que os mesmos queriam mostrar, ao colocarem e determinarem as questões de pesquisa num determinado sentido/com uma certa orientação (Sobolewska & Ali, 2012, pp.2).

Capítulo IV - O Jornalismo Político

4.1. Jornalismo

Numa visão global da trajetória histórica do jornalismo em democracia podemos apontar três vias fundamentais do seu desenvolvimento: i) a sua expansão (séc XIX e XX); ii) a sua comercialização (séc. XIX); iii) e a sua profissionalização e consequente definição das notícias tendo em conta valores e normas indicadores do papel social da informação em democracia.

i) A expansão da imprensa – Ao longo do séc. XIX, a grande função da imprensa era a de fornecer informação e não propaganda, surgindo assim uma série de valores que ainda hoje se identificam com o jornalismo, como a procura da verdade, a independência, a objetividade e uma ideia de serviço ao público.

ii) Comercialização da imprensa – Ainda durante o séc. XIX, sobretudo com a criação da chamada *penny press*, os jornais passam a ser tidos como um negócio lucrativo.

iii) Profissionalização dos jornalistas – Esta profissionalização está associada ao surgimento do primeiro *mass media*, a imprensa.

Deste modo, vários foram os motivos que desencadearam o grande crescimento da imprensa no século XIX, nomeadamente: “1) a evolução do sistema económico; 2) os

avanços tecnológicos; 3) fatores sociais; 4) a evolução do sistema político no reconhecimento da liberdade rumo à democracia” (O’Boyle, 1968).

Os avanços na rapidez da transmissão da informação viriam a ser, então, o sinal da nova era do jornalismo, cada vez mais global e associado à atualidade. A identificação do jornalismo com a atualidade e a obsessão dos jornalistas com a obrigação de fornecer as últimas notícias, preferencialmente em primeira mão e em exclusividade, “tornar-se-ia um marco fundamental da identidade jornalística” (Traquina, 2007, pp.24).

Foi também no séc. XIX, que foram instituídas as escolas públicas e que a escolaridade em massa permitiu que um maior nº de pessoas aprendesse a ler, o que contribuiu inevitavelmente para o boom da imprensa. Outro fator relevante neste crescimento da imprensa foi o processo de urbanização, que se intensificou com o crescimento das futuras metrópoles do séc. XX (Traquina, 2007, pp.25).

Outro marco importante na expansão da imprensa foi a liberdade, princípio base de qualquer democracia. Assim, a relação entre jornalismo e democracia é essencialmente simbiótica, em que a liberdade é chave da legitimação da atividade jornalística e da identidade dos jornalistas. Nesta relação, o jornalismo veio mesmo a tornar-se parte essencial da democracia, vindo a ser designado de “Quarto Poder” (pelo seu papel de vigila e denúncia), designação que encontrou legitimidade nos intérpretes da teoria da opinião pública.

De acordo com a teoria democrática, o jornalismo deveria cumprir um duplo papel: i) vigiar o poder político e proteger os cidadãos dos eventuais abusos do Governo; ii) fornecer aos cidadãos as informações necessárias para o desempenho das suas responsabilidades cívicas (serviço público) (Traquina, 2007, pp. 35).

No novo jornalismo apareceu ainda uma nova figura que viria a ocupar um lugar especial na profissão emergente – o repórter, o qual se previa que reportasse factos, pois esperava-se que as notícias fossem fiéis à vida real.

Esta obsessão pelos factos fez-se acompanhar de uma crescente obsessão pelo tempo e de uma maior orientação para os acontecimentos. Na verdade, o impacto tecnológico marcou o jornalismo do séc. XIX, assim como foi progressivamente marcando o dos séculos posteriores, de tal modo que o tempo passou a ter um valor

cada vez mais central no jornalismo, conduzindo cada vez mais ao chamado imediatismo (Traquina, 2007, pp.37 e 38).

4.1.1. Jornalismo Político

Nos dias de hoje, a ciência política encara o jornalismo de um ponto de vista normativo, como instrumento ao serviço dos ideais democráticos. Esta ideia do jornalismo como ator político na sociedade não é, no entanto, recente. Na verdade, já Tocqueville sublinhara os efeitos da imprensa na opinião pública (Serrano, 2006, pp. 1 e 2).

Na sua formulação contemporânea, as preocupações com a dimensão política do jornalismo orientam-se para a ideia de que este constitui um “Quarto Poder”, que defende a imprensa como guardião da democracia e defensora do interesse público (Serrano, 2006, pp.2).

Associado a esta ideia de “Quarto Poder” temos ainda o conceito de opinião pública e a ênfase no debate público sobre o processo de decisão política (McNair, 1998, apud Serrano, 2006, pp.2), ambas respeitando à relação do jornalismo com o mundo político (Serrano, 2006, pp.2).

Desde o séc. XIX que jornalismo e política desenvolveram uma relação simbiótica, o que tem levado alguns autores a definirem os jornalistas como verdadeiros “atores políticos” e o jornalismo como uma instituição política ou os media como poderosos instrumentos políticos e uma ameaça à própria democracia (Serrano, 2006, pp.2 e 3).

De um modo geral, a investigação sobre a dimensão política do jornalismo segue três sentidos: i) interação entre jornalistas e fontes; ii) interseção do jornalismo com o mundo político e audiências – forma como o jornalismo afeta a democracia e a noção de que a imprensa pode existir como veículo não-intencional de propaganda política e partidária e que a agenda pública é influenciada pela agenda dos media; iii) tipologias de interação de «larga escala» (Serrano, 2006, pp.3 e 4).

Hoje em dia, a relação dos media com a política levanta algumas questões, visto que os media passaram a deter posições-chave no campo político: onde fica o interesse

público quando as políticas editoriais não se pautam, necessariamente, por este?; Como gerir a falta de vocação política dos jornalistas quando os políticos fazem tudo para atrair a sua atenção e assim conseguir o apoio dos eleitores?

Para além disso, as estratégias políticas levam à profissionalização da produção e difusão das mensagens, originando, assim, uma complexa rede de relações entre, de um lado, políticos e assessores de comunicação e, de outro, jornalistas (Serrano, 2006, pp.6).

Capítulo V - Estudo Caso

5.1. Caso em análise

No presente trabalho de investigação e tendo em consideração o enquadramento teórico desenhado, pretende-se uma abordagem teórico-prática, através de uma análise metodológica quantitativa e qualitativa das notícias relativas à eleição do atual Mayor de Londres, no período compreendido entre 21 de Abril de 2016 e 7 de Maio do mesmo ano, considerando que a eleição do mesmo ocorreu a 5 de Maio do ano transacto.

A escolha do momento da eleição do Mayor de Londres como objeto de análise crítica deve-se ao facto do mesmo ser de ascendência paquistanesa e de orientação religiosa muçulmana, o que nos permitirá fazer uma avaliação crítica das notícias no sentido de entender de que forma os media poderão ou não estar a passar mensagens discriminatórias/preconceituosas, quer seja através do seu discurso, da escolha de algumas palavras e também do ponto de vista das fontes a que os jornais em análise recorrem, procedendo-se para tal à análise de dois jornais portugueses e dois jornais ingleses, que nos permitirão fazer um estudo crítico comparado à abordagem feita por dois distintos países europeus, Portugal e Inglaterra.

5.2. Enquadramento eleitoral

A eleição de 2016 do mayor de Londres ocorreu a 5 de Maio, no mesmo dia em que a eleição para a Assembleia de Londres, tendo sido a quinta eleição para a posição

de Mayor, criada em 2000 após um referendo em Londres.

Esta foi a primeira eleição em que não participaram os dois anteriores Mayors, Ken Livingstone e Boris Johnson, que concorreram um contra o outro em 2008 e 2012, tendo sido a campanha maioritariamente dominada pela batalha pessoal entre Goldsmith (representante do Partido Conservador) e Khan (representante do Partido Trabalhista), e a sua classe contrastante e background étnico.

A eleição usou um sistema de voto suplementar em que os eleitores expressaram a sua primeira e segunda preferência de candidatos, o que significa que o candidato vencedor teve o apoio da maioria dos eleitores que expressaram uma preferência entre o top dois.

A eleição disputou-se essencialmente entre 5 diferentes candidatos: Goldsmith, pelo partido conservador; Khan, pelo partido trabalhista; Caroline Pidgeon, pelos Liberais Democratas; Siân Berry, pelos Verdes; e, por último, Peter Whittle, a representar o Partido Independente do Reino Unido.

Uma série de debates e outros eventos foram marcados ao longo do tempo de campanha, tendo o primeiro grande de bate ocorrido a 28 de Janeiro, com a participação de Berry, Goldsmith, Khan, Pidgeon e Whittle, tendo sido maioritariamente discutidos assuntos como a habitação e os transportes. Ao longo do mês de Fevereiro e início de Março decorreram uma série de debates financiados, incluindo dois sobre Habitação, um sobre tecnologia e um sobre assuntos ambientais.

O segundo debate mais amplo com os mesmos cinco candidatos deu-se a 22 de Março, no qual Khan e Goldsmith foram acusados de insultos imaturos durante a discussão sobre o plano de Goldsmith relativamente à permissão do uso das linhas dos autocarros pelos carros elétricos.

Durante Abril, mais debates foram ocorrendo, tendo o primeiro ocorrido a 12 de Abril, um cara-a-cara entre Khan e Goldsmith, em que Khan acusou Goldsmith de uma campanha negativa enquanto Goldsmith acusou Khan de se esconder atrás do rótulo da islamofobia.

A campanha oficial teve início a 21 de Março e a lista oficial de candidatos foi anunciada a 1 de Abril. Com a sua vitória, Khan tornou-se o segundo Mayor de Londres

do partido trabalhista após Livingstone, e o primeiro Mayor muçulmano.⁶

5.3. Questão de Investigação

Com o presente estudo caso pretende-se conseguir dar resposta à seguinte questão:

► Qual foi o contributo dos media na construção da imagem da religião muçulmana relativamente à cobertura da eleição de Sadiq Khan?

5.4 Hipóteses

► Que a perceção pública da religião muçulmana está a ser enviesada pelos media.

► Que as notícias estão a promover a criação de estereótipos relativamente à religião muçulmana.

► Que a cobertura mediática não contempla pluralidade e diversidade quanto às fontes nem promove o diálogo intercultural.

5.5. Amostra

Análise quantitativa e qualitativa de dois géneros jornalísticos: as notícias e as reportagens; e, inseridos nestes géneros, análise das chamadas hard news (notícias de maior complexidade; por oposição às chamadas soft news, as quais não obedecem a critérios de estrita imparcialidade e discrição) relativas à eleição do Mayor de Londres, publicadas nos jornais *Público* e *Diário de Notícias* (em Portugal) e *The Times* e *The Guardian* (em Inglaterra) entre os dias 21 de Abril de 2016 e 7 de Maio de 2016. A ideia passa por analisar o destaque dado à eleição no decorrer das duas semanas (em termos formais, de conteúdo e quanto às fontes de informação), de forma a entender de que modo a cobertura jornalística do período eleitoral, da eleição e do momento pós-eleição, por estes quatro jornais, pode ou não ter influenciado a opinião pública no sentido da criação de estereótipos.

⁶ Ver https://en.wikipedia.org/wiki/London_mayoral_election,_2016

Por último, é de referir que os jornais escolhidos serão analisados nas suas versões impressas e que a análise dos jornais ingleses não engloba as versões de domingo, visto serem versões distintas do jornal diário.

5.6. Percursos e estatutos editoriais dos jornais em análise

5.6.1. Estatuto Editorial do *Jornal Público*

O jornal PÚBLICO afirma-se como um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica; que se inscreve numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade, recusando o sensacionalismo e exploração mercantil da matéria informativa.

Este jornal considera que a existência de uma opinião pública informada, ativa e interveniente é condição fundamental da democracia e da dinâmica de uma sociedade aberta.⁷

5.6.2. Estatuto Editorial do *Diário de Notícias*

O Diário de Notícias afirma ter como principal objetivo assegurar ao leitor o direito a ser informado com verdade, rigor e isenção, constituindo um traço de união entre todos os portugueses, independentemente das suas opiniões políticas ou crenças religiosas, desempenhando um papel moderador dos conflitos que se manifestam na sociedade portuguesa.

Este jornal estabelece, rigorosamente, a distinção entre notícias e comentários, na base do princípio de que «os factos são sagrados, os comentários são livres», assumindo a responsabilidade de emitir opinião própria, através de editoriais assinados pela Direção, sempre respeitando a Constituição da República Portuguesa.

Por fim, este afirma prezar um conceito de seriedade jornalística, não cedendo ao

⁷ Ver <https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial>

apelo fácil do sensacionalismo.⁸

5.6.3. Percurso e Estatuto Editorial do *The Guardian*

The Guardian, anteriormente *The Manchester Guardian*, foi fundado por John Edward Taylor em 1821 e publicado pela primeira vez a 5 de Maio do mesmo ano. O jornal tinha como intuito promover os interesses liberais no pós-Massacre de Peterloo e no contexto do crescimento das campanhas legislativas anti-milho que proliferavam em Manchester nessa altura.

O *The Guardian* atingiu reconhecimento nacional e internacional sob a alçada do editor CP Scott, que liderou o jornal por 57 anos, desde 1872. Scott comprou o jornal em 1907 com a morte do filho de Taylor, e prometeu que os princípios estabelecidos no testamento do fundador seriam mantidos, dando continuidade ao carácter independente do jornal. .

À medida que a influência do *Manchester Guardian* foi crescendo, o jornal, então sob a editoria de AP Wadsworth (que tomou posse em 1944), enfrentou um novo desafio. O número limitado de páginas do jornal, fraca qualidade da impressão e por vezes alguns assuntos da agenda tidos em conta como parte do charme regional do jornal. Contudo, em comparação com outros jornais na Fleet Street, as virtudes excêntricas do *The Guardian* frequentemente foram superadas pela sua peculiar idiossincrasia. Assim como o *Daily Telegraph* e o *The Times*, o *The Guardian* apresentava falta de recursos e uma abordagem à atividade comercial que podia ser descrita como ingénua não ajudava.

O editor do jornal mudou-se para Londres em 1964 comprometendo o futuro do *The Guardian* no mercado nacional e pouco tempo depois problemas financeiros vieram à tona. O jornal suportou-se bastante no *The Manchester Evening News* para apoio financeiro e em meados dos anos 60 a ameaça ao futuro do jornal cresceu tanto ao ponto do presidente da fundação Scott abordar o *The Times* para uma possível fusão. No entanto, o *The Times* encontrava-se numa situação financeira perigosa, acreditando muitos que apenas havia lugar para um dos dois jornais na competição com o *The*

⁸Ver http://www.dn.pt/ficha_tecnica.html

Telegraph.

Eventualmente as negociações não levaram a nada e o editor por esta altura permanecia fiel à independência do jornal, pelo que o jornal atual deve muito à sua liderança e visão durante este período.

O investimento na impressão e a mudança para melhores escritórios em Londres em 1976 ajudou a consolidar a posição do *The Guardian*, ajudado por um programa de expansão que incluiu a renovação do *The Guardian* semanalmente para incluir conteúdo tanto do *The Washington Post* como do *Le Monde*. No crescentemente polarizado clima político de finais dos anos 70 e início dos anos 80, a posição do *The Guardian* como a voz da esquerda foi incontestável.

Em 1988 o *The Guardian* fez uma arrojada e inovadora tentativa de reafirmar a sua posição na Fleet Street, com um enorme redesenho que deu início ao período moderno de sucesso na história do jornal.

Em 1993 o intensamente competitivo mercado jornalístico foi novamente atirado para a confusão pela redução do preço do *The Times*. Durante este período, o *The Guardian* manteve o preço, investindo recursos no jornalismo e distanciando-se da guerra de preços através de marketing distintivo e inovador, desenvolvimento do produto e consistentemente apresentando grandes histórias. Durante este período, o jornal aumentou a sua circulação, manteve-se bem sucedido comercialmente e alcançou aclamação crítica pela qualidade do jornalismo e pela inovação.

O *The Guardian* estava na vanguarda da revelação de corrupções que contribuiu para a queda do Governo conservador em 1997, conduzindo uma série de investigações nos negócios dos MPs de Tory.

Em 1994/5, o *The Guardian* começou a desenvolver a publicação online, tendo sido lançada em 1995 a secção tecnológica do jornal. Em Março de 2001 já tinha 2.4 milhões de utilizadores, tornando-se o website jornalístico mais popular do Reino Unido.

Em 2011 o jornalismo revolucionário e inovação do *The Guardian* foram reconhecidos nos prémios de imprensa onde foi nomeado Jornal do ano pela sua parceria com a Wikileaks.

Mais recentemente, tem desenvolvido e expandido as suas operações digitais.

Entre 2009 e 2010 lançou um conjunto de novos produtos digitais e serviços, incluindo apps para o iPhone e iPod, que tem continuamente vindo a desenvolver.⁹

5.6.4. Percurso e Estatuto Editorial do *The Times*

O *The Times* foi fundado por John Walter a 1 de Janeiro de 1785 como *The Daily Universal Register*, com Walter no papel de editor.

A primeira publicação do jornal *The Daily Universal Register* na Grã Bretanha foi a 1 de Janeiro de 1785. Infeliz por as pessoas sempre omitirem a palavra universal, Walter mudou o seu título após 940 edições a 1 de Janeiro de 1788 para *The Times*.

Em 1803, Walter passou a liderança e edição para o seu filho que expandiu o jornal de 4 para 12 grandes páginas e que o passou depois também para o seu filho John Walter III, em 1848, como o jornal nacional britânico preeminente.

O *The Times* usou contribuições de significantes figuras no campo da política, ciência, literatura, e artes para construir a sua reputação. No seu início de vida, os lucros do jornal eram elevados e a competição mínima, pelo que podia pagar muito melhor que os seus rivais por informação ou por escritores. No início de 1814, o jornal foi impresso num novo sistema desenvolvido por Friedrich Koenig. Em 1815, tinha uma circulação de 5000.

Em 1817, Thomas Barnes foi nomeado editor geral e o *The Times* desenvolveu-se, tornando-se num jornal forte e independente popularmente descrito como o “Thunderer”. Em meados de 1800 tinha-se tornado um largamente respeitado influente da opinião pública britânica e a sua circulação passou dos 5000 em 1815 para os 40 000 em 1850. O *The Times* manteve standards rigorosos quanto a reportar e escrever e batalhou pela precisão meticulosa.

Em 1841, John T. Delane tornava-se diretor do *The Times* e na tentativa de expandir a cobertura do jornal, contratou os primeiros cinco correspondentes de Guerra do mundo.

Mais tarde no século XIX, o excesso de gastos e a inadvertida publicação de uma falsificação contra o herói Irlandês Charles Stewart Parnell levou as finanças, a

⁹ Ver <https://www.theguardian.com/gnm-archive/2002/jun/06/1>

reputação e a circulação do jornal a uma baixa séria. Como parte de um esforço para recuperar, o jornal entrou em acordo com os editores da Encyclopaedia Britannica para publicarem e venderem a nona e décima edições. Mas foi só em 1908, quando Alfred Harmsworth comprou o jornal que o *The Times* se tornou financeiramente seguro, continuado, no entanto, a sua reputação editorial a deteriorar-se até à morte de Harmsworth em 1922.

Em 1950, quando o Sir William Haley, o então diretor geral da BBC, se tornou o editor do *The Times* é que este voltou a ser um jornal de referência. Várias alterações foram introduzidas de modo a tornar o jornal mais vivo e interessante.

Em 1959 o historiador do jornalismo Allan Nevins analisou a importância do *The Times* na modelação da visão dos eventos pela elite de Londres: Por muito mais de um século o *The Times* tem sido parte integrante e importante da estrutura política da Grã Bretanha. As suas notícias e comentário editorial têm, em geral, sido cuidadosamente coordenadas, e foram por muitas vezes tratadas com um sentido máximo de responsabilidade. Assim, a sua grande ênfase tem sido em importantes negócios públicos tratados de forma a assegurar os interesses da Inglaterra.

Em 1966, as notícias foram colocadas permanentemente na sua primeira página em vez da publicidade. Mais tarde nesse ano, foi anunciado que Roy Thomson, gerente do The Sunday Times, adquirira o jornal e, no início do ano seguinte, os dois jornais eram publicados pela recentemente criada *Times Newspaper Ltd.*. Em 1978, disputas entre a gestão e os trabalhadores sobre várias questões, incluindo a implementação de uma composição tipográfica e equipamento de impressão moderno, conduziram à suspensão da publicação durante quase um ano. Ainda assim, o jornal e a sua reputação sobreviveram e o *The Times* continuou a prosperar.

Em 1981, a *News Corporation* de Rupert Murdoch adquiriu o jornal, comprando o *Times Newspapers*. Em 2013 a *News Corporation* dividiu em diferentes conglomerados a imprensa, a TV e o filme, e a liderança do jornal foi transferida para a reconstituída News Corporation.

O *The Times* tinha uma circulação diária média de 446,164 em Dezembro de 2016; no mesmo período, o *The Sunday Times* tinha uma circulação diária média de

5.7. Métodos e Técnicas de Investigação

No presente trabalho e para análise do estudo caso em questão a metodologia a utilizar será tanto quantitativa como qualitativa.

Através da análise quantitativa proceder-se-á ao método de análise crítica de discurso de contagem de palavras, de forma a perceber a frequência com que certas palavras com um dado significado foram surgindo no processo de construção noticioso pelos diferentes jornais e como tal pode ter sido ou não determinante na formação da opinião pública, assim como à contagem das notícias em destaque na capa diariamente em cada jornal, de modo a compreender a relevância dada à temática.

No que respeita à análise qualitativa, visa-se fazer uma análise crítica de discurso, averiguando-se (através de expressões, figuras de estilo, uso de pontuação,...) de que forma a linguagem, estrutura da notícia e forma de redação podem influenciar o leitor no sentido de criação ou não de estereótipos; e, por último, uma análise ainda das fontes de informação a que os jornais recorreram na construção das notícias.

5.7.1. Metodologias e análise de resultados

“Os meios hierarquizam a informação para valorizar as notícias a que atribuem maior importância. Para isso utilizam dois elementos: selecção das fontes de informação e técnicas formais e estéticas na apresentação dos conteúdos.” (Fontcuberta, 2010, pp.45)

5.7.1.1. Análise Quantitativa

A análise quantitativa lida com números, lógica e com uma posição objetiva, focando-se em informação numérica e inalterável, assim como num raciocínio detalhado e convergente.

Ao usar este tipo de estratégias para analisar documentos escritos é necessário, em

¹⁰ Ver <https://www.britannica.com/topic/The-Times>

primeiro lugar, planejar a amostra e unidades de análise a contar. A escolha da amostra permite-nos ter um foco e partir desse foco limitar as observações de modo que sejam representativas ao ponto de permitirem retirar conclusões pertinentes e plausíveis.

Na análise da conteúdo quantitativa os textos podem ser lidos em diversos níveis – palavras, frases, parágrafos, capítulos, publicações inteiras – criando-se amostras de acordo com isso (Krippendorff, 2004, pp.19).

Neste estudo, em termos de análise quantitativa, procedeu-se, então, à contagem do nº de notícias por jornal (Tabela 1); à contagem do nº de notícias em destaque na capa de cada edição diária dos quatro jornais em análise (Tabela 2 a 5); e, à contagem de determinadas palavras por jornal, tendo sido escolhidas para o efeito as seguintes palavras, agrupadas em categorias, de acordo com o objeto de estudo e objetivo do mesmo: Estereótipos Religiosos: Islamofobia; Islão; Religião; Muçulmano; Estereótipos racionais: Racismo; e Discriminação (Tabela 6).

Tabela 1 N° de notícias por jornal

	DN	PUB	THE TIMES	THE GUARDIAN
21 Abril	0	0	2	2
22 Abril	0	0	1	0
23 Abril	0	0	0	0
24 Abril	0	0	---	---
25 Abril	0	0	0	0
26 Abril	0	0	0	1
27 Abril	0	0	0	0
28 Abril	0	0	1	1
29 Abril	1	0	5	4
30 Abril	0	0	3	2
1 Maio	0	0	---	---
2 Maio	0	1	5	3
3 Maio	0	0	2	2
4 Maio	0	0	3	2
5 Maio	1	2	3	1

6 Maio	1	0	0	1
7 Maio	1	2	5	5
Total	4	5	30	24

Tabela 2 Análise quantitativa do destaque atribuído às notícias na capa - Diário de Notícias

	Destaque na capa	
Dia	Sim	Não
21		X
22		X
23		X
24		X
25		X
26		X
27		X
28		X
29		X
30		X
1		X
2		X
3		X
4		X
5		X
6		X
7		X

Tabela 3 Análise quantitativa do destaque atribuído às notícias na capa - Público

	Destaque na capa	
Dia	Sim	Não
21		X
22		X
23		X
24		X
25		X
26		X
27		X
28		X
29		X
30		X
1		X
2		X
3		X
4		X
5		X
6		X
7	1	

Tabela 4 Análise quantitativa do destaque atribuído às notícias na capa - The Guardian

	Destaque na capa	
Dia	Sim	Não
21		X
22		X
23		X
24	-	-
25		X
26		X
27		X
28		X
29	1	
30	1	
1	-	-
2	1	
3		X
4	1	
5		X
6	1	
7	1	

Tabela 5 Análise quantitativa do destaque atribuído às notícias na capa - The Times

	Destaque na capa	
Dia	Sim	Não
21		X

22		X
23		X
24	-	-
25		X
26		X
27		X
28	1	
29	1	
30		X
1	-	-
2	1	
3	1	
4		X
5		X
6		X
7	1	

Tabela 6 Análise Quantitativa - Contagem de Palavras

	Estereótipos Religiosos				Estereótipos Rácicos	
	Islamofobia	Islão	Religião	Muçulmano	Racismo	Discriminação
DN		4		6		
PUB	1	5	2	16	4	
GUARDIAN	3	5	5	17	18	2
TIMES			3	8	22	

5.7.1.2. Análise Qualitativa

Nas investigações sociais, assim como no dia-a-dia, a nossa percepção de informação quantitativa e qualitativa é passível de refletir os nossos interesses e o uso que lhes queremos dar (Dey, 1993, pp. 11).

A análise qualitativa lida com significados, que são mediados, essencialmente, por linguagem e ação. A linguagem não é uma questão de opinião subjetiva. Os significados são, sobretudo, formas de fazer distinções e residem na prática social e não só na cabeça dos indivíduos (Dey, 1993, pp. 11).

Este é, então, um processo de tratamento e entendimento da informação através

dos seus componentes constituintes, revelando as suas características elementares e estrutura. Sem este tipo de análise teríamos de confiar inteiramente em impressões e intuições sobre a informação como um todo. Enquanto as nossas impressões e intuições certamente têm lugar na análise da informação, podemos, no entanto, beneficiar também de processos mais rigorosos e lógicos de análise (Dey, 1993).

O resultado deste processo é, portanto, a desconstrução para chegarmos a um ponto diferente do qual começamos, o que não surpreende, visto que o objetivo da análise não é o de descrever os objetos ou eventos em apreciação. Assim, com a análise qualitativa pretende-se mais do que descrever: queremos interpretar, explicar, perceber – talvez até prever. Queremos saber como, porquê e o quê (Dey, 1993).

Deste modo, a descrição lança a base para a análise, mas a análise também é a base de mais descrição. Através da análise podemos obter uma visão completamente nova da informação (Dey, 1993, pp. 31).

O grande objetivo da análise qualitativa reside neste processo relacional de descrição dos fenómenos, de classificação dos mesmos e de visualização de como os nossos conceitos se interconectam (Dey, 1993, pp. 31).

O primeiro passo da análise qualitativa é, portanto, o desenvolvimento e descrição do fenómeno em estudo (Dey, 1993, pp. 32).

5.7.1.2.1. Categorização

De forma a analisarmos a nossa informação temos que a interpretar, mas, como já vimos, a análise pode ir além da interpretação. Podemos tentar, então, criar ferramentas conceptuais para classificar e comparar as características essenciais ou importantes do fenómeno em estudo. Isto envolve um processo de abstração dos imensos detalhes e complexidade da nossa amostra de modo a focarmo-nos somente naquelas características que são mais relevantes para o nosso propósito (Dey, 1993, pp. 41 a 47).

Deste modo, podemos dividir categorias – noutras palavras, subdividir ou integrar categorias como forma de refinar e focar a nossa análise. Naturalmente, teremos que criar categorias antes de as atribuímos, e temos que as atribuir antes de as dividirmos. Mas, apesar deste procedimento lógico, na prática, podemos encontrar-nos a saltar para trás e para a frente entre estes diferentes aspetos de categorização (Dey, 1993, pp. 41 a

47).

A criação de categorias é um desafio tanto conceptual como empírico; pois estas devem ser, empírica e conceptualmente, fundamentadas, o que significa que devem estar relacionadas com um contexto analítico apropriado, e ter a sua raiz em material empírico relevante. Assim, categorias que possam parecer boas em teoria podem não ser relevantes na prática; do mesmo modo que categorias que encaixem na nossa amostra podem não ser boas se não se conseguirem relacionar com um contexto conceptual mais abrangente (Dey, 1993, pp.41 a 47).

Podemos dizer que as categorias têm de ter dois aspetos, um interno – têm de ter significado relevante para a análise – e um externo – têm de ser relevantes em relação a outras categorias. Assim, não é por acaso que se fala em categorias no plural – uma categoria não pode ser criada de forma isolada de outras categorias que queremos usar na análise (Dey, 1993, pp. 41 a 47).

Quando categorizamos estamos a decidir como vamos organizar a informação de uma forma que vá ser útil para a análise – e temos de ter em atenção de que forma esta categoria irá encaixar num contexto analítico mais abrangente (Dey, 1993, pp.41 a 47).

É comum a criação de listas de categorias através das quais se possam fazer comparações entre observações. Assim, quando criamos categorias temos de pensar de forma sistemática, lógica, assim como de forma criativa (Dey, 1993, pp. 41 a 47).

5.7.1.2.2. Análise Crítica de Discurso

A Análise do Discurso coloca desafios importantes às pesquisas tradicionais e fornece uma metodologia para a interpretação dos textos sociais. É difícil darmos uma definição única de análise crítica de discurso como método de investigação. Na verdade, mais do que provar um método particular, a AD pode ser caracterizada como um modo de abordar e pensar um problema. Neste sentido, é entendida como uma forma de questionar as assunções básicas dos métodos quantitativo e qualitativo. A AD vai permitir revelar as motivações escondidas atrás de um texto ou da escolha de um

método particular de investigação para interpretar esse texto, não sendo mais do que uma leitura (des)construtiva e a interpretação de um problema ou texto¹¹.

Deste modo, a AD não vai providenciar-nos respostas absolutas a um problema específico, mas sim permitir-nos perceber as condições atrás de um problema específico e fazer-nos entender que a essência do problema, e a sua resolução, reside nas suas assunções, as mesmas que conduzem à existência do problema, permitindo-nos assim ter uma visão helicóptero do problema¹².

A AD visa, então, sobretudo, providenciar-nos uma consciência mais alargada das motivações escondidas nos outros e em nós próprios e, assim, permitir-nos resolver problemas concretos – não dando respostas inequívocas, mas fazendo-nos levantar questões ontológicas e epistemológicas¹³.

Como tal, a Análise do Discurso preocupa-se com questões como a linguagem: como constrói os objectos, os sujeitos, a subjectividade e o self (Willig 1999, apud Nogueira, 2001, pp.19).No entanto, convém não esquecer que a linguagem não surge num vazio social, pelo contrário, estrutura-se num espaço sócio-histórico e representa um conjunto de práticas de produção de significados.

Alguns autores vincam mesmo a ideia da importância do papel da linguagem na construção da realidade social. Derrida é talvez o autor que mais defende a posição de que nenhum texto tem um significado único fixo, sendo todos passíveis de interpretações pluralistas e como tal distintas. Os significados não são sempre imediatamente evidentes, sendo que muitas vezes o que não está num texto pode ter mais significado do que aquilo que lá está expresso. (Derrida, apud Burr, 1995, apud Nogueira, 2001). Para Derrida, todas as categorias e todos os textos são passíveis de desconstrução (Derrida, apud Augoustinos & Walker, 1995, apud Nogueira, 2001).

A Análise Crítica do Discurso procura então padrões dentro de contextos amplos,

¹¹ Ver “Social Research Glossary – Discourse analysis”, in <http://www.qualityresearchinternational.com/socialresearch/discourseanalysis.htm>

¹² Ver “Social Research Glossary – Discourse analysis”, in <http://www.qualityresearchinternational.com/socialresearch/discourseanalysis.htm>

¹³ Ver “Social Research Glossary – Discourse analysis”, in <http://www.qualityresearchinternational.com/socialresearch/discourseanalysis.htm>

relacionados com questões sociais ou com a cultura, tendo como influências as ideias provenientes do estruturalismo e pós-estruturalismo francês (Nogueira, 2001).

Para Llobart (1993), a união entre o discurso e a realidade social, cultural, política ou de outra ordem, encontra-se nas condições de produção desse discurso. O discurso tem, então, um papel fundamental na forma como o mundo social se configura, tendo em consideração o seu carácter construtivo da realidade social. As práticas discursivas são afinal práticas sociais, resultado de relações de poder concretas, numa determinada altura; relações essas que, por seu lado, apontam para certos efeitos que regulam e controlam a ordem social (Llobart, 1993). O objectivo dos analistas dentro desta abordagem é sobretudo identificar padrões de linguagem com práticas com eles relacionadas e mostrar como estas constituem aspectos importantes da sociedade e das pessoas dentro dela (Taylor, 2001, apud Nogueira, 2001, pp. 28).

A ideia base é que a linguagem disponível para as pessoas utilizarem permite e constrange, não só e apenas a expressão de ideias mas também aquilo que as pessoas fazem. É através da linguagem que as pessoas são categorizadas, segregadas, consideradas diferentes, visto que a própria linguagem dá valor atribuindo existência ou negando essas categorizações. Uma vez que através da linguagem estão potencialmente disponíveis uma multiplicidade de versões alternativas de acontecimentos, então, sobre qualquer objecto, acontecimento ou pessoa, podem existir também uma variedade de discursos, cada um com uma maneira diferente de se representar para o mundo (Llobart, 1995, apud Nogueira, 2001, pp. 28/29).

Aquilo que os indivíduos dizem, as suas “crenças” e “opiniões” são manifestações de discurso, aproximações de representações dos acontecimentos sobre a vida social, que têm a sua origem não na sua experiência privada, mas na cultura discursiva em que habitam (Nogueira, 2001, pp.29).

Nesta abordagem, os discursos têm, então, que ser considerados como sendo meios fluidos em mudança nos quais os significados são criados e contestados. Assim, aquele que usa a linguagem não é um comunicador separado, e auto-suficiente que envia e recebe informação, pelo contrário está sempre localizado, imerso no meio e lutando para ter a sua posição social ou cultural tomada em atenção (Nogueira, 2001, pp.29).

De acordo com a análise crítica de discurso, as pessoas são indivíduos fortemente constrangidos nas suas escolhas de linguagem, logo de acções, mesmo que esta não seja completamente e estaticamente determinada (Nogueira, 2001, pp.30).

A questão é de saber relativamente a determinados tópicos quais os discursos disponíveis, como se desdobram e para que servem. É evidente que nesta perspectiva o próprio analista está envolvido e por isso não se encontra aquém desta luta e destes constrangimentos (Nogueira, 2001, pp.30).

Por último cumpre entender que o termo discurso não se aplica unicamente à linguagem mas a qualquer padrão de significado, podendo referir-se a textos visuais, tais como a televisão e o cinema; a textos físicos, como cidades, jardins, corpos, etc. A análise do discurso mais difundida baseia-se, contudo, essencialmente, em textos escritos, tais como, documentos, cartas, entrevistas, artigos de jornais, etc. (Willig, 1999, apud Nogueira, 2001).

Tabela 7 Análise Qualitativa - Análise Crítica de Discurso "The Guardian"

	Cobertura Negativa	Cobertura Objetiva
Estereótipos Rácicos	“So the news that Sadiq Khan has become London’s first Muslim and first minority ethnic mayor couldn’t come at a better time.”	“Sadiq Khan, Labour’s London mayoral candidate, was one of the first to call for Livingstone to be expelled,...”
Estereótipos Religiosos	<p>“...who claimed his muslim opponent would be soft on crime because he “provided cover for extremists.”” (21 abril)</p> <p>“Election of first Muslim mayor in western capital” (capa de 7 de Maio)</p> <p>“He won more than 1.3m votes, making him the first Muslim mayor of a major western capital...” (capa de 7 de maio)</p> <p>“Sadiq Khan has been elected mayor of London, reclaiming City Hall for Labour</p>	<p>“While Sadiq Khan is expected to win the London mayoralty, the latest polls suggest Labour could slip into third place in Scotland,...”</p> <p>“..., although there is a hope that Sadq Khan will win the London mayoral race.”</p> <p>“Sadiq Khan probably becomes London mayor for Labour.”</p> <p>“If Khan does not win, from having a double</p>

	<p>after eight years of Conservative rule and becoming the first Muslim mayor of an EU capital.”</p> <p>“So the news that Sadiq Khan has become London’s first Muslim and first minority ethnic mayor couldn’t come at a better time.”</p> <p>“London elected the most senior Muslim to public office in Europe as Sadiq Khan emphatically beat Zac Goldsmith, his Tory rival, to become mayor.”</p>	<p>digital poll lead, this will be...”</p> <p>“Khan becomes the first Labour London mayor since Boris Johnson unseated Ken Livingstone in 2008.”</p> <p>“If, as expected, Khan stands down for parliament, the result will trigger a byelection in Tooting which Labour holds with a majority of less than 3,000, requiring a 2.7% swing for the Conservatives to strike back.”</p> <p>“Abroad, however, it seems the faith of Sadiq Khan is seen through a somewhat different prism: in much foreign media coverage of the elections – including in France, The Netherlands, Germany and Switzerland – it was overwhelmingly more important than its politics...”</p>
--	---	--

Tabela 8 Análise Qualitativa - Análise Crítica de Discurso "The Times"

	Cobertura Negativa	Cobertura Objetiva
Estereótipos Rácicos	“...and son of an immigrant Pakistan bus driver...”	“Sadiq Khan, candidate for London mayor didn’t start tweeting...”
Estereótipos Religiosos	“...and was the first British Muslim to attend Cabinet.”	<p>“Meanwhile Sadiq Khan, Labour’s candidate for mayor of London...”</p> <p>“Sadiq Khan’s defeat of Zac Goldsmith and the defence of all...”</p>

Tabela 9 Análise Qualitativa - Análise Crítica de Discurso "Diário de Notícias"

	Cobertura Negativa	Cobertura Objetiva
Estereótipos	“Favorito nas sondagens, filho de	“O trabalhista Sadiq Khan lidera as sondagens

<p>Rácicos</p>	<p>paquistaneses quer ser eleito hoje”</p> <p>“Filho de um motorista de autocarro e de uma costureira, imigrantes paquistaneses, Khan surge à frente...”</p> <p>“Khan, filho de imigrantes paquistaneses, de 45 anos,...</p> <p>“Sdaïq Khan, de 45 anos, é o quinto de oito filhos de um casal de imigrantes paquistaneses...”</p>	<p>para a câmara municipal de Londres e quer suceder ao conservador Boris Johnson, que, após oito anos no cargo, decidiu não se recandidatar e concentrar-se na campanha pela saída do país da UE (para o referendo de 23 de Junho).”</p> <p>“Trabalhista Sadiq Khan derrotou conservador Zac Goldsmith na corrida à capital.”</p> <p>“Ao fim da primeira contagem Khan tinha 44,2% e uma diferença e uma diferença de quase 240 mil votos para o adversário, o conservador Zac Goldsmith, que tinha 35%.”</p>
<p>Estereótipos Religiosos</p>	<p>“Quem é o muçulmano que pode suceder a Boris em Londres?”</p> <p>“...podem abrir a porta àquele que seria o primeiro autarca muçulmano de uma grande capital da UE.”</p> <p>“Caso esses números se confirmem nas urnas, poderá tornar-se no primeiro muçulmano à frente da câmara de uma capital da Europa Ocidental,...</p> <p>“Londres celebra <i>mayor muçulmano</i>”</p> <p>“Em 2005, o antigo advogado de Direitos Humanos foi eleito deputado pela circunscrição em que nasceu e, três anos depois, tornou-se ministro dos Transportes de Gordon Brown – sendo o primeiro muçulmano nos conselhos de ministros.”</p>	

	<p>“Em 2009, fez uma peregrinação a Meca, o local mais sagrado do Islão.”</p> <p>“Sadiq Khan, que será o primeiro muçulmano à frente de uma capital da Europa Ocidental.”</p>	
--	---	--

Tabela 10 *Análise Qualitativa - Análise Crítica de Discurso "Público"*

	Cobertura Negativa	Cobertura Objetiva
Estereótipos Rácicos	<p>“O candidato, filho de um motorista de autocarro paquistanês e advogado de direitos humanos, poderá tornar-se o primeiro autarca muçulmano de uma grande cidade europeia...”</p> <p>“Aos 45 anos, o trabalhista Sadiq Khan, filho de imigrantes paquistaneses, sucede a Boris Johnson e vai presidir à câmara de Londres.”</p> <p>“...;um trabalhista, muçulmano, filho de imigrantes paquistaneses.”</p>	<p>“Sadiq Khan é o favorito das sondagens para vencer eleição e tirar aos <i>tories</i> o bastião londrino.”</p> <p>“Criado em Tooting, bairro popular do Sul de Londres, Khan não faz da sua fé uma bandeira.”</p> <p>“Sadiq Khan, favorito à vitória em Londres, diz que declarações de Livingstone podem ter consequências no resultado da votação.”</p>
Estereótipos Religiosos	<p>“O candidato, filho de um motorista de autocarro paquistanês e advogado de direitos humanos, poderá tornar-se o primeiro autarca muçulmano de uma grande cidade europeia...”</p> <p>“Se for eleito, disse, “vou continuar a fazer o que sempre fiz, que é falar com toda a gente”, muçulmanos ou judeus.”</p> <p>“Na Londres cosmopolita um mayor muçulmano ainda pode incomodar?”</p>	<p>“Sadiq Khan, favorito a ocupar o cargo que até 2008 foi dele, admite que a polémica pode reduzir as suas hipóteses de vitória na quinta-feira.”</p>

“O candidato trabalhista a mayor de Londres é também **muçulmano**,...”

“Afinal, entre os mais de oito milhões de habitantes da capital, duas em cada oito pessoas professam o **islamismo**...”

“A eleição daquele que pode vir a ser o primeiro **muçulmano** à frente de uma grande cidade ocidental seria,...”

“Pela primeira vez um **muçulmano** lidera uma grande capital europeia”

“Um **muçulmano** à frente de uma grande capital europeia”

“...;um trabalhista, **muçulmano**, filho de imigrantes paquistaneses.”

“Aos 45 anos, Sadiq Khan será o primeiro **muçulmano** a presidir à câmara de uma grande capital ocidental.”

5.6.1.3. Análise de resultados

Como sabemos, a rádio, televisão, filmes, música popular, internet e media sociais, assim como outras formas e produtos da cultura dos media, providenciam materiais através dos quais modelamos a nossa própria identidade, incluindo o nosso sentido de individualidade; a nossa noção do que significa ser homem ou mulher; a nossa conceção de classe, etnia e raça, nacionalidade, sexualidade; e a divisão do mundo em categorias: “nós” e “os outros”. As imagens dos media ajudam a moldar a nossa

visão do mundo e os nossos valores: o que consideramos bom ou mau, positivo ou negativo,... As histórias dos media providenciam os símbolos, mitos e recursos através dos quais constituímos uma cultura comum e através da apropriação dos mesmos inserimo-nos em determinada cultura. As lentes dos media refletem quem tem poder e quem não o tem, quem é autorizado a exercer força e violência e quem não é. Estes dramatizam e legitimam o poder das forças existentes e mostram aos que não têm poder que devem permanecer no seu canto (Kellner, 2011, pp.1).

Estamos imersos do berço ao caixão numa sociedade mediática e de consumo e, como tal, torna-se crucial aprender como compreender, interpretar e criticar os seus significados e mensagens. Apesar de raramente serem reconhecidos como tal, os media são uma fonte de pedagogia cultural, pois educam-nos sobre como agir e pensar, sentir, acreditar, temer e desejar e sobre como não o fazer. Os media são formas de pedagogia que nos ensinam a ser mulheres e homens. Mostram-nos como vestir, parecer e como consumir, como reagir a membros de diferentes grupos sociais, como ser popular e ter sucesso e como evitar o fracasso; e como nos conformarmos com o sistema de normas, valores, práticas e instituições dominantes. Consequentemente, a literacia mediática crítica é um importante recurso para os indivíduos e cidadãos, pois ao aprenderem a ler, criticar e resistir à manipulação sociocultural, ganham mais poder sobre o seu ambiente cultural (Kellner, 2011, pp.1).

Uma importante parte da literacia mediática passa, no meu entendimento e considerando a abordagem teórica do tema, por ter em conta também uma análise quantitativa do conteúdo dos media. Assim sendo, no caso em análise procedeu-se à contabilização das notícias em destaque na capa, por dia, e nos diferentes jornais (como podemos ver nas tabelas 2 a 5). Mediante tal análise podemos perceber se o tema fez ou não parte das agendas mediáticas, a importância que lhe foi atribuída (ou falta dela), e assim tentar decifrar o que estes resultados podem refletir e o impacto que podem ter considerando o jornal em questão e o seu público-alvo.

De acordo com a tabela 2, referente ao jornal português “Diário de Notícias”, podemos perceber que o caso em apreço não foi destacado na capa em nenhum dos dias do período de análise em estudo. Do mesmo modo, a tabela 3 indica-nos que no jornal “Público”, este apenas foi destacado na capa no dia 7 de Maio, ou seja, dois dias após a

eleição do mayor de Londres (último dia do período de análise considerado para o estudo). Deste modo, e considerando que no “Diário de Notícias” somamos um total de 4 notícias sobre o tema e no “Público” um total de 5 (Tabela 1), podemos concluir que este caso não foi destaque na agenda mediática portuguesa, apesar da relação de proximidade com Inglaterra. Um dos motivos para esta ausência de relevância dada ao tema poderá estar diretamente relacionado com o Referendo sobre a permanência do Reino Unido na União Europeia (que teve lugar a 23 de Junho de 2016) e a importância dada às notícias relacionadas com esta questão, as quais tomavam conta das agendas mediáticas internacionais na altura.

Tal ausência de notícias sobre o caso em apreço pode igualmente refletir-se numa falta de informação da sociedade portuguesa sobre o caso, o que pode conduzir a interpretações incorretas de algumas informações, e o que pode significar criação de estereótipos, dependendo do resultado da análise qualitativa que iremos considerar posteriormente.

Ainda no que respeita à análise quantitativa relativa ao destaque atribuído pelos jornais à temática cumpre perceber os resultados relativos à análise dos jornais ingleses. Assim, de acordo com a tabela 4, percebemos que, no período compreendido entre 21 e 28 de Abril – primeira semana de análise – o jornal *The Guardian* não atribui qualquer destaque na capa a este tema, ao contrário do que se verifica na segunda semana em que o tema não é destacado na capa em apenas dois dias, sendo um deles o dia da eleição. No que ao jornal *The Times* diz respeito, em 10 jornais analisados, este tema foi destacado na capa em 5 deles. Assim, no que concerne ao destaque dado pelos jornais ingleses à temática no período de campanha eleitoral podemos afirmar que houve um certo equilíbrio, que pode revelar uma preocupação em manter a população informada mas não “alarmada”.

Deste modo, numa perspetiva de comparação entre Portugal e Inglaterra podemos já afirmar que o destaque dado pelos diferentes países à temática é consideravelmente distinto, assim como a quantidade de notícias, o que é compreensível tendo em conta que as notícias em análise reportam à eleição do Mayor de Londres.

Também no âmbito da análise quantitativa procedeu-se a uma análise de discurso quantitativa através do processo de contagem de palavras (ver tabela 6). Assim, e para

facilitar a compreensão da análise, foram definidas categorias de análise – estereótipos rracicos; e estereótipos religiosos – e, dentro das mesmas, um conjunto de palavras – Racismo, Discriminação; e Islão, Islamofobia, Muçulmano, Religião; respetivamente. Pretendeu-se, então, averiguar o nº de vezes que as mesmas seriam repetidas nas várias notícias em análise e desse modo compreender o impacto que a sua repetição poderia ter na audiência recetora de tais mensagens. Cumpre ainda esclarecer que dentro do âmbito das palavras referidas foram ainda consideradas outras palavras relacionadas. Assim: racismo (raça; racista); Islão (islamismo; islâmico); religião (religiosa).

Deste modo, olhando para a tabela 6, não podemos deixar de comentar alguns resultados curiosos. Assim, cumpre destacar que a palavra que no geral registou mais repetições foi “muçulmano”, seguida da palavra “racismo”. Mais curioso ainda é o facto de o jornal Público com apenas 5 notícias sobre o tema referir a palavra “muçulmano” o dobro das vezes de o jornal *The Times* (com 30 notícias) e praticamente o mesmo nº de vezes que o jornal *The Guardian* (com 24 notícias). Desta forma, aliando a falta de notícias do Público sobre o tema com o facto de em 5 notícias referir a palavra “muçulmano” 15 vezes, tal pode estar a contribuir para a criação de estereótipos pela sociedade portuguesa, desinformada e influenciada num certo sentido pelos seus jornais de referência. Ainda assim, só conseguiremos uma conclusão mais fidedigna aquando da análise textual discursiva e após uma análise detalhada do contexto histórico, social e cultural dos países em questão, do estatuto editorial dos jornais analisados e do panorama mediático que tem envolvido a temática nos últimos anos.

Olhando para a tabela 6 podemos ainda constatar que o jornal que mais se destaca globalmente no que toca ao maior nº de repetições das palavras em análise é o *The Guardian*; e considerando somente os jornais portugueses, destacamos o Público com o maior nº de repetições. Ainda assim, a palavra que regista mais repetições é “racismo” (22 vezes) no jornal *The Times*, resultado que acaba por ser relativo ao percebermos que o *The Guardian* com menos 6 notícias repete a palavra racismo por 18 vezes, mantendo-se, portanto, o jornal em destaque nesta análise.

No entanto, cumpre agora, e como supra referido, uma contextualização teórica de alguns pontos.

Deste modo, começamos por esclarecer algumas questões relativas à interpretação

pela audiência. Assim, de acordo com David Morley, e como já foi anteriormente exposto aquando da abordagem dos media no âmbito dos estudos culturais, as leituras individuais são moldadas por formações e práticas culturais partilhadas, pré-existentes ao indivíduo, só que de um modo complexo e subtil, sendo a audiência ativa. Assim, os novos estudos de receção, em particular a teoria desenvolvida por Morley, defendem a ideia de uma audiência resistente, não passiva, tendo-se dedicado o autor a perceber, então, de que modo a posição social dos indivíduos determina a sua habilidade interpretativa, considerando para o efeito que a posição social limita o acesso a certos códigos culturais e capital cultural. Morley aponta ainda a possibilidade das identidades socioculturais, que servem de explicação à forma como este ou aquele indivíduo interpretam as mensagens mediáticas, serem elas mesmas também socialmente e culturalmente construídas. Como resultado da sua teoria, Morley defende este processo como um processo dialético entre determinação e atividade, em que temos, então, um certo e limitado reportório de possibilidades disponíveis mas que, mesmo assim, dentro desse reportório circunscrito ainda há escolhas a serem feitas, e que são significativas. Assim, o autor defende a posição de que não podemos explicar a determinação como total ou automática, de modo a não eliminarmos a complexidade do dialético que está no coração do processo. Para além disso, defende a ideia de uma adaptação contextual nos estudos de receção, na medida em que têm de se construir modos de análise relevantes para as suas próprias condições de produção num lugar particular e num determinado momento. No entanto, e por último, Morley chama ainda a atenção para o facto de não termos que imaginar que vivemos num mundo completamente diferente, em que o contexto passado de nada nos serve, defendendo que muitos dos problemas que enfrentamos hoje têm precedentes históricos que devem ser considerados.

Deste modo, considerando a teoria de Morley cumpre fazer uma breve análise do contexto histórico, social e cultural no que toca à presença muçulmana em Portugal e Inglaterra, tendo em conta o que foi previamente exposto no enquadramento teórico da temática.

No contexto português, os muçulmanos foram adotando certos costumes e padrões europeus, mantendo ao mesmo tempo hábitos e padrões religiosos e culturais distintos da cultura portuguesa. Para além disso, como já vimos, os mesmos foram-se

mostrando ativos em questões sociais, culturais e religiosas, apesar de normalmente serem secundarizados em relação a outras minorias com uma presença mais significativa no país, como o caso dos ciganos. Assim, podemos concluir que a presença islâmica em Portugal não se tem revelado de todo hostil, na medida em que os muçulmanos se têm tentado integrar na cultura portuguesa e demarcar-se de movimentos extremistas.

No que respeita à situação inglesa e de acordo com os Census de 2001, os muçulmanos são quase tão numerosos como outras minorias não cristãs, o que, e principalmente após o 11 de Setembro de 2001 e os ataques bombistas de Londres em 2005, se tornou um foco de preocupação e debate nacional. Os próprios ingleses muçulmanos começaram a deparar-se com o facto de agora terem de suportar o fardo de uma onda de suspeitas e hostilidade, resultado da ansiedade acerca do terrorismo. Assim, desde a entrada no século XXI que o ambiente de tolerância e passividade, até mesmo de complacência e satisfação, se tornou num vulcão em erupção. Para além disso, passou de ser uma questão somente sobre muçulmanos para uma questão de imigração, tendo começado a população à procura de bodes expiatórios.

Relativamente ao panorama mediático, convém considerar o já exposto sobre o seu papel na construção da realidade social e cultural, mais concretamente no que respeita à criação de estereótipos. Assim, como já vimos, os processos cognitivos por si só não justificam o porquê de tanta gente partilhar os mesmos estereótipos, sendo apontados como responsáveis outros agentes sociais como os media. Como se sabe, os estereótipos surgem da falta de informação e ignorância, e, portanto, como tal, os media, enquanto construtores da realidade social, contribuem para a perpetuação da imagem social de grupos, desempenhando um papel fundamental na criação de atitudes positivas e negativas relativamente a outras culturas.

Desta forma, pegando no caso da imprensa portuguesa podemos dizer que esta sempre procurou ouvir os representantes da comunidade islâmica portuguesa quando se tratavam de matérias sobre o Islão. No entanto, a característica que melhor tem definido a relação dos media com os muçulmanos é o silêncio, no sentido em que não produziram, em geral, temas controversos na imprensa.

No que diz respeito à imprensa inglesa, os muçulmanos têm ocupado um papel

central nos media britânicos, sendo foco de numerosos assuntos públicos e denúncias. O retrato dos muçulmanos pelos media ingleses tem sido, então, negativo e estereotipicamente informado, o que Elizabeth Poole veio definir como uma crise de identidade nacional que tem resultado na construção da ideia dos muçulmanos como uma ameaça. Assim, na maior parte dos casos, os muçulmanos são abordados pelos media em matérias relacionadas com o terrorismo, principalmente após os ataques bombistas de Londres de 2005.

Por último, ainda numa abordagem mais teórica, e no sentido de podermos discutir com mais precisão os resultados analisados, cumpre uma referência aos estatutos editoriais dos jornais em questão. Assim, e como já foi referido, o jornal Público afirma-se como um jornal diário de grande informação, orientado por critérios de rigor, sem qualquer dependência ideológica, política e económica e que recusa o sensacionalismo. O Diário de Notícias afirma ter como principal objetivo a verdade da informação, assim como o rigor da mesma, não cedendo ao apelo fácil do sensacionalismo.

O jornal *The Guardian* teve um percurso um pouco atribulado em termos de afirmação no mercado desde a sua origem até finais dos anos 80, início dos anos 90, quando alcançou aclamação crítica pela qualidade do jornalismo e pela inovação. Durante este período conturbado o jornal tentou, no entanto, manter sempre a sua independência. Ainda assim, nos anos 70/80 a posição do *The Guardian* como a voz da esquerda foi incontestável.

Relativamente ao jornal *The Times*, em 1817 o seu desenvolvimento fez com que se tornasse um jornal forte e independente, mantendo standards rigorosos quanto a reportar e escrever, batalhando pela precisão meticulosa. Em finais do século XI lutou contra alguns problemas financeiros que foram arruinando a sua reputação, a qual só conseguiu recuperar em 1950. Nesta altura o *The Times* era considerado parte integrante e importante da estrutura política da Grã Bretanha.

Concluindo, de acordo com o exposto, podemos, então, afirmar para já que, no caso dos jornais portugueses, a falta de notícias sobre o tema, como supra referido, pode conduzir a uma falta de informação da sociedade portuguesa sobre o tema, o que, no entanto, e de acordo com o contexto histórico, social e cultural do país não parece, por

si só, conduzir à criação de estereótipos relativamente aos muçulmanos, tendo em conta a relativa pacificidade que envolve a presença islâmica em Portugal. Ainda assim, não deixa de ser relevante e curioso o facto de um jornal como o Público em tão poucas notícias registar uma contagem tão elevada da palavra “muçulmano”, o que vem demonstrar uma necessidade constante de afirmar a orientação religiosa do candidato. Ainda assim, podemos tirar uma conclusão mais precisa ainda relativamente a tal contagem aquando da análise de discurso, de modo a compreendermos essencialmente se a palavra em si está ou não associada a um discurso negativo.

No que respeita ao Diário de Notícias, apesar das poucas notícias, foi o jornal que registou os valores mais baixos na contagem de palavras, pelo que dificilmente podemos considerar que esteja na base da construção de uma imagem estereotipada pelo público.

Relativamente ao *The Times*, o jornal com o maior nº de notícias sobre o tema, os resultados da contagem de palavras não se demonstraram relevantes. Assim, apesar de referir a palavra racismo 22 vezes, esta não vem associada à repetição da palavra muçulmano, que só é referida 8 vezes em 30 notícias.

Por último, no que concerne ao *The Guardian*, e tendo em consideração o panorama histórico, social, cultural e mediático envolvente podemos considerar problemático o facto de repetir 18 vezes a palavra racismo e 17 a palavra muçulmano, o que teremos que analisar mais detalhadamente em conjunto com a análise de discurso.

Ainda no âmbito da contagem de palavras, devemos esclarecer que apesar de todas as palavras em análise aparecerem de algum modo nas notícias em apreço, as palavras islamofobia, Islão, religião e discriminação registaram valores relativamente baixos para serem considerados relevantes para análise.

No que respeita à análise qualitativa, de modo a conseguirmos, então, uma leitura crítica e construtiva das mensagens dos media, temos de ter em consideração que os produtos da cultura dos media requerem leituras textuais multidimensionais, de forma a analisar as várias formas de discurso, posições ideológicas, estratégias narrativas, construção de imagens e efeitos (Kellner, 2011, pp.6).

Tradicionalmente, a análise qualitativa de textos tinha em consideração as propriedades artísticas formais da literatura imaginativa como o estilo, imagens verbais,

caracterização, estrutura narrativa, e ponto de vista. Atualmente, e desde 1960, que esta análise se tem focado sobretudo em métodos derivados da semiótica - sistema de investigação da criação de significado não só na linguagem escrita como em códigos não-verbais, como a linguagem visual e auditiva dos filmes e televisão (Kellner, 2011, pp.6).

A análise textual dos estudos culturais combina, então, uma análise formal com crítica sobre como os significados culturais transmitem ideologias específicas de género, raça, classe, sexualidade, nação, e outras dimensões ideológicas. Por ideologias referimo-nos a ideias ou imagens que constroem a superioridade de uma classe ou grupo sob outras/os, reproduzindo e legitimando diferentes formas de dominação social. A análise textual ideológica deve implementar um vasto leque de métodos de forma a explicar na plenitude cada dimensão de dominação ideológica, através de representações de classe, raça, género, e sexualidade, e outras formas de dominação e subordinação e para mostrar como narrativas específicas servem, contestam, ou são ambíguos relativamente a interesses de dominação e opressão (Kellner, 2011, pp.7).

No entanto, cada leitor faz uma leitura única de cada texto, independentemente do quão multiperspetival possa ser essa leitura, e a leitura que faz pode ou não ser a leitura preferida das audiências. Tendo em conta que há uma divisão entre a codificação textual e a descodificação pela audiência, há, portanto, sempre a possibilidade de uma multiplicidade de leituras de cada texto (Hall, 1999). Obviamente que há limites à abertura ou natureza polissémica de cada texto, e a análise textual pode explicar os parâmetros de possíveis leituras e delinear perspetivas que tencionam clarificar o texto e os seus efeitos culturais e ideológicos. Tal análise providencia também os materiais para criticar interpretações incorretas, ou leituras unilaterais e incompletas (Kellner, 2011, pp.8).

Deste modo, partimos agora, então, para a análise dos resultados expostos nas tabelas 7 a 10. Assim, de acordo com a tabela 7 podemos concluir que o jornal *The Guardian* apresenta um discurso marcado pela ideia de um mayor muçulmano liderar uma capital europeia ocidental, o que, apesar de poder ter sido redigido num sentido positivo e de esperança, também pode indicar surpresa, contribuindo para vincar a ideia de uma sociedade marcada por estereótipos, podendo estar a contribuir para a

propagação dos mesmos, principalmente se no mesmo jornal tivermos outras notícias que associem os muçulmanos a questões negativas. Tendo em conta o contexto histórico, social, cultural e mediático inglês, o facto de reafirmar uma série de vezes a orientação religiosa do mayor pode levantar algumas questões numa sociedade bombardeada por notícias negativas sobre os mesmos (como já vimos). Já a tabela 8 relativa ao jornal *The Times* mostra-nos que na única referência à orientação religiosa de Sadiq o jornal faz questão de o caracterizar como “british muslim”, não marcando uma separação entre muçulmano/inglês como faz o jornal *The Guardian*, que em nenhuma das vezes se refere a Sadiq como “british muslim”. Tal pode indicar uma preocupação do jornal *The Times* em não afirmar uma ligação estereotipada religião/nacionalidade.

Já na tabela 9, relativa ao Diário de Notícias, podemos perceber um discurso marcado pela relação entre ideias que contemplam referências não só religiosas como ráticas. Assim, vemos um discurso marcado pela ideia de Sadiq ser filho de imigrantes paquistaneses, ao mesmo tempo que faz referência à sua orientação religiosa. Para além disso, na mesma tabela podemos ler “Em 2009, fez uma peregrinação a Meca, o local mais sagrado do **Islão**.”, o que pode estar a querer recalcar a ideia de devoção de Sadiq à sua religião. Ainda assim, no contexto português, e apesar das poucas notícias do jornal sobre o caso, tal pode não significar automaticamente a criação de estereótipos pela sociedade, tendo em conta a o que vimos sobre a presença islâmica em Portugal e a abordagem mediática dos mesmos nos últimos anos.

Assim como no Diário de Notícias, o Público, como podemos ver pela tabela 10, também revela a associação de referências ráticas e religiosas: “...;um trabalhista, **muçulmano**, filho de **imigrantes paquistaneses**.” Assim como no *The Guardian* o discurso relativamente ao facto de ser muçulmano prende-se à ideia de um mayor muçulmano liderar uma capital europeia ocidental, o que no contexto português pode significar mais uma ideia positiva e de esperança, que propriamente uma ideia negativa, considerando o que já vimos sobre a presença muçulmana no nosso país.

Ainda assim não podemos deixar de considerar que vivemos num mundo fortemente globalizado em que, apesar do contexto mediático português ser silencioso e a presença islâmica em Portugal pacífica, o acesso a informação internacional é facilitado e pode influenciar igualmente a opinião pública portuguesa.

5.7.1.4. Fontes de Informação

Só a partir dos anos 70 do século passado é que se começou a dar a devida importância às fontes no processo de produção jornalística, surgindo diversas investigações sobre as mesmas.

Um dos primeiros investigadores a preocupar-se com esta temática foi Sigal, o qual chegou à conclusão que as notícias dependem das fontes que a alimentam, que, por sua vez, dependem do modo como o jornalista procura e/ou recebe a informação (Sigal, 1973, apud Ribeiro, 2006, pp. 15).

Como sabemos, a maioria dos jornalistas não é testemunha presencial nos factos que relata. Quer isto dizer, que há factos que se produzem sem haver um profissional que os testemunhe diretamente. Deste modo, os jornalistas têm que se informar antes de redigir a maioria das suas notícias, recorrendo para o efeito às chamadas fontes de informação (Fontcuberta, 2010, pp.46).

Assim sendo, podemos desde cedo concluir que a posição de instância privilegiada de mediação social que o jornalismo outrora dominava, passou a ser disputada por fontes organizadas e profissionalizadas que vieram complexificar os processos sociais de recolha e selecção das notícias e, por conseguinte, os processos de construção da própria realidade social.

Assim sendo, podemos afirmar que as fontes de informação vão desde pessoas, a instituições, a organismos de todo o tipo, os quais facilitam a informação de que os meios de comunicação precisam para construir as notícias. Esta informação pode ser de dois tipos: a que o meio procura através dos seus contactos; e/ou a que o meio recebe por iniciativa dos vários setores interessados. Relativamente à relação que se estabelece entre meio e fonte podemos dizer que é uma das mais complexas e estruturantes de todo o processo de produção noticioso (Fontcuberta, 2010, pp. 46).

Todos os jornalistas procuram explicar a realidade de um facto através da observação direta ou através de fontes humanas fidedignas, as quais são importantes mesmo quando o jornalista assiste ao acontecimento, na medida em que apresentam outro ponto de vista, trazendo dados complementares. A conquista de fontes fiáveis e de qualidade confere prestígio e, consequentemente, credibilidade aos meios de

comunicação. Desta forma, podemos afirmar que o poder informativo de um jornal se manifesta pelo número, qualidade e pluralismo das suas fontes de informação (Fontcuberta,2010, pp.46).

Existem fontes exclusivas e fontes partilhadas, sendo que as primeiras são as mais valorizadas pelos meios de comunicação, no sentido em que trazem informação privilegiada, sendo igualmente as mais difíceis de conseguir. As partilhadas são, então, as que garantem a todos os meios de comunicação um volume de informação homogêneo, como é o caso das agências noticiosas, os gabinetes de imprensa, os comunicados, as conferências de imprensa, entre outros (Fontcuberta,2010, pp.47).

5.7.1.4.1. Tipos de Fontes

Como sabemos, nem todas as fontes atuam da mesma forma, podendo variar consoante diversos fatores, nomeadamente consoante a sua atitude. Assim, e de acordo com Borrat, quanto à atitude as fontes podem ser: i) resistentes (levantam obstáculos, resistências a quem nela procura informações); ii) abertas (não apresentam resistência mas também não tomam a iniciativa, precisando de ser contactadas para fornecer a informação); iii) espontâneas (as que tomam a iniciativa de informar o meio de comunicação); iv) ansiosas (tomam a iniciativa e agem de uma forma mais pessoal e urgente, como o caso de alguém que precisa de divulgar mensagens que servem os seus interesses); e v) compulsivas (as que tomam a iniciativa com todos os recursos ao seu alcance, pressionando o meio a divulgar a sua informação) (Borratt, 1989, apud. Fontcuberta, 2010, pp.47)

Outra forma de tipificar as fontes prende-se com o momento do acontecimento. Assim, uma fonte “em primeira mão” é aquela em que o jornalista assiste pessoalmente ao acontecimento, implicando, por isso, o seu testemunho direto; “em segunda mão” aquela em que o jornalista não conhece pessoalmente a informação, mas sim através de declarações de uma testemunha direta; ou “em terceira mão”, quando a notícia se baseia em informação prestada por uma fonte que por seu turno obteve essa informação através de uma testemunha do acontecimento (Fontcuberta,2010, pp.47).

Ainda quanto à tipificação e classificação das fontes, alguns autores encontram outras subdivisões, nomeadamente: i) de acordo com a natureza: fontes pessoais ou

documentais; ii) conforme a origem: fontes públicas (oficiais) ou privadas; iii) segundo a duração: fontes episódicas ou permanentes; iv) de acordo com o âmbito geográfico: fontes locais, nacionais ou internacionais; v) conforme a identificação: fontes assumidas/explicitadas ou anónimas/confidenciais; e vi) de acordo com a metodologia ou a estratégia de atuação: fontes proactivas ou reativas, preventivas ou defensivas (Pinto, 2000, pp.3).

Deste modo, podemos então perceber que estamos perante um campo vastíssimo quando estudamos a relação fontes-jornalistas. Assim, para além da tipificação podemos ainda considerar uma abordagem quanto à catalogação e análise de problemas emergentes da atividade jornalística, da atividade das fontes ou da relação entre ambas as partes. Neste sentido, podemos encontrar tópicos como as fugas de informação, recurso a fontes anónimas ou a disfarces para obtenção de informação; a instituição e prática do off the record e do embargo; recurso a rumores e boatos; realização e mediatização de sondagens; o direito dos jornalistas à proteção das suas fontes de informação; as implicações da informação-espetáculo, dos pseudo-eventos e do recurso ao direto em rádio e televisão (Pinto, 2000, pp.3).

Neste contexto, predomina uma orientação normativa, nas suas vertentes jurídico-legais e éticodeontológica que constitui uma dimensão fulcral da relação fontes-jornalistas, a qual, no entanto, só adquire toda a sua amplitude quando confrontada com os fundamentos que a sustentam (Pinto, 2000, pp.3 e 4).

Por último, poderia ainda ser feita alusão a uma forma de analisar esta relação sob um ponto de vista funcional e utilitário. “Que procuram as fontes, quando buscam a atenção dos *media* ou os jornalistas quando recorrem às fontes? Que motivações as conduzem? Que objetivos e finalidades perseguem?” (Pinto, 2000, pp.4). De acordo com os resultados de algumas pesquisas empíricas, as fontes procuram todos ou, pelo menos, alguns dos seguintes objetivos: “1. a visibilidade e atenção dos *media*; 2. a marcação da agenda pública e a imposição de certos temas como foco da atenção coletiva; 3. a angariação de apoio ou adesão a ideias ou a produtos e serviços; 4. a prevenção ou reparação de prejuízos e malefícios; 5. a neutralização de interesses de concorrentes ou adversários; 6. a criação de uma imagem pública positiva.” (Pinto, 2000, pp.4)

Por outro lado, os jornalistas procurariam: “1. a obtenção de informação inédita; 2. a confirmação ou desmentido para informações obtidas noutras fontes; 3. a dissipação de dúvidas e desenvolvimento de matérias; 4. o lançamento de ideias e debates; 5. o fornecimento de avaliações e recomendações de peritos; 6. a atribuição de credibilidade e de legitimidade a informações diretamente recolhidas pelo repórter”. (Pinto, 2000, pp.4)

Deste modo, fontes e jornalistas parecem estar ligados por relações que pressupõem diferentes níveis de variação, os quais dependem do tipo de organização das fontes e do tipo de organização das notícias (Ericson & Baranek & Chan, 1989, pp.1 a 4). Para além disso, não pode deixar de se considerar igualmente que todos os jornalistas são diferentes, quer em termos de formação académica, quer em termos profissionais, quer mesmo considerando o ambiente social e institucional em que estão inseridos, o que acaba por ser também relevante na análise da relação com as fontes.

Considerando o exposto, procedeu-se à elaboração de uma grelha de análise com os seguintes campos de pesquisa:

- 1) Identificação do jornal
- 2) Número de notícias analisadas por jornal
- 3) Identificação da fonte
- 4) Fonte que prevalece no jornal
- 5) Presença de fontes oficiais
- 6) Pluralidade e diversidade de fontes

Deste modo pretende-se perceber como as fontes poderão ou não estar a influenciar direta ou indiretamente a opinião pública num sentido discriminatório. Pretende-se, igualmente, e no mesmo âmbito, compreender de que forma os jornais em análise se mostram inclusivos quanto às suas fontes.

Tabela 11 Identificação do jornal/Nº de notícias analisadas por dia por jornal

	DN	PUB	THE TIMES	THE GUARDIAN
21 Abril	0	0	2	2
22 Abril	0	0	1	0

23 Abril	0	0	0	0
24 Abril	0	0	---	---
25 Abril	0	0	0	0
26 Abril	0	0	0	1
27 Abril	0	0	0	0
28 Abril	0	0	1	1
29 Abril	1	0	5	4
30 Abril	0	0	3	2
1 Maio	0	0	---	---
2 Maio	0	1	5	3
3 Maio	0	0	2	2
4 Maio	0	0	3	2
5 Maio	1	2	3	1
6 Maio	1	0	0	1
7 Maio	1	2	5	5
Total	4	5	30	24

Tabela 12 Identificação das Fontes/ Fonte que prevalece no jornal/ Presença de Fontes oficiais/ Pluralidade e Diversidade de Fontes

Jornal Fonte	DN	PUB	THE TIMES	THE GUARDIAN
Media	5	13	17	24
Primeiro-ministro Britânico (David Cameron)		1	4	7
Mayor de Londres (Boris Johnson)	1			
Candidato Partido Trabalhista (Sadiq Khan)	1	3	4	10
Candidato Partido Conservador (Zac)	1	1		3

Goldsmith)				
Líder do Partido Trabalhista (Jeremy Corbyn)	1	1	6	10
Não identificado				2
População			4 (judeus) + 1 (muçulmana)	1 (jewish broadcaster)
Assessores (Políticos)			2	10
Financiadores do Partido Trabalhista			5	1
Partido Trabalhista	1		17	37
Partido Conservador			2	4
Membros do Gabinete Paralelo do Reino Unido		1	7	10
Figuras religiosas Muçulmanas (Líderes religiosos)			2	2
Figuras religiosas judias (líderes religiosos)			2	3
Antigos Mayor de Londres (Livingstone)		2	3	5
Peritos em eleições			2	1
Apoiantes de Corbyn				5
Organizações de proteção da população judia britânica			1	1

British Polling Council			1	
Ativista (Emma Thompson)				1
Embaixador de Israel em Londres			1	1
Chefe da maior associação de defesa dos trabalhadores – Unite			2	2
SNP – Partido Nacional da Escócia				1
Empresas (Empresário - YouGov)				1
Outros			1	1
Deputados centristas		1		
Secretário-geral da CMR			1	

5.7.1.5. Análise de resultados

Como já vimos, principalmente a partir dos anos 70, as fontes começaram a assumir uma importância sem igual no contexto de produção jornalística, sendo um elemento-chave no processo de construção da notícia.

Como tal, na presente investigação, procurou saber-se quais as fontes ouvidas, quais as prevalentes, se oficiais ou não oficiais, e, acima de tudo, averiguar a diversidade das fontes a que recorreram os diferentes jornais.

Neste sentido, foram avaliados seis parâmetros, considerados nas tabelas 11 e 12:

- i) Identificação do jornal

- ii) Número de notícias analisadas por jornal
- iii) Identificação da fonte
- iv) Fonte que prevalece no jornal
- v) Presença de fontes oficiais
- vi) Pluralidade e Diversidade de Fontes

Deste modo, considerando a tabela 12, podemos perceber que as fontes prevalecente nos dois jornais portugueses (Diário de Notícias e Público) são outros meios de comunicação, o que se compreende, tendo em conta que o caso que se reporta é o da eleição do Mayor de Londres, tendo sido, portanto, grande parte da informação recolhida de meios de comunicação britânicos.

Já no jornal *The Times*, assim como no *The Guardian*, prevalecem os media e o Partido Trabalhista (tendo sido considerados neste âmbito membros e primeiros-ministros do partido trabalhista). O Partido Trabalhista como fonte recorrente e prevalecente pode indicar alguma tendência política dos jornais em questão. Quanto ao recurso aos media, pode justificar-se por estarmos a analisar a fase de campanha eleitoral.

Para além disso, como podemos constatar, prevalece o recurso a fontes oficiais, as quais se referem a alguém com uma função/cargo público que se pronuncia por órgãos mantidos pelo Estado e que preserva poderes constituídos, o que se justifica tendo em conta que estamos perante a análise de notícias relativas à fase de campanha eleitoral do processo de eleição do mayor de Londres.

Por último, relativamente à pluralidade e diversidade das fontes, podemos começar por explicar que, para além do pouco nº de notícias, como se vê na tabela 10, os jornais portugueses recorreram essencialmente a meios de comunicação ingleses na construção das suas notícias, de modo que não se pode fazer uma avaliação muito detalhada relativamente à diversidade das fontes. Neste caso, o que podemos afirmar é que poderiam ter tentado ouvir outras vozes, nomeadamente representantes da comunidade islâmica em Portugal, de forma a englobar/considerar outras perspetivas da temática, o que, claramente, não foi feito.

Já no que respeita aos jornais ingleses, o *The Times* e o *The Guardian* encontram-se num patamar muito semelhante no que toca à pluralidade e diversidade de fontes, em

particular no que respeita à participação de minorias étnicas na produção noticiosa. Assim, temos no *The Times*: população (4 judeus e 1 muçulmano); líder religioso muçulmano (2); líder religioso judeu (2); Organização de proteção da população judia britânica (1); Embaixador de Israel em Londres (1). E no *The Guardian*: população (1 judeu); líder religioso muçulmano (2); líder religioso judeu (3); Organização de proteção da população judia britânica (1); Embaixador de Israel em Londres (1). Ainda assim, num país tão marcado pela multiculturalidade, a pluralidade e diversidade de vozes que contemplam não me parece ser demasiado relevante, mostrando, no entanto, alguma preocupação em ouvir algumas minorias étnicas. Por um lado os muçulmanos, provavelmente dada a orientação religiosa do mayor e tendo em conta a polémica que envolveu o período de campanha eleitoral com Sadiq a ser por diversas vezes acusado de ligações a extremistas; e, por outro, os judeus, tendo em conta toda a polémica em torno do Partido Trabalhista a ser acusado de antissemitismo.

Considerações Finais

Atualmente, vivemos numa sociedade em que o conhecimento é mediatizado pelos media, sendo crescente a nossa dependência em relação aos mesmos no que respeita à construção de uma determinada perceção do mundo. Assim, diz-se que uma sociedade livre é uma sociedade informada...mas até que ponto não estará essa liberdade a ser delimitada pelos media e as suas mensagens e enquadramentos?

Neste sentido, e como já vimos, cumpre a cada um de nós o trabalho de (re)interpretação e mesmo de desconstrução das mensagens dos meios de comunicação, não nos limitando ao básico, a assunções precipitadas e generalizadas, que muitas vezes estão na base da criação de alguns estereótipos.

Neste contexto, esta investigação procurou precisamente essa desconstrução, levantando algumas questões e debatendo algumas ideias, considerando a perspectiva de que a audiência tem um papel ativo na construção da sua imagem da sociedade.

Deste modo, procurou considerar-se diferentes prismas de análise das mensagens dos media e da interpretação pela audiência, procedendo-se a uma análise qualitativa e quantitativa das mensagens e a uma contextualização histórica, social, cultural e do panorama mediático em que a audiência se enquadra.

Assim, conclui-se que, ainda que as notícias possam ter um papel pedagógico fundamental na sociedade estes não são nem nunca foram o fator determinante na sua construção da imagem do mundo envolvente, pelo que, perante o caso em apreço, podemos perceber que, apesar de algumas mensagens um pouco dúbias quanto à sua imparcialidade, o contexto em que a sociedade se insere acaba por ser também relevante para a opinião que vai formar.

Resumidamente, podemos afirmar que, apesar de a imagem que a sociedade tem da religião muçulmana poder estar a ser fortemente influenciada por algumas mensagens dos media, esta imagem vai depender de vários outros fatores, pois como se pode facilmente concluir a perceção que alguém em Portugal (país marcado por uma presença islâmica pacífica) tem pode ser muito diferente daquela que alguém em Inglaterra (país muito mais multicultural e marcado por uma presença islâmica um pouco conturbada e “denegrida” por alguns meios de comunicação) tem.

Concluimos assim, que esta foi uma investigação que procurou uma abordagem multiperspetival do tema em análise, o que permitiu diferentes tipos de abordagens e pontos de vistas e não uma conclusão global. Sendo este um objeto de estudo passível de múltiplas abordagens, quer no campo teórico-conceptual, quer na abordagem metodológica, seria desejável, em estudos futuros, proceder a ua análise mais deste camp, onde haja a possibilidade de cruzar diferntes variaveis que possibilitem uma perspetiva mais completa de como os media reproduzem narrativas e esteriótipos sobre as temáticas do multiculturalismo.

Referências Bibliográficas

- Barabas, Alicia (2014). Multiculturalismo, pluralismo cultural y interculturalidad en el contexto de América Latina: la presencia de los pueblos originarios. Em *Configurações*, 14, Páginas 11 a 24. ISBN 1646-5075. Centro de Investigação em Ciências Sociais. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://configuracoes.revues.org/2219>
- Barker, Chris (2012). *Cultural Studies – Theory and Practice* (4ª ed.). Londres: Sage Publications. ISBN 978-0-85702-479-4
- Cabecinhas, Rosa & Cunha, Luís (2008). Comunicação intercultural - Perspectivas, dilemas e desafios. Em *Comunicação e sociedade*, vol. 15. ISBN 978-989-625-350-9. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/34392>
- Colombo, Enzo (2015). Multiculturalisms: An overview of multicultural debates in western societies. Em *Current Sociology Review*, Vol. 63 (6), páginas 800 a 824. Sage Publications. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0011392115586802>
- Dey, Ian (1993). *Qualitative Data Analysis – A User-Friendly Guide For Social Scientists*. Routledge. ISBN 0-203-72073-3. Consultado em 8/06/2017. Disponível em http://www.classmatandread.net/class/785wk3/Qualitative_data_analysis.pdf
- Durham, Meenakshi Gigi & Kellner, Douglas M. (2006). *Media and Cultural Studies*. (s.l.). Blackwell Publishing. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <https://we.riseup.net/assets/102142/appadurai.pdf>
- Ericson, Richard V., Baranek, Patricia M., & Chan, Janet B. L. (1989). *Negotiating Control: A study of news sources*. Canada: University of Toronto. ISBN 0-8020-2659-1
- Fontcuberta, Mar de (2010). *A Notícia – Pistas para Compreender o Mundo* (3ª ed.). Alfragide: Casa das Letras. ISBN 978-972-46-0977-5

Fundación Secretariado Gitano (2010). *A practical guide for journalists – Equal treatment, the media and Roma community*. Consultado em 8/06/2017. Disponível em https://www.gitanos.org/upload/76/03/GUIA_english.pdf

Hall, Stuart (1980). Cultural Studies: Two Paradigms. Em Davis, Robert Con & Schleifer, Ronald (1994), *Contemporary Literary Criticism – Literary and Cultural Studies* (3ªed.), pp. 610-625. Nova Iorque: Longman. ISBN ISBN 0-8013-1113-6.

Hall, Stuart (1990). The Emergence of Cultural Studies and the Crisis of Humanities. (s.l). The MIT Press. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <https://faculty.utep.edu/LinkClick.aspx?link=stuart+hall.pdf&tabid=54097&mid=120056>

Hall, Stuart (1997a). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Consultado em 8/06/2017. Disponível em https://www.google.pt/search?scient=psy-ab&biw=1366&bih=667&noj=1&q=a+centralidade+da+cultura&oq=a+centralidade+da+cultura&gs_l=serp.3...2634.8260.1.8575.55.15.0.0.0.729.729.6-1.1.0...0...1c.1.64.serp..54.0.0.0.0ZBsm7UNkWw

Hall, Stuart (Edt.).(1997b). Representation – Cultural Representations and Signifying Practices. (s.l): Sage Publications in association with The Open University. Consultado em 8/06/2017. Disponível em https://faculty.washington.edu/pembina/all_articles/Hall1997.pdf

Hall, Stuart (1999). Encoding, decoding. Em S. During (Edt), *The Cultural Studies Reader*. Capítulo 36. Routledge. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://faculty.georgetown.edu/irvinem/theory/Hall-Encoding-Decoding-CSReader.pdf>

Hall, Stuart (s.d). Introduction to Media Studies at the Centre. Em Hall, Stuart & Hobson,

Dorothy & Lowe, Andrew (Edts.), *Culture, Media, Language*. (s.l): Routledge. ISBN 0-415-07906-3

Jempson, Mike & Pereira, Ana Cristina (2014). *All the voices - Diversity and the Media*. (s.l). Movimento SOS Racismo.

Jerónimo, Patrícia (2014). Interculturalidade e pluralismo jurídico - A emergência de ordens jurídicas minoritárias na Europa e a tutela dos direitos fundamentais. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/31404/1/JER%C3%93NIMO,%20Patr%C3%ADcia,%20Interculturalidade%20e%20pluralismo%20jur%C3%ADdico.pdf>

Jin, Huimin (2011). British Cultural Studies, Active Audiences and the Status of Cultural Theory – An Interview with David Morley. Em *Theory, Culture and Society*, vol. 28(4), páginas 124 a 144. Sage Publications. Consultado em 8/06/2017. Disponível em https://research.gold.ac.uk/4409/1/TCS_Intvw_2011.pdf

Kellner, Douglas (2011). Cultural Studies, Multiculturalism, and Media Culture. Em Gail Dines, Jean M. Humez (Edts), *Gender, Race and Class in Media: A Critical Reader*. Consultado em 08/06/2017. Disponível em https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=kNu3KMA73nWC&oi=fnd&pg=PA7&dq=kellner+cultural+studies+multiculturalism+and+media+culture&ots=3aJQvFDcKS&sig=hO5uIxnH_ugWeToLI72vqn7ox_A&redir_esc=y#v=onepage&q=kellner%20cultural%20studies%20multiculturalism%20and%20media%20culture&f=false

Krippendorff, Klaus (2004). *Content Analysis – An Introduction to Its Methodology* (2ª ed.). USA: Sage Publications. ISBN 978-0-7619-1544-7

Llombart, Margot Pujal (1993). Mujer, Reacciones de género y discurso. Em *Aprendizaje, Revista de Psicología Social*, 8(2), páginas 201 a 215. ISSN 0213-4748. Consultado em 8/06/2017. Disponível em

https://www.google.pt/search?q=Mujer%2C+Rleaciones+de+g%C3%A9nero+y+discurso&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b-ab&gfe_rd=cr&ei=4dGWbbYEOOs8weThruYBQ

Modood, Tariq (2011). Multiculturalism and Integration: Struggling with confusions. Italy: European University Institute. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/mars/source/resources/references/others/38%20-%20Multiculturalisme%20and%20Integration%20-%20Modood%202011.pdf>

Modood, Tariq & Ahmad, Fauzia (2007). British Muslim Perspectives on Multiculturalism. Em *Theory, Culture and Society, Volume 24*, Páginas 187-213. Londres: Sage. Consultado em 08/06/2017. Disponível em http://tariqmodood.com/uploads/1/2/3/9/12392325/british_muslim_perspectives.pdf

Modood, Tariq & Meer, Nasar (2012). How does Interculturalism Contrast with Multiculturalism? Em *Journal of Intercultural Studies*, 33:2, Páginas 175-196. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://www.bristol.ac.uk/media-library/sites/ethnicity/migrated/documents/interculturalism.pdf>

Moore, Kerry, Mason, Paul, & Lewis, Justin (2008). Images of Islam in the UK – The Representation of British Muslim in the National Print News Media 2000-2008. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://orca.cf.ac.uk/53005/1/08channel4-dispatches.pdf>

Nogueira, C. (2001) A análise do discurso. Em L. Almeida e E. Fernandes (Edts), *Métodos e técnicas de avaliação: novos contributos para a pratica e investigação*. Braga: CEEP. Consultado em 8/06/2017. Disponível em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4355/1/Capitulo_analise%20do%20discurso_final1.pdf

- O'Boyle, Leonor (1968). The Image of the Journalist in France, Germany, and England, 1815-1848. Em *Comparative Studies in Society and History*, Vol. 10, No. 3 (Apr., 1968), pp. 290-317. (s.l): Cambridge University Press. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/177803>
- Padilla, Elsa Beatriz & França, Thaís (2014). Para além da Governação. Políticas, Práticas e Discursos de Inclusão e Promoção da Diversidade Cultural. Em *Configurações*, nº 14. V.N Famalicão: Húmus. ISSN: 1646 -5075. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35612/1/Configura%c3%a7%c3%b5es%2014-DIGITAL%20FINAL.pdf>
- Pinto, Manuel (2000). Fontes jornalísticas: Contributos para o mapeamento do campo. Em *Comunicação e Sociedade 2, Cardenos do Noroeste, Série comunicação, Vol.14 (1-2)*, páginas 277 a 294. Consultado em 8/06/2017. Disponível em https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5512/1/CS_vol2_mpinto_p277-294.pdf
- Poole, Elizabeth (2011). Change and Continuity in the Representation of British Muslims Before and After 9/11: The UK Context. Em *Global Media Journal (Canadian Ed.)*, vol. 4, páginas 49 a 62. ISSN 1918-5901. Consultado em 8/06/2017. Disponível em http://www.gmj.uottawa.ca/1102/v4i2_poole.pdf
- Ribeiro, Fernando Vasco (2006). *Fontes Sofisticadas de Inofrmação – Análise do produto jornalístico político da imprensa nacional diária de 1995 a 2005*. (Dissertação de mestrado não editada, Mestrado de Comunicação e Cultura – Variante de Jornalismo Político). Universidade do Porto, Faculdade de Letras, Porto. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/13047/2/FontesSofisticadasdeInformao000069327.pdf>
- Salatiel, José Renato (2008). Escola de Frankfurt: Crítica à sociedade de comunicação de massa. Em *Pedagogia e Comunicação*, Página 3. Consultado em 8/06/2017. Disponível

em <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/escola-de-frankfurt-critica-a-sociedade-de-comunicacao-de-massa.htm>

Santos, Caynnã de Camargo, & Piassi, Luís Paulo de Carvalho (2013). *Estudos Culturais e Meios de Comunicação: Uma reconstituição do trajeto histórico da temática midiática no campo dos estudos da cultura*, XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Manaus. Consultado em 8/06/2017. Disponível em [http://www.academia.edu/7265991/Estudos Culturais e Meios de Comunica%C3%A7%C3%A3o Uma reconstitui%C3%A7%C3%A3o do trajeto hist%C3%B3rico da t em%C3%A1tica midi%C3%A1tica no campo dos estudos da cultura](http://www.academia.edu/7265991/Estudos_Culturais_e_Meios_de_Comunica%C3%A7%C3%A3o_Uma_reconstitui%C3%A7%C3%A3o_do_trajeto_hist%C3%B3rico_da_tem%C3%A1tica_midi%C3%A1tica_no_campo_dos_estudos_da_cultura)

Saussure, F. (1978). *Curso de Linguística Geral* (traduzido do francês por José Victor Adragão). Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Serrano, Estrela (2006). A dimensão política do jornalismo. *Em Comunicação e Cultura*, n^o2, páginas 63 a 81. Consultado em 8/06/2017. Disponível em http://comunicacaoecultura.com.pt/wp-content/uploads/2010/07/02_03_Estrela_Serrano.pdf

Sian, Katy, Law, Ian, & Sayyid, S. (2012). *The Media and Muslims in the UK*. University of Leeds: Centre for Ethnicity and Racism Studies. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/projectos/tolerance/media/Working%20paper%205/The%20Media%20and%20Muslims%20in%20the%20UK.pdf>

Sobolewska, Maria & Ali, Sundas (2012). Who Speaks for Muslims? The role of the press in the creation and reporting of Muslim public opinion polls in the aftermath of London bombings in July 2005. *Em Ethnicities*, Vol. 15(5), páginas 675 a 695. Sage Publications. Consultado em 8/06/2017. Disponível em [https://www.google.pt/search?q=Who+speaks+for+Muslims%3F+The+role+of+the+pre ss+in+the+creation+and+reporting+of+Muslim+public+opinion+polls+in+the+aftermat](https://www.google.pt/search?q=Who+speaks+for+Muslims%3F+The+role+of+the+press+in+the+creation+and+reporting+of+Muslim+public+opinion+polls+in+the+aftermat)

h+of+London+bombings+in+July+2005&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b-ab&gfe_rd=cr&ei=jF5FWaCxIaOp8we556u4Ag

Stokke, Christian & Lybæk, Lena (2016). Combining intercultural dialogue and critical multiculturalism. Sage Publications. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1468796816674504>

The University of Texas at Austin (s.d). Social Research Glossary – Discourse analysis. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://www.qualityresearchinternational.com/socialresearch/discourseanalysis.htm>

Tiesler, Nina Clara (2000). Muçulmanos na margem: A nova presença islâmica em Portugal. Em *Sociologia, Problemas e Práticas*, nº34, páginas 117 a 144. ISSN 0873-6529. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n34/n34a05.pdf>

Traquina, Nelson (2007). *Jornalismo* (2ªed). (s.l). Quimera. ISBN978-972-589-180-3

Williams, Raymond (1969). A Cultura é de todos. Em *Cultura e Sociedade*. (Nacional, trad. Bras.) Consultado em 8/06/2017. Disponível em <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:yhPM1MExARAJ:https://artencampo.files.wordpress.com/2014/10/a-cultura-c3a9-de-todos-r-williams.doc+&cd=5&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt&client=firefox-b-ab> (Obra originalmente publicada em 1958)

Williams, Raymond (1976). *Keywords – A vocabulary of culture and society*. London: Fontana Press.

Williams, Raymond (1985). *Culture and Society*. Middlesex: Penguin Books. ISBN 0-14-020520-9

Williams, Raymond (1990). *Television, Technology and Cultural Form* (2ªed.). Londres: Routledge. ISBN 0-415-03047-1.

Wood, Phil, Landry, Charles, & Bloomfield, Jude (2006). *Cultural diversity in Britain - A toolkit for cross-cultural co-operation*. (s.l): Joseph Rowntree Foundation. ISBN-13: 978 1 85935 525 1. Consultado em 8/06/2017. Disponível em <https://pdfs.semanticscholar.org/522f/670d314c90b27fd2ee2bf6f65ae4b0a31ff8.pdf>

Anexos

Anexo 1 – Diário de Notícias 29/04/2016

MUNDO

33



Ken Livingstone

suspenso após dizer que Hitler era sionista

LABOUR Pressionado a reagir, líder dos trabalhistas britânicos, Jeremy Corbyn, decidiu suspender ex-presidente da Câmara de Londres

Ken Livingstone, *major* de Londres entre 2000 e 2008, foi ontem suspenso do Labour por causa de comentários que fez quando defendia uma deputada do partido, envolvida numa polémica sobre antissemitismo.

"Quando Hitler ganhou as eleições, em 1932, a sua política era a de que os judeus deveriam ser enviados para Israel. Defendia o sionismo antes de enlouquecer e acabar por matar seis milhões de judeus", disse Ken Livingstone, em declarações à rádio BBC.

O antecessor de Boris Johnson na Câmara Municipal de Londres respondia a uma pergunta sobre a deputada Naz Shah, que havia sido suspensa do Labour por comentários que fez no Facebook antes de ter chegado ao Parlamento, nos quais sugeria, nomeadamente, que Israel mudasse para os EUA. Na quarta-feira Shah pediu desculpa por esses comentários, mas não conseguiu acalmar os que acusam a liderança trabalhista de nada fazer para acabar com o antissemitismo nas fileiras do partido.

A juntar à polémica, um outro deputado trabalhista, John Mann, acusou Ken Livingstone de ser "um apologista do nazismo". Pressionado a reagir a tudo isto, o líder do Labour, Jeremy Corbyn, anunciou a suspensão do ex-autarca, que ficou conhecido como *Red Ken*. Citado pelos *media* britânicos, Corbyn garantiu que não tolerará "antissemitismo por parte de ninguém dentro do partido". Boris Johnson, que já não será candidato dos conservadores nas eleições autárquicas do dia 5 de maio, afirmou que é preciso o Labour ir mais longe, expulsando Livingstone. Sadiq Khan, candidato trabalhista a Londres, considerou que tal comportamento "é indesculpável". Pv.

ma Rousseff reuniu-se ontem com trabalhadores agrícolas

a dar lugar ao vice "é inevitável". agora, a presidente pensa no *after* à votação: estuda, por um o, incendiar a militância dos vimentos sociais que apoiam o – sindicatos e outros – nos priros dias da era Temer e realizar p périplo por países da América ina e da Europa a denunciar "o pe" de que se diz vítima.

entretanto, Adolfo Pérez Esquí, pacifista argentino vencedor Prémio Nobel de 1980, discursu no Senado brasileiro a convite senador Paulo Paim (PT), que sidia interinamente ao plená e definiu a situação no Brasil no "golpe". "Venho ao Brasil tra-solidariedade e apoio de muita gente na América Latina para que se respeite o direito do povo de viver em democracia e a continuidade da Constituição, um golpe de Estado traz grandes dificuldades aos países, como aconteceu nas Honduras e no Paraguai", disse.

O deputado do PSDB Ataídes Oliveira reagiu "com indignação" e pediu para a palavra "golpe" ser retirada da ata, pedido a que Paim acedeu, após troca de acusações.

Na sessão da Comissão do Impeachment, entretanto, ontem foi o dia de os subscritores do pedido, Janaina Paschoal e Miguel Reale Júnior, serem ouvidos. Hoje fala José Eduardo Cardozo, advogado do governo.

ão do Senado

4	5	1	21
INDECISOS	AINDA NÃO SE PRONUNCIARAM	POSSÍVEL AUSÊNCIA	CONTRA O IMPEACHMENT

41
STA

TOTAL 81



Ken Livingstone, de 70 anos, foi presidente da Câmara de Londres de 2000 a 2008

JOGOS SEM FRONTEIRAS

O Donald



BERNARDO PIRES DE LIMA
Investigador universitário

Trump venceu no Indiana e fez o pleno que importa nestas primárias. Conquistar os delegados em disputa; ser visto maioritariamente como o candidato de fora do aparelho, dado que no Indiana seis em cada dez republicanos quer que o próximo presidente não tenha origem no *establishment*; e ser altamente competitivo entre os evangélicos brancos (55% dos republicanos neste estado), acrescentando-lhes quem ocasionalmente vai à igreja ou até quem nunca vai. Donald Trump bateu Ted Cruz em todos estes parâmetros. Mas há ainda um nível extra para que o pleno no Indiana se transforme na consagração das primárias: ter o apoio público das figuras do partido. A onda interna *never Trump* mostrou não ter grande dinâmica e a ideia de esvaziar politicamente as primárias encenando uma convenção aberta também está a cair por terra. Por isso foi importante o apoio já dado pelo presidente do Comité Nacional Republicano, Reince Priebus, quando apelou à união do partido à volta "do Donald" numa campanha focada, agora sim, num *never Clinton*. O principal interesse daqui em diante será perceber como é que Trump se irá tornar o candidato do *establishment* e se a inversão o aproximará de Hillary nas sondagens. Bem sei que Sanders ganhou ontem, mas os delegados foram repartidos quase ao meio e é impossível matematicamente ao velho Bernie chegar à nomeação. O que está a tentar é ter um lugar determinante nos debates da convenção, das próximas políticas públicas democratas e introduzir a sua gente no aparelho de Estado. Sanders, no fundo, também quer entrar no *establishment*. Mas, apesar da derrota, Hillary está à beira da nomeação. Aliás, diria que está à beira da Casa Branca. Para isso basta que em novembro ganhe nos 19 estados onde os democratas vencem há seis eleições seguidas e lhe acrescente a Florida. Para isto, o *never Trump* pode ser repescado mas precisa de muito melhor uso.



Sadiq Khan, candidato do Labour a Londres, fala aos apoiantes

Quem é o muçulmano que pode suceder a Boris em Londres?

Reino Unido. Favorito nas sondagens, filho de paquistaneses quer ser eleito hoje

PATRICIA VIEGAS

As eleições autárquicas e regionais de hoje no Reino Unido são importantes por dois motivos: constituem o primeiro teste ao novo líder do Labour Jeremy Corbyn e podem abrir a porta àquele que seria o primeiro autarca muçulmano de uma grande capital da UE. O trabalhista Sadiq Khan lidera as sondagens para a câmara municipal de Londres e quer suceder ao conservador Boris Johnson, que, após oito anos no cargo, decidiu não se recandidatar e concentrar-se na campanha pela saída do país da UE (para o referendo de 23 de junho).

Filho de um motorista de autocarro e de uma costureira, imigrantes paquistaneses, Khan surge à frente do candidato dos conservadores, o ambientalista Zac Goldsmith, de 41 anos, filho do falecido multimilionário e político James Goldsmith. Ambos são deputados na Câmara dos Comuns. O primeiro representa a circunscrição multicultural de Tooting, o segundo é eleito por Richmond Park, considerada uma das circunscrições mais ricas.

Segundo uma sondagem do instituto Opinium, ontem publicada pelo jornal *Evening Standard*, Khan surge com 35% das intenções de votos do eleitorado, Goldsmith aparece com 26%. A vantagem aumenta quando são contabilizadas as segundas preferências, com o trabalhista a registar 57% contra os 43% do conservador. Nos boletins,

os eleitores têm de indicar os dois candidatos preferidos, por ordem de importância. Se o mais votado não alcançar 50% dos votos, os dois mais votados terão de enfrentar uma segunda volta. Além de Khan e Goldsmith há mais dez candidatos à autarquia londrina, mas as sondagens apontam para que a grande disputa seja entre aqueles dois deputados.

A campanha eleitoral ficou marcada por polémicas, com Khan a ser acusado de não se distanciar dos extremistas islâmicos e Goldsmith a ser associado a donativos de promotores imobiliários a quem Boris Johnson deu licença para construir apartamentos de luxo. Além das autárquicas, há hoje eleições regionais na Escócia, no País de Gales e na Irlanda do Norte.

ELEIÇÕES

35%

das intenções de voto

Sadiq Khan, deputado trabalhista, tem 35% das intenções de voto, o rival, Zac Goldsmith, surge com 26%.

50%

de sufrágios expressos

Um candidato tem de ter mais de 50% dos votos para ganhar à primeira volta as eleições autárquicas.

34

MUNDO

Sexta-feira, 6 de maio de 2016. Diário de Notícias

O trabalhista Sadiq Khan e a mulher, Saadiya, depois de votarem. Muçulmano, filho de imigrantes paquistaneses, era o favorito à vitória para a Câmara de Londres

Vitória em Londres pode ser a única boa notícia para Labour de Corbyn

Reino Unido. Trabalhistas devem perder vários bastiões, o que representa teste para o seu líder. Contagem de votos só termina no domingo

SUSANA SALVADOR

Os relógios marcavam as 22.00, mas as televisões britânicas não estavam em contagem decrescente para revelar as sondagens à boca das urnas nas eleições locais inglesas e parlamentares na Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte. Nos ecrãs, grupos de pessoas debruçavam-se sobre mesas enquanto procediam à contagem de votos em direto e durante várias horas nos rodapés ia estar a frase "a aguardar resultados". Alguns só serão conhecidos no domingo, mas o nome do futuro presidente da câmara de Londres é revelado já hoje. Era esperada a vitória do trabalhista Sadiq Khan, frente ao conservador Zac Goldsmith, mas essa pode ser a única boa notícia para o Labour e Jeremy Corbyn.

Khan, filho de imigrantes paquistaneses, de 45 anos, chegou ao dia das eleições com uma vantagem de mais de dez pontos per-

centuais face ao rival. Caso esses números se confirmem nas urnas, poderá tornar-se no primeiro muçulmano à frente da câmara de uma capital da Europa Ocidental, e devolver a câmara de Londres ao Labour após oito anos de governo conservador de Boris Johnson.

Polémicas de última hora, com Goldsmith a acusar o adversário de

Sem sondagens à boca das urnas, resultados eram esperados a partir da madrugada

dar "origem" aos "extremistas" islâmicos, podem contudo ainda trazer surpresas, assim como a fraca participação que era esperada num dia de calor no Reino Unido.

Os britânicos têm estado mais concentrados na campanha para o

referendo sobre a continuação ou não do país na União Europeia do que nas eleições locais. Johnson, que abdicou de concorrer a um terceiro mandato em Londres (com os olhos postos na liderança do Partido Conservador e em suceder a David Cameron no poder), é o principal rosto da campanha do *Brexit*. Uma sondagem publicada na véspera das eleições dizia que teria conseguido vencer Khan.

A escolha do novo presidente da câmara de Londres (a votos foram também Liverpool, Bristol e Salford) era a parte mais visível das eleições no Reino Unido, que servem ainda para renovar o Parlamento da Escócia, a Assembleia Nacional do País de Gales e a da Irlanda do Norte e eleger os representantes de 124 condados ingleses (e 2750 lugares em disputa). E aí as previsões não eram boas para Corbyn, eleito líder da oposição depois do desaire eleitoral do Labour de Ed Miliband nas legislativas de 2015.

O cenário era de tal forma negro (havia quem falasse na perda de 150 lugares para os trabalhistas, que seriam distribuídos pelos conservadores, os liberais-democratas e até os independentistas do UKIP) que depois de Corbyn expressar a sua confiança de que o Labour iria ganhar lugares, o seu porta-voz veio clarificar: "Não estamos no negócio de perder lugares e vamos lutar para ganhar o máximo possível amanhã." Identificado como "socialista democrático", Corbyn puxou o partido mais para a esquerda e há quem não acredite que será o homem para levar de novo o Labour à vitória nas legislativas de 2020.

Escócia e País de Gales

As atenções às primeiras horas de contagem de votos estavam viradas para a Escócia, onde o Partido Nacionalista Escocês esperava manter a maioria de votos no Parlamento e reeleger Nicola Sturgeon como primeira-ministra. Aqui o risco para o Labour era saber se iria continuar como o segundo partido mais votado ou ser ultrapassado pelos conservadores.

Na eleição para a Assembleia Nacional do País de Gales (a única para a qual foi revelada uma sondagem YouGov para a ITV feita no dia, mas não à boca das urnas), os trabalhistas deviam perder três lugares, mas mantêm a maioria (27). Os conservadores e os liberais-democratas perdem três cada (para 11 e 2, respetivamente), com o UKIP a conseguir os primeiros oito lugares do parlamento regional. Os nacionalistas galeses do Plaid Cymru tornam-se na segunda força mais votada, passando de 11 para 12.

Popularidade de Maduro no nível mais baixo em cinco meses

VENEZUELA 71,5% dos inquiridos numa sondagem desaprovaam gestão do presidente e nove em cada dez acreditam que situação é negativa

A aprovação à gestão do presidente venezuelano, Nicolás Maduro, caiu em março para os 26,8%, o pior nível em cinco meses, segundo uma sondagem da Datanálisis. O ex-motorista de autocarros de 53 anos, que sucedeu ao falecido presidente Hugo Chávez em 2013, enfrenta um difícil cenário com recessão económica, escassez de produtos básicos e a inflação mais alta do mundo.

Face à grave crise que vive o país petrolífero, a oposição, fortalecida após conseguir a maioria nas eleições parlamentares do ano passado, está a tentar lançar um referendo para revogar o mandato de Maduro. No final do ano passado, a aprovação do herdeiro político de Chávez chegou ao mínimo de 21,1%. Contudo, a partir daí subiu até 33,1% em fevereiro, voltando a cair em março.

Segundo a sondagem da Datanálisis, realizada entre 4 e 14 de março (com um nível de confiança de 95%), 71,5% dos inquiridos desaprova a gestão do presidente e nove em cada dez acreditam que a situação do país é "negativa". "Mais do que a popularidade de Maduro, que continua em queda, quando olhas para o desejo de mudança (do povo), estamos a falar de que quase 7 em cada 10 venezuelanos deseja uma mudança de governo", indicou o presidente da empresa de sondagens, Luis Vicente León, numa entrevista à Unión Rádío.

Desde que assumiu a presidência, em 2013, a popularidade de Maduro tem vindo a cair à medida que piora a crise económica — provocada pela queda dos preços do petróleo, que representa 90% dos rendimentos do país. Maduro atribui os problemas económicos à oposição que, alega, se apoia no governo norte-americano para tentar semear o caos e derrubá-lo. Acusações que sempre foram negadas.

A oposição entregou esta semana 1,85 milhões de assinaturas (precisava de menos de 200 mil) para dar início ao processo que permitirá convocar um referendo para revogar o mandato de Maduro. As rubricas estão ainda a ser verificadas pelo Tribunal Superior Eleitoral. Segue-se uma nova recolha de assinaturas (cerca de quatro milhões em três dias) antes de poder ser marcado o referendo. Para que Maduro seja afastado, a oposição terá que conseguir mais um voto que os 7 587 532 que o presidente conseguiu quando foi eleito em 2013.

“Yes we Khan.” Londres celebra mayor muçulmano

Eleições. Trabalhista Sadiq Khan derrotou conservador Zac Goldsmith na corrida à capital. Perdas para o Labour não foram tão grandes como as previstas, apesar do desaire na Escócia

SUSANA SALVADOR

“Envio os parabéns ao novo presidente da Câmara de Londres e companheiro na luta por casas a preços acessíveis. Estou ansioso por trabalharmos juntos”, escreveu no Twitter o mayor de Nova Iorque, o democrata Bill de Blasio. “Parabéns pela tua excelente vitória em Londres. Fico à espera de te receber em França”, foi a mensagem do primeiro-ministro francês, o socialista Manuel Valls, na rede social. Mas muitos internautas limitaram-se a escrever “Yes we Khan”, fazendo uma analogia entre o slogan “Yes we can” (sim, nós podemos) que levou Barack Obama até à Casa Branca e o nome do vencedor, Sadiq Khan, que será o primeiro muçulmano à frente de uma capital da Europa Ocidental.

Ao fim da primeira contagem, Khan tinha 44,2% e uma diferença de quase 240 mil votos para o adversário, o conservador Zac Goldsmith, que tinha 35%. Como nenhum dos dois conseguiu 50%, tinham de ser contabilizadas as segundas eleições dos eleitores (no momento do voto, na quinta-feira, indicaram dois nomes). A contagem prolongou-se pela noite fora e atrasou-se por “pequenas discrepâncias”. Só depois de uma declaração de vitória (prevista para depois da meia-noite) é que o vencedor se falou. A participação rondava os 45,3%, muito mais do que a de 37,4% registada em 2012, quando da reeleição do conservador Boris Johnson. Este abdicou de concorrer a um terceiro mandato, apostando na corrida para suceder a David Cameron à frente dos Tories e do governo.

Peregrinação a Meca

Sadiq Khan, de 45 anos, é o quinto de oito filhos de um casal de imigrantes paquistaneses (o pai era motorista de autocarros e a mãe costureira) e cresceu num bairro social em Tooting, no Sul de Londres. Em 2005, o antigo advogado de Direitos Humanos foi eleito deputado pela circunscrição em que nasceu e, três anos depois, tornou-se ministro dos Transportes de Gordon Brown – sendo o primeiro muçulmano nos conselhos de ministros.

Khan é casado com Saadiya, também advogada. O casal tem dois filhos. Em 2009, fez uma peregrina-

ção a Meca, o local mais sagrado do islão. Na campanha estabeleceu como prioridade a questão da habitação – o tema que mais preocupa os londrinos – prometendo que metade das casas que vierem a ser construídas terão preços acessíveis. No partido conservador, muitos alegam que a derrota de Zac Goldsmith se deveu à campanha difamatória que este empreendeu, quando acusou o adversário de favorecer os “extremistas” islâmicos.

A vitória de Khan acabou por ser o melhor momento para o Labour, que não sofreu uma derrota tão grande como a esperada – a exceção foi a Escócia. Nas eleições locais inglesas, onde se previa que os trabalhistas podiam perder até 150 representantes além de condados-chave, as perdas foram muito inferiores

CONTAGEM

240 000

votos de diferença

O trabalhista Sadiq Khan tinha 44,2% dos votos contra 35% do conservador Zac Goldsmith na primeira contagem, uma diferença de quase 240 mil votos.



Sadiq Khan, de 45 anos, e a mulher, Saadiya, com quem tem dois filhos. Novo presidente da câmara de Londres é filho de imigrantes paquistaneses

(ainda não estavam ontem todas contabilizadas e eram semelhantes aos dos conservadores) e no final a percentagem de voto até poderá ser maior do que há cinco anos. As grandes conquistas couberam aos Liberais Democratas e aos independentistas do UKIP (mais 26).

Os críticos de Jeremy Corbyn esperavam uma maior derrapagem do Labour para poderem questionar a sua liderança. “Vou continuar. Não se preocupem com isso. Vou continuar. Estou muito feliz”, afirmou o líder trabalhista, que muitos acusam de ter levado o partido para a esquerda e de não ser capaz de liderar o Labour até à vitória nas legislativas previstas para 2020.

Derrota histórica na Escócia

Os críticos de Corbyn tiveram de se contentar apenas com o desaire histórico na Escócia. Nas eleições para o Parlamento escocês, os conservadores tornaram-se a segunda força política, elegendo 31 representantes (mais 16 do que em 2011) e batendo o Labour, que teve o pior resultado de sempre (24 eleitos).

Cameron falou num “realignamento a norte da fronteira” e o líder dos conservadores escoceses, Ruth Davidson, defendeu que as hipóteses de um novo referendo sobre a

independência ficaram “totalmente destruídas”. Já Corbyn admitiu que os trabalhistas “têm ainda muito a fazer” na Escócia.

A Partido Nacionalista Escocês, de Nicola Sturgeon, venceu as terceiras parlamentares consecutivas, apesar de ter perdido a maioria absoluta – elegeu 63 representantes, menos seis do que em 2011. A primeira ministra escocesa diz, contudo, que o resultado foi “enfático” e que ganhou “um mandato claro e inequívoco”. Sturgeon indicou que vai procurar liderar um governo de minoria. “Com um número tão grande de deputados, não pretendo procurar um acordo formal com qualquer outro partido”, explicou.

No País de Gales, o Labour (29 eleitos) manteve-se como o mais votado, tendo perdido só um representante na Assembleia Nacional para os nacionalistas galeses. O Plaid Cymru (12) ultrapassou os conservadores (11 eleitos, menos três) e tornou-se o segundo partido mais votado. O grande destaque vai, contudo, para o UKIP, que passa de zero para sete deputados no Parlamento galês. Já os Liberais Democratas perderam quatro e ficaram apenas com um representante, tendo a líder regional do partido, Kirsty Williams, entregado a demissão.

Ao quarto voto foi de vez: Irlanda vai ter novo governo

IMPASSE Enda Kenny reeleito primeiro-ministro. Após acordo com maior partido da oposição, liderará agora um executivo minoritário

À quarta foi de vez. Enda Kenny foi ontem finalmente reeleito primeiro-ministro da Irlanda, dois meses e meio depois das legislativas. O Parlamento irlandês votou no sentido de permitir a formação de um governo minoritário.

Enda Kenny, de 65 anos, foi reeleito com 59 votos a favor e 49 contra graças ao apoio dos deputados independentes, noticiaram os media irlandeses e as agências noticiosas internacionais.

Na semana passada, o partido de Kenny, o Fine Gael, conseguira fazer um acordo com o Fianna Fáil, a principal formação da oposição, para que não se opusesse à constituição de um governo minoritário.

Mediante o impasse criado pelo resultado inconclusivo das eleições – nas quais nenhum partido ou coligação teve maioria absoluta de deputados – chegou a ser falado um cenário de grande coligação Fine Gael-Fianna Fáil. A ter acontecido, tal aliança seria histórica, uma vez que os dois partidos são os herdeiros dos dois lados que se opuseram na guerra civil de 1922-1923.

“Este governo tem muito que fazer. O nosso país está a atravessar vários desafios. Esta foi a mensagem do povo durante as eleições e que foi repetida por muitos de vós”, disse Enda Kenny durante o discurso que fez ontem.

Na votação de 26 de fevereiro, o Fine Gael obteve 50 dos 158 assentos no Parlamento irlandês e o Fianna Fáil ficou em segundo lugar, elegendo 44 deputados. O Labour, parceiro do Fine Gael nos últimos cinco anos de governo (em que foi preciso gerir o resgate da *troika*), sofreu uma redução significativa, passando de 37 eleitos para sete. O Sinn Féin de Gerry Adams subiu para terceiro partido mais votado.

Segundo o acordo obtido na semana passada, o Fianna Fáil vai apoiar o Fine Gael e os seus aliados independentes nos principais votos de confiança, obtendo em troca uma série de reformas. O projeto de governo estima em 6,75 mil milhões de euros as despesas públicas suplementares para os próximos cinco anos e a suspensão das polémicas taxas sobre a água, dois dos pedidos do Fianna Fáil.

PATRICIA VIEGAS

Polémica sobre anti-semitismo abala o Labour a dias de importante teste eleitoral

Reino Unido
Ana Fonseca Pereira

Sadiq Khan, favorito à vitória em Londres, diz que declarações de Livingstone podem ter consequências no resultado da votação

A poucos dias de um importante teste eleitoral, o Partido Trabalhista britânico debate-se para sair da tempestade desencadeada pelo antigo *mayor* de Londres Ken Livingstone, suspenso depois de ter dito que Hitler foi em tempos defensor do sionismo. Sadiq Khan, favorito a ocupar o cargo que até 2008 foi dele, admite que a polémica pode reduzir as suas hipóteses de vitória na quinta-feira.

As eleições – locais em Inglaterra, autónomas no resto do país – são o primeiro grande teste para Jeremy

Corbyn desde que, em Setembro, foi eleito líder dos trabalhistas. Mas as sondagens não são muito auspiciosas, apontando para uma perda acentuada de lugares no parlamento escocês, uma redução da maioria no País de Gales e ganhos pouco significativos nas autarquias inglesas. O único alento para Corbyn é a anunciada reconquista de Londres, que o Labour perdeu há oito anos para Boris Johnson, com as sondagens a darem a Khan grande vantagem sobre o rival conservador, Zac Goldsmith.

Mas a campanha – a decorrer em simultâneo com a contagem decrescente para o referendo à União Europeia – passou para segundo plano quando, na semana passada, o antigo *mayor* decidiu sair em defesa de uma deputada muçulmana que tinha sido suspensa por anti-semitismo e, a meio de uma entrevista, disse que “Hitler era um sionista favorável à criação de um Estado de Israel, mas

depois enlouqueceu e matou seis milhões de judeus”.

Corbyn acabou por suspender também Livingstone e ordenou um inquérito para apurar se há sectores no Labour complacentes com o anti-semitismo. Mas a polémica está longe de terminar: sábado, nu-



Khan pode tornar-se dentro de dias o primeiro autarca muçulmano de uma grande cidade europeia

ma outra entrevista, Livingstone (que em 2006 esteve prestes a ser suspenso do cargo de *mayor* depois de ter insultado um jornalista judeu) recusou pedir desculpas e, ontem, a deputada Dianne Abbott, afirmou que as acusações de anti-semitismo não passam de uma campanha

de “difamação” contra o Labour.

Distanciando-se destas posições, Sadiq Khan reconheceu numa entrevista ao jornal *Observer* que “os comentários de Ken Livingstone tornaram muito mais difícil que os londrinos de fé judaica achem que há lugar para eles no Partido Trabalhista”. Um risco maior quando Khan acredita que a vantagem que detém sobre Goldsmith é bem menor do que as sondagens indicam.

O candidato, filho de um motorista de autocarro paquistanês e advogado de direitos humanos, poderá tornar-se o primeiro autarca muçulmano de uma grande cidade europeia – factor que os conservadores têm usado subrepticamente contra ele, acusando-o de ter participado nos últimos anos em encontros em que estiveram presentes imãs radicais. Se for eleito, disse, “vou continuar a fazer o que sempre fiz, que é falar com toda a gente”, muçulmanos ou judeus.

Zona Verde em Bagdad ainda ocupada

Iraque

Milhares de manifestantes, a maioria apoiantes do líder xiita Moqtada al-Sadr, continuavam ontem acampados na fortificada Zona Verde, no centro de Bagdad. Esperava-se que dali saíssem, depois de o comité organizador do protesto ter anunciado a retirada em respeito à realização de uma procissão xiita na cidade.

O primeiro-ministro, Haidar al-Abadi, visitou o Parlamento e ordenou a prisão dos que na véspera vandalizaram parte do edifício em protesto contra uma assembleia incapaz de aprovar reformas.

A ocupação é uma escalada na última crise política que paralisa o país, desviando atenções das que deveriam ser as suas prioridades: o combate à corrupção, o investimento nos serviços básicos e o combate ao Estado Islâmico.

22 | MUNDO | PÚBLICO, QUI 5 MAI 2016

Na Londres cosmopolita um *mayor* muçulmano ainda pode incomodar?

Sadiq Khan é o favorito das sondagens para vencer eleição e tirar aos *tories* o bastião londrino. Será o acto final de uma campanha manchada por insinuações e acusações de racismo

Reino Unido
Ana Fonseca Pereira

A vida de Sadiq Khan é uma história de superação. Ele é o filho de imigrantes paquistaneses — o pai condutor de autocarros, a mãe costureira — que se fez advogado, deputado, secretário de Estado e que poderá agora assumir o governo de uma das grandes metrópoles europeias. O candidato trabalhista a *mayor* de Londres é também muçulmano, mas o que à partida seria um pormenor na multidão e liberal capital britânica tornou-se o “defeito maior” desta campanha, muito por causa de uma estratégia sem tréguas do Partido Conservador, apontado em risco de perder a cidade que durante oito anos foi de Boris Johnson.

“Ele é o maior problema para o candidato do Labour”, disse David Cameron no Parlamento a 21 de Abril, numa sessão que ficou para a história como o dia em que o primeiro-ministro britânico foi apelidado de “racista” por deputados da oposição. Repetindo insinuações lançadas pela campanha de Zac Goldsmith, o candidato conservador à autarquia de Londres, Cameron acusou Khan de ter dado “espaço e cobertura” a extremistas islâmicos com quem apareceram várias vezes em público, incluindo o *Imam Salim al-Ghamdi*, que descreveu como “apóstata do Estado islâmico”.

A acusação foi ricochete quando se soube que Gani apoiou nas últimas legislativas o candidato conservador ao círculo pelo qual Khan foi eleito. Isso não impediu os *tories* de continuarem a usá-la como principal linha de ataque contra o trabalhista, tido como claro favorito à vitória nas eleições de hoje — tem nas sondagens uma vantagem superior a dez pontos percentuais sobre Goldsmith, filho de um milionário e figura do *Jet-set* londrino.

Khan repudiou a estratégia “suja” e “desesperada” dos adversários, dizendo que nas vezes em que partilhou o palco com extremistas, em debates ou conferências, deixou sempre claro que considerava

“os seus pontos de vista abjectos”. Mas perante o furor mediático viu-se obrigado a reafirmar as suas credenciais de muçulmano moderado: apesar de devoto (não bebe álcool), votou a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo, o que lhe valeu ameaças de morte, e há muito que classifica o extremismo “como um cancro” — em 2005 a revista conservadora *Spectator* elegia-o como melhor novo deputado do ano “pela clareza” com que repudiou as atitudes de Londres.

Khan é claramente um muçulmano moderno e progressista. Se os adversários se aventuram demasiado nesse terreno (o da religião), arriscam-se a que isso os afrie, disse à AFP Tony Travers, professor da London School of Economics e director do centro de pesquisas sobre Londres.

De Tooting a Westminster

Atual, entre os mais de oito milhões de habitantes da capital, disse em cada oito pessoas professam o islamismo e a população branca representa menos de metade dos habitantes. A eleição daquele que pode vir a ser o primeiro muçulmano à frente de uma grande cidade ocidental seria, por isso, um sinal forte num momento em que a xenofobia e os populismos crescem na Europa.

Criado em Tooting, bairro popular do Sul de Londres, Khan não fez da sua fé uma bandeira. “Quero ser o maior de todos os londrinos, de todas as confissões, dos milionários, dos multimilionários, dos condutores de autocarro e dos estudantes de Medicina”, disse ao *Daily Telegraph*. O seu emblema é o da superação, a “história de sonho” que diz só ser possível numa cidade como Londres. Nascido meses depois de os pais chegarem a Inglaterra, cresceu numa família de oito irmãos que moram num apartamento social de três quartos e frequentam a escola mais mal afamada de Tooting. O pai trabalhava turnos seguidos como condutor de autocarro e a mãe completava o rendimento da família costurando vestidos. Mas todos os filhos estudaram na universidade e Sadiq Khan



On Thursday, are we really going to hand the world's greatest city to a Labour party that thinks terrorists are its friends?



Khan em campanha (em cima) e a página do *Mail on Sunday*

estudou Direito, acomodado por um professor que lhe levou a vida argumentativa.

Sem nunca deixar Tooting, especializou-se em direitos humanos e foi presidente da Liberty, ONG combatida pela defesa de vítimas de abusos policiais. Em 2005 trocou o que prometia ser uma carreira lucrativa pela política e, três anos depois de ter sido eleito deputado, chegou a secretário de Estado — foi apenas o segundo muçulmano a ocupar um lugar no Governo britânico. Conhecido pela combatividade, foi estrategista da campanha de Ed Miliband na corrida à liderança do Labour e voltou a desafiar as probabilidades em Setembro, ao vencer a votação para candidato do partido a *mayor*, contra nomes mais fortes.

“Posso dizer com honestidade que aquilo que ele conseguiu até agora, vindo de onde vem, é impressionante. Vem de uma genuína base de imigrantes das classes operárias e, se Londres o eleger como primeiro *mayor* muçulmano, isso será uma história extraordinária de dinastia global, um imenso tributo ao espírito multicultural de Londres”, disse ao *Guardian* o deputado David Lammy, que como Khan é filho de imigrantes mas foi batido por ele na corrida a Londres.

Racismo encapadoado

Um percurso que não podia contrastar mais com o de Goldsmith, filho do magnata James Goldsmith, estudante em Eton e que, antes de ser deputado, foi jornalista na *Ecologist*, revista

EDIÇÃO LISBOA SÁB 7 MAI 2016

HOJE Quem Vê Capas Vê Corações

11.º vol. Os Homens do Mar,
de Victor Hugo

Por +5,95€

publico.pt
P

Pela primeira vez um muçulmano lidera uma grande capital europeia

Aos 45 anos, o trabalhista Sadiq Khan, filho de imigrantes paquistaneses, sucede a Boris Johnson e vai presidir à câmara de Londres. Na campanha, o seu rival tentou associá-lo a radicais islâmicos **Mundo, 26/27**

INAUGURAÇÃO
NOVE ANOS E TRÊS
GOVERNOS DEPOIS,
EIS O TÚNEL DO MARÃO
Destaque, 4 a 7



Ao todo, a auto-estrada entre Amarante e Vila Real custou quase 300 milhões. Sócrates e Costa estarão hoje na inauguração

Contratos com os colégios podem não ter "base legal"

O Governo entende que os contratos de associação celebrados em 2015 não têm "base legal", porque um decreto-lei não pode alterar uma lei do Parlamento **p16**



Turquia radicaliza discurso, acordo com Europa em risco

"Nós seguimos o nosso caminho e vocês o vosso", disse Erdogan, que recusa mudar lei antiterrorismo **p24**

ACORDOS À ESQUERDA
SEIS MESES DEPOIS,
"ERINGONÇA" FUNCIONA
A VÁRIAS VELOCIDADES

Portugal, 8 a 10 e Editorial



Quem paga quando os clientes da banca são roubados na Net?

Tribunais estão a condenar cada vez mais os bancos quando os seus clientes são burlados na Internet **p14**

Primeiro dia do resto da vida dos AC/DC. Agora com Axl Rose

A banda de Highway to hell regressa a Portugal para um concerto, hoje, no Passeio Marítimo de Algeirs **p29**

Ano XXVII | n.º 9527 | 120€ | Direção: Rita Azeiteiro | Adjuntos: Rina Pacheco, Polina Sousa Carmilho, Andreia Santiago, Sérgio R. Gomes, Vítor Ferreira | Dir. Internacional e de Parcerias: Simone Soares | Dir. Gráfica: Sílvia Soares

26 | MUNDO | PÚBLICO, SÁB 7 MAI 2016

Só a Escócia mostrou cartão vermelho aos trabalhistas de Jeremy Corbyn

No seu primeiro grande teste eleitoral, o líder do Labour conseguiu aguentar a votação do partido. A votação regional e municipal manteve o panorama político britânico praticamente na mesma

Reino Unido
Rita Siza

A eleição para o parlamento autónomo de Edimburgo confirmou a hegemonia do Partido Nacionalista Escocês (SNP, na sigla em inglês) e a implosão do movimento trabalhista na Escócia, desorientado após anos de instabilidade interna e penalizado pelos eleitores pela sua participação na plataforma conjunta com os conservadores contra a independência do Reino Unido. “Um muito trabalho a fazer para reconstruir a nossa base de apoio, mas não quero deixar de eleger o partido pela determinação com que se entregou a esta campanha”, reagiu o líder do Labour, Jeremy Corbyn, que apesar da calamidade na Escócia conseguiu sobreviver ao seu primeiro teste eleitoral.

A sul da fronteira, a noite eleitoral dos trabalhistas não foi tão catástrofica quanto se antecipava, e não comprometeu a liderança de Jeremy Corbyn, o veterano político que surpreendeu ao ser eleito líder do partido e que empurrou o Labour significativamente para a esquerda do espectro político. Mas quando os críticos que nunca deixaram de dizer que o radicalismo de Corbyn afundaria o partido nas urnas, o líder foi capaz de mudar a votação praticamente ao mesmo nível de 2012, defendendo vários cargos que estavam em disputa e até alargando a presença do Labour no Sul de Inglaterra, terreno tradicionalmente ocupado pelos conservadores.

É a cereja no topo do bolo, Corbyn pôde festejar a eleição de Sadiq Khan como maior de Londres, após uma campanha brutal que pôs fim ao domínio fortíssimo capital do país. “Os correspondentes políticos acreditavam que esta sexta-feira [ontem] estaríamos a relatar as manobras, vinda da ala direita do partido, para correr com Corbyn. Mas, tal como aconteceu em Dezembro, as previsões sobre a morte [política] de Corbyn foram manifestamente exageradas. Ele goza de muito mais apoio no país do que o lobby de Westminster pensa”, observou Joseph Harker, comentarista político de The Guardian.

A líder dos trabalhistas escoceses, Kezia Dugdale, não conseguiu esconder o seu desgozo com os resultados eleitorais do partido, que viu os na-



Nicola Sturgeon, a líder do Partido Nacionalista Escocês, destaca o resultado “histórico” que lhe garantiu um novo governo

“O líder trabalhista goza de muito mais apoio no país do que o lobby de Westminster pensa”, afirma Joseph Harker

cionalistas conquistar todos os assentos de Glasgow, outra o bastião inquebrável do Labour. Por aí, o partido foi ultrapassado pelos seus antigos inimigos conservadores como a segunda maior força (de oposição) na Escócia. Mais rápidos a reinventar-se após o furo do SNP, os Tories fizeram uma campanha totalmente personalizada na sua candidatura líder, Ruth Davidson, que conseguiu estabelecer-se como a alternativa

mais credível a Nicola Sturgeon. Tirando a derrota em Londres, os conservadores tiveram uma noite tranquila – ainda que, aqui e ali, tenham sofrido com a transferência de votos para os independentistas do UKIP, que alcançou a sua primeira representação na assembleia do País de Gales, com sete lugares. Em Inglaterra, o partido foi a segunda força mais votada em várias circunscrições do Labour, provendo mais uma vez a sua capacidade de se afirmar como refúgio para o voto de protesto – um sério aviso para David Cameron e a campanha contra o “Brexit”.

Sturgeon sem maioria

Com 63 dos 129 lugares no parlamento de Edimburgo, o SNP foi um vencedor preschevel. Revelada como primeira-ministra escocesa, Nicola Sturgeon apressou-se a qualificar o resultado das nacionalistas como

“histórico”. A euforia do discurso não iludiu o facto de o partido ter perdido a maioria em Holyrood, e portanto “não dispor do mandato para implementar a totalidade do seu programa”, como admitiu o vice do SNP, Stewart Hosie. Terá o domínio do SNP encontrado o seu limite?

“Com tantos deputados eleitos, não vamos procurar um entendimento [coligação] com nenhum outro partido”, garantiu Nicola Sturgeon, que assumirá a direcção de um governo minoritário. Outra dúvida que fez questão de esclarecer tem que ver com a perspectiva de um novo referendo para a independência da Escócia, que Sturgeon disse taxativamente não estar nos seus planos. O SNP tem insistido que a eventual repetição do voto pela independência só acontecerá se houver uma “alteração material” do panorama

político britânico. A implicação é óbvia, e tem que ver com o desfecho do referendo sobre a relação do Reino Unido com a União Europeia – se o resultado não for a permanência no bloco, o SNP poderá sentir-se tentado a rever a sua posição.

Também no País de Gales haverá um governo minoritário, mas desta feita encabeçado pelo Labour. Ontem, vários analistas diziam que os resultados do partido tinham impellido uma rebelião interna contra Corbyn, mas apontaram que as conspirações contra o socialista não tinham acabado. Os trabalhistas evitaram o cenário da humilhação que era apontado na véspera – a BBC chegou a estimar uma perda de 120 a 150 mandatos – mas os resultados de quinta-feira não ofereceram grande consolo tendo em conta que o grande objectivo do partido é regressar ao poder nas eleições de 2020.

Um muçulmano à frente de uma grande capital europeia

Foi um duelo entre duas forças antagónicas: de um lado, um milionário conservador, membro da elite inglesa; do outro, um trabalhista, muçulmano, filho de imigrantes paquistaneses. Zac Goldsmith ou Sadiq Khan? Os eleitores foram muito claros sobre quem querem ver a presidir à câmara de Londres: Khan conseguiu 44% dos votos, contra 29% de Goldsmith.

Aos 45 anos, Sadiq Khan será o primeiro muçulmano a presidir à câmara de uma grande capital ocidental. E, nesta campanha, a religião não esteve ausente do debate — Goldsmith tentou jogar a cartada do terror contra o seu rival, tentando associá-lo a radicala islâmica e dizendo que deu “origem” aos extremistas.

Khan respondeu que toda a vida combatesu o extremismo. E pediu aos londrinos que escolhessem “a esperança em vez do medo”. Agora, vai ter pela frente uma cidade cuja população ronda os 8,6 milhões, e onde as rendas são imensas, os transportes estão saturados e a poluição atinge níveis preocupantes.

O trabalhista sucede a Boris Johnson, que há oito anos governava a capital do Reino Unido, e que é visto como um possível sucessor do primeiro-ministro, David Cameron, na liderança do Partido Conservador. Johnson já se despediu dos londrinos: “Foi um privilégio inscrever-se o vosso mayor”, escreveu na sua conta do Twitter, citada pela BBC.

Khan conseguiu que o Labour retirasse a cidade aos faróis, mas não estará disposto a partilhar a vitória com Jeremy Corbyn, o líder do Partido Trabalhista. “Ele sempre disse que não é o nome do Jeremy que está no boletim de voto”, disse ao jornal *The Guardian* uma colaboradora sua.

A sua vitória era tida como vital para Corbyn, uma vez que este é o primeiro teste eleitoral desde que, em Setembro do ano passado, foi escolhido pelo facto de na Escócia o Labour ter tido um resultado devastador (nas eleições estavam em jogo as câmaras de algumas grandes cidades como Londres e Liverpool, os conselhos municipais e os parlamentos autónomos da Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte).

Sadiq Khan encontra-se ainda mais

razões para se distanciar de Corbyn depois da suspensão de Ken Livingstone, seu aliado político e antigo mayor londrino, que disse que Adolf Hitler foi em tempos um apoiante do islamismo. Comentários que Khan se apressou a condenar, mas que reconheceram que poderiam ter um efeito negativo nos seus resultados.

O *Guardian* escreveu em Abril um editorial em que apoiava directamente ao voto em Khan. Um “político híbrido”, Khan não é apenas o reflexo do cosmopolitismo londrino. O novo mayor “tem a capacidade de fazer coisas reais para uma capital que é enervante, imersível, diversificada, próspera, apinhada, e demasiado cara”.

“A maior força de Khan é o facto de ele ser o exemplo da cidade que quer governar”, escreveu a *Economist* em Fevereiro. Filho de imigrantes de Karachi, no Paquistão, o pai era condutor de autocarros e a mãe costurava em casa. É o quinto de oito irmãos (todos tiveram cursos superiores) e até aos 24 anos teve de dormir num beliche, na casa de habitação social de três assoalhadas em Tooting, no Sul de Londres, onde nasceu, cresceu e ainda hoje vive.

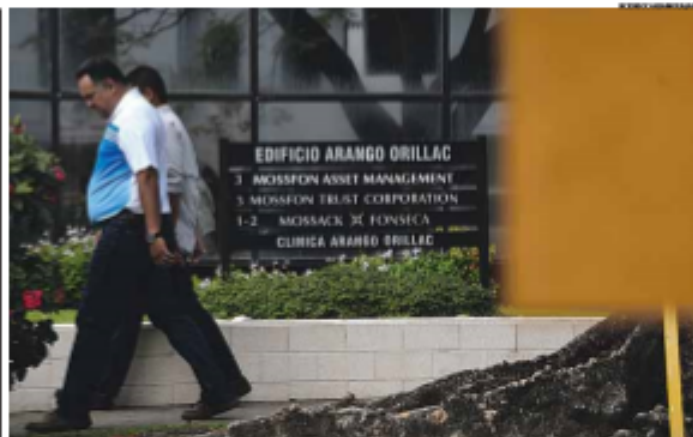


Sadiq Khan não está disposto a partilhar a vitória com o líder trabalhista, Jeremy Corbyn

Será um bom mayor? Prometeu desenvolver projectos para melhorar as habitações dos londrinos; acelerar a construção de uma linha férrea subterrânea que ligará o Sudoeste ao Nordeste da cidade; expandir o poder de acção da câmara, através de novos impostos para os londrinos mais ricos.

Numa cidade onde se estima que em 2030 a média das casas custará 1,5 milhões de euros, Khan pretende introduzir controlos de rendas na habitação e aumentar a protecção dos inquilinos. “O melhor argumento a seu favor é o facto de ser um bom gestor, cliente das suas fraquezas e aberto às ideias dos outros”, concluiu a *Economist*.

Francisca Corção Henriques



Foram revelados 11,5 milhões de documentos da empresa Mossack Fonseca

Fonte dos Panama Papers pede protecção para quem divulga “transgressões das elites”

Paraísos fiscais
Alexandre Martins

Responsável publica manifesto contra “fracasso” de políticos, advogados e jornalistas e admite colaborar com a justiça

Um mês depois de o mundo ter ficado a conhecer com mais pormenor a magnitude do fenómeno dos paraísos fiscais, com a divulgação dos Panama Papers, a pensão que tirou os documentos da Mossack Fonseca publica um manifesto no jornal alemão *Süddeutsche Zeitung*. A fonte identifica-se apenas como John Doe e nem revela se é homem ou mulher — o mais importante, defende, é denunciar “a escala das injustiças”, a falta de protecção a quem deseja seguir o seu exemplo e o “fracasso” do sistema financeiro, mas também de políticos, advogados e jornalistas.

A divulgação de milhões de documentos da empresa panamenha tem sido elogiada como uma vitória do jornalismo de investigação, mas a pessoa que obteve as informações que já levaram pelo menos a uma demissão sorante — a do primeiro-ministro finlandês, Sigmarður David Gunnarsson — diz que no início encontrou muitas portas fechadas.

“Os media falharam. Muitos grupos de caricaturas do seu passado, multimilionários fizeram da proprie-

dade de jornal o seu passatempo, limitando a cobertura de assuntos sérios relacionados com os mais ricos, e a investigação séria não tem financiamento”, acusa o autor da fuga de informação (*whistleblower* é o termo usado em inglês).

“O impacto é real”, continua. “Para além do *Süddeutsche Zeitung* e do ICIJ [Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação], e apesar de alegações em contrário, vários grupos de media de grande dimensão viram os documentos dos Panama Papers. Decidiram não escrever nada. A triste realidade é que entre os maiores e mais capazes grupos de media do mundo não houve um único interessado em noticiar a história.”

O primeiro jornal a debuscar-se sobre os Panama Papers foi o alemão *Süddeutsche Zeitung*, no ano passado. Depois de ter decidido avançar com a história, o jornal pediu a colaboração do ICIJ e os documentos chegaram então a uma centena de órgãos de comunicação em 83 países.

No texto publicado ontem, o autor parece indicar que se inspirou nas revelações de Edward Snowden, o homem que revelou uma montanha de documentos sobre programas de espionagem da NSA norte-americana — e que agora vive na Rússia, onde pediu asilo por ser procurado para ser julgado por espionagem. Apesar disso, John Doe garante que não trabalha nem nunca trabalhou para agências de informação: “A minha decisão de partilhar os documentos

com o *Süddeutsche Zeitung* e com o ICIJ não teve uma intenção política específica, resultou de eu perceber o suficiente sobre o que eles contêm e de me ter dado conta da escala das injustiças que eles descrevem.”

“Os verdadeiros *whistleblowers*, que denunciam transgressões inquestionáveis, merecem receber imediata da retaliação dos governos”, diz o responsável pela revelação dos Panama Papers.

Alié porque John Doe diz que estaria disponível para colaborar com as autoridades, se fossem garantidas de que não seria acusado de espionagem, apesar de considerar “acertada” a decisão do ICIJ de não partilhar essas informações: “Milhares de acusações poderiam ser feitas a partir dos Panama Papers se as autoridades legais pudessem ter acesso e avaliar os verdadeiros documentos.”

No final do manifesto, John Doe alerta para as revoluções que começaram no passado por causa de questões relacionadas com os impostos, e deixa uma mensagem que pode ser interpretada como um apelo a mais determinação como as de Edward Snowden ou as que ele próprio fez: “Vivemos numa época de armazenamento digital ilimitado e barato e de rápidas ligações à Internet, que ultrapassam as fronteiras nacionais. Não custa muito ligar os pontos do início ao fim, da origem à distribuição global mediática, a próxima revolução será digitalizada. Ou talvez já tenha mesmo começado.”

For more information
Heather Stewart
America's Audubon

with people he described as extremists, after being interrupted by cries of "not yet" by Labour MPs. Cameron continued: "The leader of the Labour party is saying it's inconceivable. Let me tell him, Labour isn't. The honourable member for Tooting has opportunities to phone me at any time. The main message is this, I think they are choosing to change shape because they don't want to lose the vote."



The prime minister's endorsement of Labour's London mayoral candidate, Gadi Khari, had little to do with his support. The cabinet member believes that

However, DuPont's chief legal under counsel when Galt told ABC Radio that he backed the Frey candidate last November and Margaret Hagan's footing and when supplied comments for his campaign.

Not only is a Labrador puppy, "This puppy's behavior's desperate dog whistle as you really barked it," it now turns out that Labrador's first appearance in the *Patrol of the Sea* (General Election, 1994) is in the November last year and accompanied by the dog's name because of the support for some new measures."

Carter's attack on Kucinich drew fire by Rep. John Dingell, the conservative liberal Republican, who claimed his Muslim opponent would be left in a lurch because he "provided cues for extremists".

Labour's campaign success before the Tories are increasing their attempts to associate Blair with environmentalism is a belated attempt to turn around their candidate's flagging performance in the polls. Blair's assumed dovishness of last year's campaign "designed to divide Labour's constituency".

The forum was preceded after a discussion on the MF asked Calabrese to present questions about redefining a curriculum allowing the other students to say he was wrong about what's happened.

Asked for Downing Road's evidence that it supports her, she said that "as an activist myself, she called the let Islam stay. It's Islamic State."

"I think you can have a debate about what it means. But as you've just pointed out, it's Islamic State."

Tories take shot at Khan's ties to the UK Muslim community

Robert Knauth

China's 2004-2007/2008 strategies appear increasingly more than attempting to 2004. Jacky Chan in cultural. Millions will see the Golden Gate to the London national election.

Minutes after David Cameron joined the attack yesterday claiming Khan was close to work London where Salman Rushdie, who "supports a barbaric terror", from the circulated evidence alleging Khan's links with other convicted terrorists, homophobes, antisemites and hate preachers, Khan's side dismissed it as "misleading and untrue".

Conspiring up in South Africa and abroad led to the arrest of the Egyptian cleric in 2003. He was found of "inciting Islamic hatred" in Khan's monthly story. He argues homosexuality and believes women should be subservient to men. The Times say Khan and Giani shared platforms at least nine times and their last appeared at an event in Redford last November, on the night of the Paris news attack, where speakers called on Islamic faithfuls to support violence and jihadism.

Care yesterday called Cameron's comments "information to the highest level", and Downing Street fired pressure to justify Cameron's claim that Care had said he supported the entire group. It is rather than the formation of Islamic states, such as beach fronts. Downing Street spokesman said: "There is evidence of this individual making this point". But it could not

That's also prominent in Goldenberg's political vision, where he now devotes a lot of time to the "state of the nation" movement in the country, in a campaign reminiscent of the Orange Revolution. Under The Citizens Union (CIV) for Ukraine, Yuri Illiash, also shaped platform

with Garczewski. She says, "Klein had shared a cigarette with him in August 2004 at an event organized by the international group Stop Polio in Toronto, now-defunct, that never had a press or media, the US Embassy presses considered by the US to be a 'hot spot' for the disease. She says she saw the last time Klein smoked in 2005, at the time Klein was running for an MP."

"They engaged me in 2000 as a social MP candidate with a very strong figure," said Klein's campaign spokesman. "They had a big following and even Klein's attitude to voters are outrageous. They were involved in having their names on the local

California's voters said that Ethnic Clients included the Nation of Islam's Louis Farrakhan, whom represented him in attempts to have the State remove him among the ill-served, in criminal courts dedicated hearings are never accused of giving over to them.

Goldsmith also said Khan "never is defined" because "Muslims, even the terrorist himself, in the 9/11 attacks, Khan said he never represented me, instead my lawyers had been consulted on his defense."



Imam who PM says backs Isis was wooed by Tory candidate

Rajeev Syal and Peter Walker

An imam who denies claims by David Cameron that he is an Islamic state supporter was invited by a Conservative candidate to recruit fellow Muslims for a Tory supporters' meeting.

Sulman Gani received the request by text seven months ago as the party sought members for the Conservative Muslim Forum. The development came as photographs showed Gani inside Downing Street's security corridor.

Cameron is under pressure to withdraw his demand that Saadiq Khan, MP for Tooting, is not fit to be London's mayor because he shared a platform with Gani several times.

The Times have been accused of running a racist "dog whistle" campaign in the run-up to the municipal election on 5 May, as they seek to overturn Khan's lead in the polls.

Cameron told MPs last week: "I am concerned that Labour's candidate for mayor of London has appeared again and again and again... the leader of the Labour party is saying it's disgraceful... Sulman Gani... the honourable member for Tooting has appeared on a platform with him nine times. This man supports IS."

The Tory mayoral candidate, Zac Goldsmith, claimed Gani was "one of the most repellent figures in this country" and described Khan as a radical.

Tweets linked to UK radio showed that Ben Warwick, who stood as the Tory candidate for Tooting against Khan at the last election, contacted Gani in October. The imam was asked to bring along members of the "local Islamic community" to an event aimed at Muslims. Warwick wrote: "It is to encourage more Muslims to become councillors. Do you think you could come and invite local people you know?"

Goldsmith last week denied that Gani was invited to the Tories meeting. "It was a public meeting. Anyone could turn up," the MP for Richmond said.

Khan yesterday condemned the Conservatives for using "the politics of division and fear" to attack him, likening their approach to that of Donald Trump.

In a speech at London Metropolitan University, where he studied law, Khan echoed the sentiments of Doreen Lawrence, the mother of the murdered teenager Stephen, who introduced him.

Londoners, Khan said, had "a choice between the politics of division and fear that has defined the Tory campaign, or the politics of unity, hope and opportunity that has defined mine. The Tory view of politics is all about division and fear."

After his speech, Khan said he believed the "desperate, negative" Tory tactics, based by election guru Lynton Crossby, would fail. "I think this Donald Trump approach, trying to divide communities, turn them against each other - I don't think will work in London," he said. "We don't tolerate differences, we respect them. My campaign has Muslims, Jews, Christians, Buddhists, Sikhs, those who aren't a member of an organised faith, rich, poor, old, young, black, white, gay, lesbian."

Three dancers perform the piece continuously until 1pm every day

Review The past takes a turn with the present

Art
Pablo Bronstein:
Historical Dances in an Antique Setting
Tate Britain, London
★★★★

Adrian Searle

Pablo Bronstein has turned Tate Britain's flower galleries into a stage, a processional, a piazza. Three dancers move, stop, and move again through the length of the long hall. They dance and pose, flutter their hands, come together and part, evoking one another in stately turns. Pina Bausch it isn't, though I longed for an evocation of falling earth to level things up a bit.

But then, sometimes the dances are as stark as a painting, as unified as three graces at a vespertine contest. They seem to move to one another, bow and curtsy and move on, in a choreography of eternal and jolory, poised and ironic.

Even their necklaces of big white buttons are a reminder of other times, other fashions: not so much Renaissance pearls as Maggie's or a velvet pearl. Pina Bausch it isn't, though I longed for an evocation of falling earth to level things up a bit.

When the dancers hit the inland side of marble on the floor under the flower cupola, some quiet fold-out music delays them for a couple of minutes before they continue on their way, steadily in their ballet pumps.

We are not meant to join in. No disco date allowed, though I suppose these

are some who might try, at the risk of being checked out. If this were Eddies Wake (another artist who likes a pogo stick), he'd have asked them to pogo sticks. But let's not scare the children. Ornamental garlands cover the floor and at either end giant stage-flats, neck-ups of the front entrance to Tate Britain and the nearby Clore gallery, appear seamless with the pompous neoclassical architecture. You suddenly realise what a mishmash of a building Tate Britain is. Painted shadows pick out the painted columns and pediments, at odds with the real light that falls and casts few shadows. I like this concert. Bronstein's historical dances in an Antique Setting concert time, in just

“We are not exactly an audience here, but redundant actors, displaced and out of time”

the way the gallery does. The dancers' and pumpers find an echo in Anthony Caro's paid sculpture *Early One Morning*, visible through a side door. When they walk the lines on the floor, I am reminded of certain early video performances by Bruce Nauman, one of the most influential artists of our times. The only way to go around him is to do things differently - and Bronstein and his dancers do.

Past and present shan'ty politely sound one another. The measured progressions of this work are as much about our moving through the three unequal parts of this long, high space, and accompanying the tableaux as it is about the dance itself. We are not exactly an audience here, but redundant actors, displaced and out of time.

It may lack the sweet, pounding drama of Martin Creed's spritzers, who continually run through the Durrell in his 2000 commission, but enthusiasm isn't everything. Bronstein's dance continues all day, every day between 10am and 1pm, while we come and go, pausing by, passing through. It slows you down, and is more the worse for that.

Pablo Bronstein. *Historical Dances in an Antique Setting* runs until 9 October

April 26, 2016

116

Discover the most remote places in Britain

Free nature supplement

Wild

£2.90
Saturday 30 April
Published in London
and Manchester
Hampshire

£1.45 for subscribers
page 32

JJ Abrams
Hollywood's hottest property
guide →

Spring food
cook →

'Don't I love the cash machine - and my named rap'

theguardian

Corbyn sets up inquiry into antisemitism

Exclusive Labour leader 'keeping going' as he fights back after tumultuous week

Heather Stewart
Amelia Anthons

Jeremy Corbyn has set up an independent inquiry into antisemitism in the Labour party, a move seen as a response to a series of attacks on him and his leadership.

In a defiant interview, Corbyn told the Observer that he was not the target of the attacks, but that he was the target of the "bigotry" of the Labour party. He said: "I'm keeping going. I've decided not to let anyone else decide for me. I've got to have a huge responsibility to the people who elected me."

Corbyn has faced a series of attacks since he was elected as Labour leader in September. He has been accused of antisemitism, of being a "puppet" of the Jewish community, and of being a "puppet" of the Labour party. He has also been accused of being a "puppet" of the Labour party.

Corbyn has said that he is not the target of the attacks, but that he is the target of the "bigotry" of the Labour party. He has said that he is not the target of the attacks, but that he is the target of the "bigotry" of the Labour party.

Corbyn has said that he is not the target of the attacks, but that he is the target of the "bigotry" of the Labour party. He has said that he is not the target of the attacks, but that he is the target of the "bigotry" of the Labour party.

Boom, ma'am The day the Queen went viral

The other Hillsborough villain: the courts

David Conn

The Hillsborough disaster was a tragedy that has haunted the nation for decades. The courts have been the focus of much of the controversy, with many people believing that the courts have been the cause of the disaster.

The courts have been the focus of much of the controversy, with many people believing that the courts have been the cause of the disaster. The courts have been the focus of much of the controversy, with many people believing that the courts have been the cause of the disaster.

The courts have been the focus of much of the controversy, with many people believing that the courts have been the cause of the disaster. The courts have been the focus of much of the controversy, with many people believing that the courts have been the cause of the disaster.

The courts have been the focus of much of the controversy, with many people believing that the courts have been the cause of the disaster. The courts have been the focus of much of the controversy, with many people believing that the courts have been the cause of the disaster.

Harveys

SPRING SALE PLUS EXTRA FINAL REDUCTIONS

ENDS TUESDAY

£499.99
£399.99
£299.99
£199.99
£99.99
£49.99
£24.99
£12.49
£6.24

4 YEARS FREE 0% APR

April 30, 2016

'His timing couldn't be worse': knives out for election-wrecker Livingstone

Fury mounts as race for London mayor narrows
Corbyn rules challenge if maverick is not expelled

Rosemary Murray

Adam Smith's thoughts on democracy were not a sign that Labour MPs and others should be flocking to the centre-right.

But the Labour leadership's decision to let Mr Khan stand has been suspended until the party's conference in London in October, which will be held after the election.

Mr Khan, a Labour MP for Bristol South, a former vice-chancellor of a London-based think tank, said there was a "strong case" for suspending the "election-wrecker" until the party's conference in October.

"I know very well what he's doing," he says. "He's not fighting the election, he's fighting the party. He's not fighting the election, he's fighting the party. He's not fighting the election, he's fighting the party."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

The issue has been raised in the Labour Party's conference in October, which will be held after the election. The issue has been raised in the Labour Party's conference in October, which will be held after the election.

Marxist source cited

But Livingstone said yesterday he would use a controversial text book by an American Marxist, entitled *Democracy in the Age of the Dictator*, to defend himself against accusations of antisemitism and helping the Labour party lose the election.

A spokesman for the Labour Party said: "The Labour Party is not a Marxist party. It is a party of the people. It is a party of the people. It is a party of the people."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

Corbyn sets up inquiry into antisemitism

Continued from page 1

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."



Exaggerated Ben Livingstone's efforts to get Khan suspended in the Labour Party's conference in October.



The picture looked bleak for the party against the Labour Party, but Mr Khan's support could be a boost for the Labour Party.

The Labour Party's conference in October, which will be held after the election, will be a key moment for the Labour Party.

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

But Livingstone said yesterday he would use a controversial text book by an American Marxist, entitled *Democracy in the Age of the Dictator*, to defend himself against accusations of antisemitism and helping the Labour party lose the election.

A spokesman for the Labour Party said: "The Labour Party is not a Marxist party. It is a party of the people. It is a party of the people. It is a party of the people."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

But Livingstone said yesterday he would use a controversial text book by an American Marxist, entitled *Democracy in the Age of the Dictator*, to defend himself against accusations of antisemitism and helping the Labour party lose the election.

A spokesman for the Labour Party said: "The Labour Party is not a Marxist party. It is a party of the people. It is a party of the people. It is a party of the people."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

LRC challenged

The Labour Party's conference in October, which will be held after the election, will be a key moment for the Labour Party.

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

But Livingstone said yesterday he would use a controversial text book by an American Marxist, entitled *Democracy in the Age of the Dictator*, to defend himself against accusations of antisemitism and helping the Labour party lose the election.

A spokesman for the Labour Party said: "The Labour Party is not a Marxist party. It is a party of the people. It is a party of the people. It is a party of the people."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

He should have been leafleting for Sadiq Khan. But he's been out talking about Hitler

The Labour Party's conference in October, which will be held after the election, will be a key moment for the Labour Party.

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

"I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election. I'm not going to say that I don't believe in the right to stand for election, but I do believe in the right to stand for election."

April 30, 2016

National

Antisemitism claims are a smear, says Abbott

**Labour party leadership faces renewed criticism
Corbyn speaks out against racism at May Day rally**

Rajeev Suri

Jeremy Corbyn has been hit by a fresh wave of criticism as antisemitism claims resurface, but one of his allies has dismissed the claims as a smear against the party and its leader.

David Abbott, the Labour international development secretary, denied Labour had anything to do with antisemitism, providing a fresh critique of the leadership. He suggested the difficulty was providing anti-racism within Labour's policy-making, and not within Labour's policy-making, and not within Labour's policy-making, and not within Labour's policy-making.

Abbott said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.

In a heated exchange, the party's response to the claims, which had been made by a Labour MP, was to say that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.

He called for the Labour party to be more open and honest about its policies, and to be more open and honest about its policies. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.

Corbyn said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.



Analysis Reading the runes to give a clue to the election

Heather Stewart

Jeremy Corbyn will have his last nationwide election and the Labour leadership will be in a state of flux. The Labour party will be in a state of flux. The Labour party will be in a state of flux. The Labour party will be in a state of flux.

Abbott said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.

Corbyn said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.

Abbott said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.

'Treacherous' Labour MPs under attack

Continued from page 1

Abbott said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.

Corbyn said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.

Abbott said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.

Corbyn said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism. He said that the Labour party had no problem with antisemitism, but that it was a problem with antisemitism.

May 2, 2016

Leicester's miracle year

Eight-page souvenir pullout



A season like no other

Eva Green

Dark star of Penny Dreadful



The best summer art shows

the guardian

Corbyn critics accept coup is impossible

Pollsters warn support among party puts challenge to leadership on hold

Amelia Hillman
Steven Yal
Rowan Moore

Jeremy Corbyn's critics inside his party have an easier time of accepting the idea of a leadership challenge than the fact of his leadership. It is impossible to believe in any form of Labour renewal.

A few years ago, the idea of a coup in Labour was unthinkable. Now, when Labour's pro-Bernie Sanders wing is under intense scrutiny, it is not only possible but likely that Corbyn will be ousted. The party's internal divisions are so deep that they do not believe it is the right time to attempt to oust a leader.


For Corbyn, head of political and social research at Tonic, said his data confirmed that Corbyn remained "a country mile" ahead of other potential candidates. "The bottom line is that Corbyn is the only candidate who has the support of the party's grassroots," he said.

"Labour's internal divisions are so deep that they do not believe it is the right time to attempt to oust a leader," he said.

"Labour's internal divisions are so deep that they do not believe it is the right time to attempt to oust a leader," he said.

The leader is also being dented by the government's move to oust him, which has resulted in a number of people who once supported him now supporting the opposition. The government's move to oust him is also being dented by the government's move to oust him, which has resulted in a number of people who once supported him now supporting the opposition.

The government's move to oust him is also being dented by the government's move to oust him, which has resulted in a number of people who once supported him now supporting the opposition.



Children in a park in Brighton on a day of protest over school cuts. The children are holding a sign that says 'S' and 'X' with a crossed-out symbol.

How UK is waging war by media against Isis

Lee Cohen
Alan Ross
Ruth Smeeth
Mona Mahmood

The British government is waging information warfare in Syria by funding media operations to create a pro-fighting group, in the hope of creating a new front against Isis.

The campaign aims to create the impression of a new front against Isis, in the hope of creating a new front against Isis.

The campaign aims to create the impression of a new front against Isis, in the hope of creating a new front against Isis.

Food theft is no crime for the hungry, Italian court rules

Stefano Riccio

Italy's highest court has ruled that the theft of a slice of pizza or a can of soup is not a crime if the person is hungry.

Italy's highest court has ruled that the theft of a slice of pizza or a can of soup is not a crime if the person is hungry.

The court's decision is a landmark ruling, as it is the first time that the Italian legal system has recognized the right of a person to food.

The court's decision is a landmark ruling, as it is the first time that the Italian legal system has recognized the right of a person to food.


The court's decision is a landmark ruling, as it is the first time that the Italian legal system has recognized the right of a person to food.

The court's decision is a landmark ruling, as it is the first time that the Italian legal system has recognized the right of a person to food.

The court's decision is a landmark ruling, as it is the first time that the Italian legal system has recognized the right of a person to food.

The court's decision is a landmark ruling, as it is the first time that the Italian legal system has recognized the right of a person to food.

dfs.co.uk



dfs

12 National Elections

The Guardian | Wednesday 4 May 2016

Goldsmith received £46,000 linked to luxury developers

Dilettantes are behind divisive Milbank project
Khan gets ahead on eve of London mayoral election

Baroness Warsick and Robert South

The billionaire property investors David and Baroness Warsick have been linked to Goldsmith in donations received by Zac Goldsmith, the Conservative candidate in London's mayoral election.

The Warsicks last week criticised approval from the Conservative mayor, Boris Johnson, for a controversial proposal to turn a London landmark into hundreds of luxury flats.

The bulk of these donations, received by Goldsmith since the general election, either came from the children of the Warsick family or from other donors connected to them but none of them was listed as being made from a company with the Warsicks.

The Warsicks, who were born in India, have been prominent during the last few years in London's financial and social circles, including the Warsick family's headquarters in the City of London. According to the Sunday Times, they are now British-born family with a combined fortune of £1.5bn.

Last Thursday, Baroness Warsick's firm approved the Goldsmith plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

The scheme was criticised as paid for by a wealthy couple who had made their money in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

However, because of the link to the Warsicks, the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

scripted that the "billionaire couple" who had made their money in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

Zac Goldsmith said the housing crisis in the south-east was the reason for the election

the decision from the developers to the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

theguardian *holidays*

Walking in Western Crete

Flights from FL0700
Departing selected dates in Sep and Oct 16

- Direct flights from London Gatwick to Chania
- Seven nights self-catering at the Golden Beach in Souda Bay Hotel
- Free guided walking tour of the village, including a visit to the ruins of the ancient city of Gortyna
- Walking in Souda Bay and exploring the ruins of the ancient city of Gortyna
- Free flights to and from London Gatwick
- Free parking at the hotel
- Free drinks and food

Book at holidays.theguardian.com/gua
or call 0330 333 6760

John Crace's sketch

Yo! Dave and Boris unite to back the man with a plan

It was never going to be the easiest of weekend exercises. But it was probably just as well it took place on a day when the other members of the Conservative Party were in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He was never going to be the easiest of weekend exercises. But it was probably just as well it took place on a day when the other members of the Conservative Party were in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He was never going to be the easiest of weekend exercises. But it was probably just as well it took place on a day when the other members of the Conservative Party were in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He was never going to be the easiest of weekend exercises. But it was probably just as well it took place on a day when the other members of the Conservative Party were in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He was never going to be the easiest of weekend exercises. But it was probably just as well it took place on a day when the other members of the Conservative Party were in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

He said that Goldsmith's plan for the new city flats and other developments in the City, near the Palace of Westminster, despite the fact that the plan had been criticised by the Mayor of London, Boris Johnson, and the Mayor of London, Boris Johnson.

The Guardian | Wednesday 4 May 2016

59

The Labour party leader, Jeremy Corbyn, and other MPs walking down the stairs of the House of Commons after the party conference.

Scotland Candidates at pains to woo first-time voters

Libby Brooks

There was an initial shudder of nerves through the young audience, and then the questions were asked like protons. They were voters of Scotland, in other words, who had just been asked to register to vote in the Scottish Parliament.

There are some of the 16 and 17-year-olds across Scotland who will go to the polls for the first time in a parliamentary election on Thursday. The hearings, a week before the poll, were chaired by a local Scottish youth parliament representative, Angus Stewart, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

Angus Stewart, a Glasgow youth councillor, meeting with voters.

by the event seemed up, the common one was that with one exception. As it was said by Martin Whitfield, it was "a wee bit of a gap" between the two groups. That was the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

There is a growing concern in Scotland that the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

There is a growing concern in Scotland that the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

There is a growing concern in Scotland that the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

There is a growing concern in Scotland that the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

There is a growing concern in Scotland that the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

Corbyn critics accept coup is impossible

Continued from page 1

There is a growing concern in Scotland that the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

There is a growing concern in Scotland that the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

Jeremy Corbyn said that a leadership bid had been snuffed up by the media.

There is a growing concern in Scotland that the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

only thing you have to know about today's election... "I've left the election hanging, leaving the audience to fill in the gaps of the election. By the time the last candidate is announced, by then, it's a matter of time before the election is over."

There is a growing concern in Scotland that the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

Tories target Labour

The break of the Scottish Labour's election has provided that the party will lose Labour's first place in the Scottish Parliament.

There is a growing concern in Scotland that the SNP's George Galloway, who had presented all the candidates to Glasgow's youth council in a meeting in April, including the SNP's George Galloway, Labour's Martin Whitfield, and the ex-Labour leader Ed Miliband.

May 4, 2016

National

Elections

The Guardian | Thursday 5 May 2016

Corbyn's optimism on council seat gains was 'misinterpreted'

**Party officials' concern in string of local authorities
Leader had said 'we are not going to lose seats'**

Amelia Ashton
Barnes, Surrey

Jeremy Corbyn's claim that Labour would win more seats at today's local council elections was misinterpreted, according to his ally, a senior party official.

The official said the party leader's comments – "we are not going to lose seats, we are looking to gain seats where we can" – should not be taken as a prediction of what might happen in the polls.

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

'Divisive, stupid, wrong'
PM stands by Trump remarks

David Cameron

David Cameron has no intention of withdrawing his claim that Donald Trump's "divisive, stupid, wrong" remarks will lead to a loss of seats in the 2017 general election.

Despite Trump's likely endorsement as the Republican presidential candidate, a spokesman for Cameron said the prime minister stood by his comments made in November. From after George Papadopoulos, an adviser to Trump, told the Times yesterday that he thought Cameron should "back and" with on spooks.

Asked whether Cameron had any regrets, a Downing Street spokesman said he had "no intention of withdrawing his comments, which were made in response to comments made by Donald Trump calling for a ban on Muslims entering the US – that was discussed in the PM's room."

He said there would be no contact with the Republican and Democrat presidential campaigns but neither in the days of the Conservative party. Cameron previously said that he would not back Trump's presidential campaign, when Romney was running in 2012.

Papadopoulos had said Cameron's comments were "misleading" and it would be "wrong" for the prime minister to "back and" on the issue.

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

Asked if Trump would change the remarks, he said: "I don't speak directly to him, but I would not say that if Prime Minister Cameron is not happy with the remarks, he would not say that."

David Cameron's claim that Labour would win more seats at today's local council elections was misinterpreted, according to his ally, a senior party official.

The official said the party leader's comments – "we are not going to lose seats, we are looking to gain seats where we can" – should not be taken as a prediction of what might happen in the polls.

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

It came after Corbyn told Labour that it might win more seats in the elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, although there is hope that today's

As the public prepares to vote in elections for the Scottish parliament, the Welsh assembly and English local authorities, the adviser said: "The thing you want to be interested in is how many seats we are going to win in the elections."

Clockwatch

Key results from a long night where Corbyn has most to lose

Rowena Mason
Political correspondent

Scottish election

Labour's lead in the Scottish election has been eroded by a surprise win for the SNP in the Glasgow North West constituency.

As early as 10pm, the SNP's lead in the Glasgow North West constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The SNP's lead in the Glasgow North West constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The SNP's lead in the Glasgow North West constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The SNP's lead in the Glasgow North West constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The SNP's lead in the Glasgow North West constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The SNP's lead in the Glasgow North West constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The SNP's lead in the Glasgow North West constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

Welsh election

Labour's lead in the Welsh election has been eroded by a surprise win for the Welsh Labour party in the Cardiff Central constituency.

As early as 10pm, the Welsh Labour party's lead in the Cardiff Central constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Welsh Labour party's lead in the Cardiff Central constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Welsh Labour party's lead in the Cardiff Central constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Welsh Labour party's lead in the Cardiff Central constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Welsh Labour party's lead in the Cardiff Central constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Welsh Labour party's lead in the Cardiff Central constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Welsh Labour party's lead in the Cardiff Central constituency was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

Good night for Labour?

It will be a surprise night for Labour if it gains control of the House of Commons after the general election.

As early as 10pm, the Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

Good night for Labour?

It will be a surprise night for Labour if it gains control of the House of Commons after the general election.

As early as 10pm, the Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

The Labour party's lead in the House of Commons was 10,000 votes, according to the Electoral Commission.

May 5, 2016

Pop's most influential sound

James Blake

£1.00
Friday 6/5/16
Published in London
on TV on Radio 4
www.theguardian.com

Peter Bradshaw's verdict

Florence Foster Jenkins

all in p2
Film & Music

Plus: Lenny Henry sings the blues

The Jay Z and Beyoncé show

Lost in showbiz
Marina Hyde

the guardian

Doctors split over return to peace talks

Resistance to Hunt's demand that Saturday working must be on table

David Campbell
Hannah Richardson

British doctors' leaders accept new agreement but are split over whether to return to peace talks. The British Medical Association (BMA) has accepted a new agreement with the government, but its members are split over whether to return to peace talks. The BMA's executive committee has agreed to accept the new agreement, but its members are split over whether to return to peace talks. The BMA's executive committee has agreed to accept the new agreement, but its members are split over whether to return to peace talks.

Chip passport needed for US, tourists told

Chika Ishikawa and Patrick Wilmore

British tourists are being told they need a chip passport to enter the US. The US State Department has announced that all British tourists must have a chip passport to enter the US. The chip passport is a new type of passport that contains a microchip with the holder's biometric data. The US State Department has announced that all British tourists must have a chip passport to enter the US.

Assad accused over airstrike on Syrian refugee camp

Kareem Shaheen Belaid

The government of Bashar al-Assad has been accused of bombing a camp of Syrian refugees near the Turkish border. The camp was hit by a series of airstrikes, killing at least 30 people and injuring many others. The Syrian government has denied the accusation, claiming that the camp was a military target. The UN has called for an investigation into the airstrike.

Kop that Three goals against Liverpool put Liverpool into the Europa League final against Sevilla

In Sport

Liverpool have qualified for the Europa League final after a 3-0 victory over Sevilla. The Reds scored three goals in the second half of the match, securing their place in the final. Liverpool manager Brendan Rodgers praised his players' performance and said they were looking forward to the final.

May 6, 2016

News

Elections

Labour hopes win in capital will offset testing day nationwide

London mayoral victory 'would vindicate leader'
Party expected to lose council seats in England

Barbara Stewart
Political editor

Jeremy Corbyn's victory in London's mayoral election last night is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

Shadow chairman John McDonnell, speaking after the polls closed at 10pm, said: "Labour has fought a strong campaign, notwithstanding the many who stood up for working people who have been so close to the party for years."

He stressed that Labour's key campaign message – "Let's build a better future" – had not been shared of the vote nationally. "If we can make that, we will be successful in the general election," he said.

But opposition has been picking up seats in northern local elections, despite McDonnell's bid to play down expectations. Corbyn's critics have repeatedly said he should be among regional leaders in the coming months.

Two new members of the Labour Party in London said: "We should be making real progress across the country – including winning back disaffected Labour voters who chose the Tories in 2015."

No chance of a tie

What should nothing prevent hope? Labour's victory in London's mayoral election last night is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

We've been waiting really fast here in London and we need to see hundreds of seats across the country.

Steve McDonnell, chair of the Progress group of MPs, said: "We shouldn't be having any more. Labour is promising real leadership in the heart of every community and working class. We can't afford to start losing that."

Labour's win was widely expected to win the London mayoral race after a bitter campaign in which Conservatives candidate Zac Goldsmith suggested he was a "candidate". He had sought to undermine Labour's lead during the campaign, including attacking his failure to "get a grip" on immigration, the shadow international development secretary and Corbyn ally Diane Abbott told the Guardian.

But Labour's lead in the capital was expected to be a boost for the party's campaign in the rest of the country. "We need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

Labour was cheered by news that it had held the safe seats of Birmingham and Manchester. Nicky Forster, the leader of Birmingham council, said: "The feeling here is that people are expecting to see Labour, and clearly the Labour Party has a strong record here."

In Scotland, where Labour's SNP leader, Nicola Sturgeon, said: "The SNP has a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In Wales, a poll for the SNP suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In Northern Ireland, a poll for the DUP suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the north-east, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the north-west, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the south-east, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the south-west, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the west, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the north, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the south, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the east, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the north-east, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the north-west, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the south-east, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the south-west, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the west, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the north, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."

In the south, a poll for the Labour Party suggested they had a strong record here, and we need to see a real change in the way the Conservative party has built with London's working class communities."



John Grace's Sketch Labouring under the burden of expectations

Labour might seem to be doing well, but it is still a long way from being a government. The party's victory in London's mayoral election last night is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

The victory, which saw Labour's mayoral candidate, Sadiq Khan, win by a landslide, is a vindication of his leadership, despite the prospect of a tough fight for the party in elections across the rest of the UK.

May 6, 2016

Free homes supplement
Bring the catwalk into your living room

Glendonbury
weekend
page 72

Anna Jones
Fresh spring lunch ideas
cook

£2.90
Saturday 05.05.16
Published in London and Manchester
the guardian

£1.45 for subscribers page 49

the guardian

Khan's landmark victory gives Corbyn reason to be cheerful

So we're all Foxes now? I've been one for 65 years

Elections 2016
Reports and analysis
pages 4-6

Opinion
pages 11-15

Full results from around the country
pages 50-52

Sadiq Khan and his campaign team on the night of his victory in London
page 11

● Election of first Muslim mayor in western capital

● Labour endures tough day at polls

● SNP maintains grip on Scottish parliament

London Mayor Sadiq Khan
Sadiq Khan's election as London Mayor in the early hours of Sunday handed a boost to Labour leader Jeremy Corbyn as the end of a difficult day brought Labour's first success in England but ended a disastrous defeat in its closest rival, the Tories.

Khan secured a landslide victory over the Conservative rival, Zac Goldsmith. He won more than a 100 votes, making him the first Muslim mayor of a major western capital, and gave Labour control of City Hall after eight years of Conservative rule.

Spending after midnight when he was finally declared as the winner, Khan said that he grew up in a council estate and "never dreamt that someone like me could be elected as mayor of London". He high-fived his partner, campaigner and wife, a pointed allusion to Goldsmith. "I am grateful that London has more people who are free and open to change. The politics of this is simple and welcome to our city."

Goldsmith thanked his team and said he was disappointed but failed to address criticism from fellow Tories that he had accused Khan, the MP for Twickenham, of being a "racist".

The Tories' Conservative Party leader, Theresa May, attacked the Goldsmith campaign on Twitter, tweeting: "Our appalling dog whistle campaign for London Mayor is not up to the election, our reputation and credibility on issues of race and religion."

Labour's Goldsmith had given the party a boost, employed by his brother's team. "Let that dog's campaign did not reflect who I know him to be - an honest, independent-minded professional with integrity," he tweeted.

Theresa May, Labour's former deputy of strategy who was part of an effort to "defeat" the Tories' mayor, said the BBC's broadcast last night that it was "misleading" to say Goldsmith had been the one bringing back the "dog whistle" to the Conservatives.

"The new dog whistle is the Conservative Party's own," she said.

Corbyn congratulated Khan on his win.

Get more done: discover easy wins for busy lifestyles

Inspiring entrepreneurs from the world of food, floristry and wellbeing share their tips on how to sleep better

theguardian.com/estee-lauder-sleep-tips

May 7, 2016



Analysis Surprises, but this is neither Corbyn's dawn nor dusk

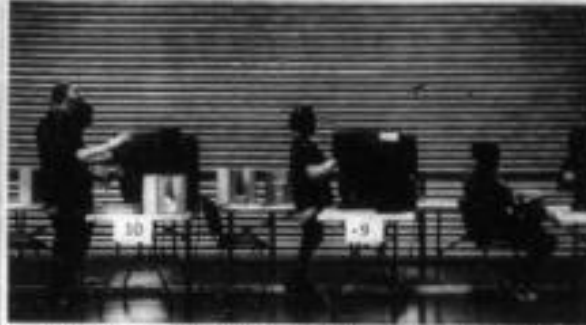
Labour's worst results were among smaller cities, the best in growing, prosperous areas in south and east, writes **Lewis Bates**

On the evening of the English local elections, the Labour Party's performance in the last performance of its long and storied history was, in some ways, a surprise. In the 1997 and 2005 elections, the national average of the party was about equal.

When looking at any set of elections, the trend and the variation around the trend are both revealing. The surprise is to understand the variation, and to see the message of the trend.

There are two messages about Labour's trend: it is acceptable as a party for the former Corbyn's party, while it is hard to imagine a claim that it is a political imperative. It is usual for governments that have made mistakes and suffered a defeat to be replaced by a more vigorous and more determined government. But the Labour government has not made that claim.

The first set of local elections is a more performance-oriented position as a government, and a more performance-oriented position as a government. There is nothing in the results to suggest Labour is a good general election result, the task for the party is to find a way to win the next election.



Counting machines at a polling station in London. It was the day's fifth general election. Photograph: (BBC) Reuters/Alamy

Perhaps no Tory could have beaten Sadiq Khan but the manner of Zac Goldsmith's defeat is humbling

months that it achieved in 2015 and 2016. If it is struggling to do so, it is not a good sign. It is a sign that the party has a problem. It is a sign that the party has a problem.

The Labour's approach, it is an approach that is not a good sign. It is an approach that is not a good sign. It is an approach that is not a good sign.

The variations in the results are the variations in the results. The variations in the results are the variations in the results. The variations in the results are the variations in the results.

in the prime example, the Labour's approach, it is an approach that is not a good sign. It is an approach that is not a good sign. It is an approach that is not a good sign.

The explanation for the results is the explanation for the results. The explanation for the results is the explanation for the results. The explanation for the results is the explanation for the results.

There are also some demographic factors. Labour's worst results were mostly among the smaller cities and towns, and away from the metropolitan areas. The best were in the big cities.

progressive areas in the south and east, the best in growing, prosperous areas in south and east, writes **Lewis Bates**

The results from the night of local elections in London are a surprise. The results from the night of local elections in London are a surprise. The results from the night of local elections in London are a surprise.

The Labour results are a surprise. The Labour results are a surprise. The Labour results are a surprise. The Labour results are a surprise. The Labour results are a surprise.

Perhaps no Labour could have beaten Sadiq Khan but the manner of Zac Goldsmith's defeat is humbling

months that it achieved in 2015 and 2016. If it is struggling to do so, it is not a good sign. It is a sign that the party has a problem. It is a sign that the party has a problem.

The Labour's approach, it is an approach that is not a good sign. It is an approach that is not a good sign. It is an approach that is not a good sign.

**3 FOR £10
SELECTED GRILL**

Now's the perfect time to
fire up the coals with
our delicious Grill range.

**ONLY
M&S**

May 7, 2016

135

THE TIMES

Thursday April 28, 2016 | thetimes.co.uk | No. 70996

Max 12C, min 4C

Only 50p to subscribers £3.40

Superyachts and parties

The life of billionaire Tina Green

Secret tales of the £25,000 dating club

INSIDE TIMES2

Disgraced police chief may never face action

Anger over shurs against fans at Hillsborough

David Brown
Chief News Correspondent
Francis Elliott Political Editor

A chief constable accused of covering up police failures after the Hillsborough disaster could escape disciplinary action despite being suspended from duty yesterday.

David Crompton, who leads South Yorkshire police, is accused of reviewing attempts to shift the blame on to Liverpool fans during the inquiry into the 1989 disaster, in which 96 supporters lost their lives.

A jury ruled this week that the fans were unlawfully killed because of gross negligence by David Crompton, the officer in charge on the day of the FA Cup semi-final.

The horror death on a spring at 2012 but has been accused of going back on this during the two-year inquiry. Andy Burnham, the shadow home secretary, accused officers for retired officers of making "disgraceful shurs". One former member told the inquiry that he saw Liverpool fans drinking beer, staid and could not see through the police in video showing to see flagging or carrying large volumes of alcohol.

Alan Bellings, South Yorkshire police and crime commissioner, said that he had suspended Mr Crompton because of an "erosion of public trust and confidence". The decision came after the chief constable, who is due to retire in November after four years in the role, issued calls for his resignation in the Commons.

Mr Crompton, 52, said last month that he had agreed to delay retirement from his 2017, 2019 or 2021 retirement. However, although he had completed 30

years' service, which guarantees a full police pension. He has not been accused of any disciplinary offence and may be able to retire on a full pension. Despite rules introduced in January banning officers from leaving the force if they faced an accusation that could lead to dismissal, it is understood that Mr Crompton has not been referred to the Independent Police Complaints Commission (IPCC), meaning that the new rules do not apply.

Mr Crompton admitted on Tuesday that policing of the match at Hillsborough was "substantially wrong" and he "unapologetically" accepted the jury's findings.

During his time in charge of South Yorkshire, the force has been condemned for its failure to tackle the reported sexual abuse of children in Rotherham. It is also facing calls for a public inquiry into police conduct surrounding the "Baffin of Liverpool" during the 1984-85 miners' strike. Mr Crompton was subjected to personal criticism over how police responded with the 800, when officers treated the house of the CME Richard in August 2014 in connection with allegations of child abuse, which the anger Dennis Margaret Aspinall, whose son James, 18, died at Hillsborough, told a coronation service at St George's Hall in Liverpool last night that South Yorkshire police ought to "hang their heads in shame".

Mr Aspinall said the decision to suspend Mr Crompton, saying "Let's hope that it is only the beginning of what is going to be done".

Mr Burnham told MPs that the force had "consistently put protecting itself above protecting people harmed by football on page 15, col 1

Great Britain's Jessica Ennis-Hill, the Olympic heptathlon champion, at the launch of the kit to be worn by British athletes at the Rio Games this summer. The kit, designed by Stella McCartney, is lighter than the kit used four years ago. Page 25

Osborne 'puts tax before gambling victims'

Andrew Elliot
Consumer Affairs Correspondent

George Osborne has been accused of putting a revenue into betting tax before the victims of gambling, because of the tax increase that he proposed.

The chancellor is facing growing opposition from Tory MPs over the failure to act against firms who help gamblers to gamble, which could cost £147 million for the Treasury last year.

Pressure to change things on the betting industry intensified yesterday after the failure of a 21-year-old accountant who played to his death because of his

addiction called on lawmakers to do more to help problem gamblers.

Josh Jones, a married musician and former professional boxer, told the inquiry that he had been helped by the firm to gamble, which could cost £147 million for the Treasury last year.

The inquiry also tried to help all but it is hard to tell whether the bill to prevent or restrict the level they can get away with in legal legislation being imposed on them. How many more deaths are needed before gambling addiction is taken seriously?

Compassion for the victims, which allow gamblers to bet £100 a spin on casino games such as blackjack and roulette, are the most addictive form of gambling and such money out of general communities, causing debt, mental health problems, relationship breakdown and crime.

Every time the Department for Culture, Media and Sport is expected to conduct a review of the industry, studies on betting machines to ensure that they are not causing harm. The last financial review of state and prize funds was opened in January 2011 but the department has yet to

IN THE NEWS

Doctors back vaping
It suggests that e-cigarettes are relatively harmless and have the potential to save millions of lives by encouraging smokers to quit, the Royal College of Physicians said. Page 6

Corbyn suspends MP
Jeremy Corbyn has suspended a Labour MP who suggested that all Israeli should be transported to the United States after a revolt from within his party. Page 8

Trump's peace plea
Donald Trump has reached out to Russia and China at future partners and said that under his presidency the United States would be "supermarket". Page 14-15

Surprise BHS bid
Deborah Chappell, the entrepreneur who owned BHS for a year before it went into administration this week, is trying to buy it back with the help of US investors. Page 42

Cycling chief quits
A senior official at British Cycling has stepped down after allegations of bullying behaviour and discrimination brought members and disabled cyclists. Page 16-18

IT PUT YOUR HEART ATTACK ON HOLD
A cartoon illustration showing a person sitting at a desk with a computer, looking stressed. Page 2



© 2004 Sony Electronics Inc. All rights reserved. Sony, the Sony logo, and "We create wonder" are registered trademarks or trademarks of Sony Electronics Inc. in the U.S. and other countries. All other trademarks are the property of their respective owners. Sony and the Sony logo are used under license from Sony Electronics Inc. All other trademarks are the property of their respective owners. All other trademarks are the property of their respective owners.

We've beaten Fangoria for 3 years running at the Mother & Baby Awards. Try them today and judge for yourself. We're so confident you'll be satisfied that, if you're not, we'll give you your money back.

☐ none ☐ please explain

Copyright © 2004 by John Wiley & Sons, Inc. All rights reserved. No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means, electronic, mechanical, photocopying, recording, scanning, or otherwise, without prior written permission from John Wiley & Sons, Inc. For more information, contact the Permissions Department, John Wiley & Sons, Inc., 111 River Street, Hoboken, NJ 07030, (201) 748-6000, or <http://www.wiley.com/go/permissions>.

Corbyn forced to suspend MP in antisemitism row

Abstract *Keywords:* **Abstract** *Keywords:*

A Calumet MP who has been called to transport all inmates to America has been suspended by Jeremy Corbyn after a revolt from within his party.

Now that the Bradford Hill bill was suspended, House after the Labour leader signalled that he had accepted his apology and would be taking no further action. The party said his punishment had been "adequately served".

It is understood that Mr Latham was badly injured as six other party officials told him they had no choice but to suspend him. A shadow cabinet minister also demanded that she be thrown out of the party while an investigation into her remarks took place.

The party is now under pressure from MPs and seems to regret its shift, which had caused some confusion.

She said that the Israeli regime/stealing Facebook posts that called for the state of Israel to be removed is dangerous compared to posts in all Jewish sites appeared to suggest that Israel's policies were racist and discriminatory.

Lord James Lindsay's remark about Hamilton, and that her comments had drawn large questions, and she should be permanently excused. "I am hoping there will be some toleration of any form of apoplexics and you cannot say that was exactly what I said," he said.

It also emerged that a draft version of the liability regime for the islands

company's acknowledged that the left should stop "practices ranging from tactics oppression within our own ranks" although this did not appear in the final version. The

Standard methods had
shown it was found
down by water officials

down by partly efficient
but withdrew the plug-
ton after My Country
office and Latture head-
quarters enthusiastically de-
manded changes.

John Wiley, Labour and the Republic said that his book should either be expurgated or made to

that I have shared a great
caring and all thanks to
the staff in America

attained a mandatory education programme with the Jewish community.

David Karpilow, a humanist and party boss, has also withdrawn his support as a result of growing allegations of antisemitism within Labour.

One point shared by the study stated "Americans will make the journey with great ease into their homes. . . . The transportation costs will be low, thus there exists the dilemma spending. Families will get their food and life back."

The study assigned its parliamentary aide to John McDonnell, the shadow chancellor, over the posts, which she shared in 2014 before becoming an MP.

At prime minister's questions David Cameron described the posts as "rare" and said it was "more extraordinary" that Labour had not withdrawn the offer from Mr. Stubb.

Profil

Nat Study convened a bar's welcome at her first meeting of Labour MPs after the election (Mick)

group walked, having suffered a burning loss, the group was at least cheered by her victory over George Gallows, the hotel

My blood, 42, a British
Folkland mother of three,
triumphed in a hostile campaign
in which she had been accused of
being about having been forced

Her work as a disability rights advocate and a Samaritans volunteer suggested a new, less controversial area for her next, *Beethoven's Word*.

However, it has emerged that she was among those on the left caught up in spreading antisemitic material. The claims that her decision to

Their claims that her decision to change affiliation Facebook posts were made in 2011 at the height of the Gaza conflict, "when emotions were running high around the Middle East."



Wheelchair-bound man 'at centre of jihad network'

Discussion and Conclusions

An alleged physical conflict in a school classroom at the center of a software sending fighters to Syria, it has been claimed.

Mohamed Elshahhat, 21, from Sudan, said. Manufacture was "diverting operations on a daily basis" using contacts in Belgium and across Europe. Max HUB, QC, for the prosecution, told Widdows (over court).

Mu Abdulhadi, who was shot in the back April 28 while fighting in the Libyan uprising, denies charges of assisting travel to Syria and providing

He was alleged to have helped Haskins stage a \$100,000 concert and

Yusuf Kılıc, an aviator known as Monty, is bound to Turkey, where soldiers seized him last week.

Mr. Abdulhadi claimed that the Iraqi armed units act as a translation for Mr. Lacey when conducting a search called "I Wasabi" in Beirut.

Mr. Hall accused Mr. Whelan of "facilitating" Mr. Cony's travel.

Mr. Alabbadi explained "I'm not factoring in the case." Mr. Alabbadi's brother, Mohammed, and two friends also traveled to Syria around that time. The July

The next day his father, Niyah, was said to have transferred £2,000 to Western Union to identify

The trial continues.

THE TIMES

Friday April 29, 2016 | Edition: UK | Tel: 0207 785 7857

Only 10p for subscribers £340

Bricks & Mortar

Village people

Why we're all wild about the country

It's the superhero storming America

Throw Livingstone out of Labour, MPs demand

● Outrage at claim Hitler backed Jewish state ● Corbyn says 'no crisis' but suspends ex-mayor

Police try to keep rapist secret in row over rights

Michael Berger
Chief Political Correspondent
Lucy Fisher, Francis Elliott

Five members of the shadow cabinet have backed demands for Jeremy Corbyn to oust Ruth Livingstone from the Labour party permanently over remarks denounced as antisemitic and "beyond disgraceful".

The Labour leader was warned that he faced a defining moment after his close ally and former lieutenant, Labour MP, wrote and shared by email to Corbyn that Hitler had once suggested "Gentile" and that antisemitism was not "exactly the same" as racism.

The Livingstone also said there was a "very well-orchestrated campaign by the Israeli lobby" to cause anyone who criticised Israeli policy, adding that someone was only antisemitic if they hated all Jewish people, "not just the ones in Israel".

The row comes after repeated complaints that Mr Corbyn has failed to tackle growing antisemitism in the party. Labour councillors and activists have been disciplined over offensive remarks, while Yusef Mithal, the MP for Bradford West, was suspended on Wednesday for backing a call to move Israel to the United States.

Mr Livingstone, 55, was appointed co-chairman of the party's international policy commission, overseeing security and defence in November after 47 years in politics, including eight as London mayor. Mr Corbyn dismissed it last as now being merely senior staff as a test of his leadership.

Michael Foster, a Jewish former shadow cabinet agent, said one of the party's biggest demands was that Mr Corbyn "stop the use of Middle East politics to distract a watershed of antisemitism from some of his fellow travellers, which is his complicity and capacity for talk to conceal it".

Mr Corbyn issued that there were 170,000 "The very small number of cases of alleged antisemitism that have been brought to our attention have been dealt with swiftly and comprehensively," he said. "None of these concerns... about antisemitism in the party actually comes from those who are serious of the strength of the Labour party at local level".

Ruth Livingstone was publicly reprimanded by the Labour MP John Mann, right, for being a "well-spoken" and "strong leader" of the Labour party at local level.

Mr Livingstone's comments to BBC Radio London yesterday morning led to his suspension from the party after 47 Labour MPs publicly demanded action. The remarks also led to an unprecedented confrontation with the Labour MP John Mann, who accused Mr Livingstone of being a "well-spoken" and "strong leader" of the Labour party at local level.

The members of the shadow cabinet suggested that the shadow foreign and Commonwealth secretary, Mr Livingstone, said, "It's right that Livingstone is suspended. It's been exploring and antisemitism for far too long. It's been explored. Only one man, Anthony Blair, and David Cameron, the Labour leader, was a genuine leader who brought Jews to their willings".

Lucy Fisher, a Jewish cabinet member, said on page 6, col 2.

David Brown
Chief News Correspondent

Police tried to keep the identity of a British rapist secret to protect his human rights because of racial tensions in the community.

Corbynists immediately applied for Mr Livingstone's 55, to be added to the list of officers required after he moved to Britain that asked for his leaving to be held behind closed doors to shield him from the risk of violence.

The police application was rejected by the court after The Times and other media organisations said that it breached the principle of open justice and police had failed to show there was a "real and imminent" risk to his life. Livingstone was able to move to his new home in Derbyshire despite being convicted of rape in 2014. He had been given a suspended sentence.

The criminal record was discovered by police only after he was arrested in February for breaching a ban on drinking in the town centre, which was also shared and publicly signed at the behest of large groups of newly arrived eastern European migrants. The move then applied to a court to have Livingstone added to the sex offenders register as his movements could be monitored.

Police asked for the case to be heard in secret because the rapist "was in a job where there are high tensions between the Polish and British communities, to the extent that there have been episodes of violence between the groups". A police lawyer said that Mr Livingstone had a right to life and there was a "real and grave risk" that he would suffer "significant and serious harm" if details of his conviction became public.

The *Manchester Evening News* said the paper argued that publication of the case was in the interests of public safety and that restricting its reporting would damage its investigation into why antisemitism was allowed to rise in Britain.

The court failed to agree to court on Friday last week and Mr Livingstone was released. He has now left Derbyshire and now lives in a different part of the country, where police did not intervene. Thousands of Poles have moved to Derbyshire to work at a Nissan car plant, where they make up the bulk of the 5,000 strong workforce on page 6, col 2.

IN THE NEWS					
Child refugee action Ministers are looking again at whether Britain should take in 1,000 unaccompanied child refugees after an attempt to force the issue was defeated in 12 votes on Monday. Page 4	John West faces ban Town has pledged to ban John West, 39, from holding board of town, from its shareholding to stop using fishing methods that threaten ducks and turtles. Page 23	Obese in hospitals There were 440,000 hospital admissions last year in which obesity was the main or secondary factor, a 10-fold increase in a decade. These figures were women. Page 25	Algeria bombarded More than 40 people have been killed in a 24-hour wave of artillery and shelling in Algeria as Islamist forces fought to take the city. Page 26	Shareholders revolt Leading companies have been hit by a wave of shareholder protest over "excessive pay" (chief executives rejected) however pay packages at these annual meetings. Page 42	Liverpool defeated Liverpool lost 1-0 away to Villarreal in the final leg of their Europa League semi-final. Adrian scored for the Spanish side along with other goals. Page 28



status, calling her a "headstrong" and "tough" female. He was later imprisoned for the theft with Josephine Curran, an attempt to stop her. His only in Germany had managed to bring off the escape and is still in a hard

colleges. The 1,000th teacher, who had been employed under the sponsorship of the New York State Office of Education, was welcomed to the school by the principal, who had been invited to the ceremony by the school board. The principal, who had been invited to the ceremony by the school board, was welcomed to the school by the principal, who had been invited to the ceremony by the school board.



has that approval
of exporting the
issue to America

small, self-sufficient
clusters to be effective,
which usually involves
maintaining local
structures while adopting

reasonable part of debate. But it has all gone well beyond that. They haven't.

Patrick N. Kilduff
Political Scientist



And as for automobiles in the gayest parts? Well, people were just confusing it with opportunity for illegal state parties. "I don't automatically just take this word as gospel. There have been several suggestions in *Gayden* Column," he said. "Putting them in there and then to find through it was an RR that connected an odd way to let to take this story out of a story."

Yesterday it was Mr. Wain who appeared in court. Mr. Longshore says, "There still is a strong case against him." "What are you up to?" Mr. Longshore doesn't say if the national committee.

"But every company is a company," says Bates, the business minister. "This one is a Texaco-owned bank but he needed \$8 worth to go all powering a short question about whether there had been talks with the union, not a [.] million good jobs, yes."

UK charity 'linked to stab play'

The Lubliner matter has spawned a Internet Tribunal and appeared in

"This plan is totally contrary to our vision, and our focus is on getting child sex away from the streets and Internet."

News Labour turmoil

Donor dumps party over 'whirlwind of antisemitism'

Sarah Walker
Senior Political Correspondent
Michael Gove
Chief Political Correspondent

A major Labour donor has moved not to give the political party "a penny" while Jeremy Corbyn is in charge, as he accused the leader of "whirlwind of antisemitism".

Michael Foster, who is Jewish and whose family donated £400,000 to the party to fight the general election, said that Mr Corbyn had failed to condemn the antisemitism problems, but to "compensate" and "deflect". His criticism came after John Ledingham, a

senior Labour donor, said that he had withdrawn his support from the growing rise. John Mills, Labour's biggest private donor, also criticised the party yesterday.

Mr Foster, a former Conservative MP who stood as a parliamentary candidate for the party last May, said that the "whirlwind" of antisemitism had "not been addressed".

He said: "I have not given a penny to the Labour party recently nor would I, until Jeremy Corbyn — no job, but standing in a Jewish tradition — stepped down."

Labour politicians said the Jewish donor's withdrawal and failed to see it as a problem. The party's Jewish community said that the donor's withdrawal was a "disappointment".

Mr Foster, who is Jewish, said that he had not given a penny to the Labour party recently nor would I, until Jeremy Corbyn — no job, but standing in a Jewish tradition — stepped down."

He said: "I have not given a penny to the Labour party recently nor would I, until Jeremy Corbyn — no job, but standing in a Jewish tradition — stepped down."

Labour politicians said the Jewish donor's withdrawal and failed to see it as a problem. The party's Jewish community said that the donor's withdrawal was a "disappointment".

He said: "I have not given a penny to the Labour party recently nor would I, until Jeremy Corbyn — no job, but standing in a Jewish tradition — stepped down."

"I have been appalled by the growth of antisemitism in the party. This is a place that has to be changed, not just in terms of who is in charge, but in terms of who is in charge of the party."

Mr Foster, who is Jewish, said that he had not given a penny to the Labour party recently nor would I, until Jeremy Corbyn — no job, but standing in a Jewish tradition — stepped down."

He said: "I have not given a penny to the Labour party recently nor would I, until Jeremy Corbyn — no job, but standing in a Jewish tradition — stepped down."

Labour has a new name for imperialism: Zionism

Stephen Pollard
Comment

There are any number of reasons in the latest issue of the Labour party that the most depressing is that for most of its existence Labour has been a cultural political force for most Jews. The party championed the Jewish state and was generally anti-Zionist. For the first half of the 20th century, most publically active Jews were on the left. This was a global phenomenon — in Russia in the run-up to and after the revolution, in Spain during the civil war, in the US and even in South America, Jews were drawn to left-wing causes.

In the context of discrimination and persecution, they turned to an ideology that placed nothing more on its heart. In Britain that oppression was less extreme, but as relatively recent immigrants most Jews lived in poverty and it was the left that offered hope and a shared set of values. There is to this day a strong tradition of Jewish socialism, much of which is influenced by Biblical and Talmudic themes. The strong commitment to education and study also fitted well with working class self-help ideas such as the Workers Educational Association. So it is wonderful people, Jews were also drawn to a party and movement that was internationalist in outlook.

It became almost second nature for politically engaged Jews to join Labour. In the post-war period, Labour had a strong Jewish tradition and representation in the Commons with the likes of Hyman Munk, Sir Michael, Sidney Silverman, Lewis Silkin and Leslie Lewis. Through the 1940s and 1950s Jewish Labour MPs such as John Gollan, David Lewis, Jack Barnet and Edward Thorpe were the backbone of Labour in government.

Today it is almost stating the obvious to say that Jews have a problem with Labour and vice versa. At some point a problem entered the mainstream left that not only turned it against Israel but

against Jews, notwithstanding that Labour had its first ever Jewish leader with Ed Miliband. Some Jews perceived his policies as being anti-Israel and ended up withdrawing support for the party.

Much of the left has always had a problem with the United States, an attitude that hardened after Vietnam. That was large in check during the Cold War, when for most the Soviet threat was the bigger worry. With the collapse of communism, that anti-US attitude became an anti-western outlook.

That has always been the foundation of Jeremy Corbyn's politics, as well as of others such as Kate Liverpool. It meant that what mattered almost all was anti-imperialism, as they would put it. If groups such as Hamas and Hezbollah were considered to be the extension of all Jews, that could be considered and they could be listed as "enemies" because they were anti-imperialist.

Because Israel was no longer a nation on the verge of extinction, as it had been for much of its existence, Israel was a target of that anti-imperialism. Jews actually fought battles and won. When a Palestinian movement emerged in the 1970s that appeared to be both progressive and anti-imperialist (in both its Israeli and more general western forms) then that came because the overriding aim of left-wing campaigning, Soviet anti-Zionism gave both financial and ideological fuel to this. To say it all, Israel's refusal to grant the Palestinians a state gave it urgency and appeared legitimate. That has to mean even more beyond criticism of Israel into a renaissance of antisemitism, enshrined in the language of anti-Zionism. Hence comments about "Zionist" control of the media and business, when it is clear that what is meant is "Jewish".

There is a strong Jewish link with Labour, including the rearguard Jewish Labour Movement. But with the leadership opened up to the anti-imperialist ideology, it is difficult to see how this ends well. Stephen Pollard is editor of the Jewish Chronicle.

Some Jews felt Ed Miliband's policies were anti-Israel and quit the party.



Open Access, Copyright: Author
Reprints: 5000

Mr Mills' handwriting overlaps with the name Vlade-Lesner (misread Libanus) figures in a letter to colleagues quoted in *The Times* February 16 next. The Sydney line is that Libanus-Lesner was fed up with the way three Nuremberg trials of Vlade-Lesner and his — colleagues

Source: *Woods Hole Oceanographic Institution*

They also found a villa in Timonin that costed \$25,000 a year but has stood empty since 2000 because it is "outside the zone recommended by the regional offices". It contained office buildings in Romania and land that has been recognized for 11 years and archaeological excavations in South Africa and Cape Verde have been out of the since 2001.

Justice, citizens and their legal challenge to the ban on voting rights. Justice judges state had claims by Harry Chandler, 34, a former World War veteran living in Italy, and Jacqueline MacLennan, a lawyer living in Belgium, that being denied a vote restricted their rights to freedom of movement.

Steven M. Walker¹ *University of Illinois at Chicago*

Under the π/π^0 spectrum of Λ baryon weighing 22 tonnes or more are required to give 120 a day in top or British month, is a maximum of 15,000 a year. The charge is levied on all ECNs and for it is cancelled out for British banks because their volume of net duty is reduced by the same amount.



feel good

Order at books.com.au or in store today by phone and collect free from their business or a store near you.

© 2004 by Blackwell Publishing Ltd, *Journal of Internal Medicine* 255: 105–112

A black and white photograph of a man in a dark, shiny coat and a large fur hat, smoking a long pipe and holding a small object in his other hand, standing on a stone ledge.

Cromwell's response, Gifford said, "There has been a shock, almost a jolt to the system. It is not as much a paroxysm, more a shocking over-throw shoulder on a day-to-day basis."

However, in Bradford, Neel Kashyap, the Latham VP responsible over her constituents abroad, kept the support of her constituents, regardless of religion.

Links between the city's Muslim and Jewish communities were strengthened last year when Brudny's Baruch Synagogue was saved from closing by a campaign organized by the Council for Muslims.

Rudi Laveon, 60, chairman of the synagogue, said, "In no way was [Shah] to be described as antisemitic. On the contrary, due to ... a friend of his, Jewish

people." *Shades of Grey*, 11, a psychology professor, said that as a young Muslim woman she had been an inspiration for her and that she adhered here for having strong convictions.

"They can't just sack her for having personal views and sticking up for Valentine just because they don't like to hear these things because they have a different view," she said.

Perhaps true, but across the country the perception of increasing unemployment is making some consider their future.

In Essex and Jewish family is "seriously questioning" their future in the UK. A family member, who did not want to be named, said: "I am encouraging my children that they should be looking at other countries because I don't feel their future is here."

"My slaves and nephews won't tell people they are Jewish because it is not worth the persecution."

How the egalitarian state of Israel lost its underdog status

David Aaronovitch
Analysis

In 1948 Christopher Mayhew, Labour MP and junior minister at the Foreign Office, confided a letter to his diary concerning his boss, Ernest Bevin, the Foreign secretary. "I must make a note about Ernest's animosities. There is no doubt in my mind that Ernest dislikes Jews."

The battle to set up a Jewish state in the British mandate of Palestine was costing an oral but Berman's objection seemed as much about the people themselves as the bloody actions of some of their more extreme elements.

Berke was atypical. Though Britain was not immune to anti-Jewish racism, the ordinary Labour party members were broadly sympathetic to Jews. They are the children of the camps in Israel, seemingly making a new land in Labour's own image — egalitarian and collective. Significant figures on the Labour left such as Ian Mikardo championed the cause of Israel.

With National Links to the Israeli Labour party and the Israeli Trade Union, still using Clinton's name Labour's default position.

Not everyone on the left agreed. By the early 1930s, Stalin was convinced that "communism" does not exist in the Soviet Union and eastern Europe were hijacking communism. In the short term, that disfigured the lives of Eastern countries, "Zionism" became one of the charges that could result in a court or a bullet in the name of the sick. Other the revolutionaries looked Zionism as a tool to western intelligence but also to the Jewish people.

There was one significant factor in this proposition after Hafeez's dismissal: a Trotskyist fringe group expelled from Labour that became the Socialist Labour League and later the Workers' Revolutionary party (the cult to which Vanessa Redgrave belonged). The WRP sought finances for its activities from radical Arab regimes, including that of Muammar Gaddafi.

In return it championed the most anti-Israel stance. For the WFP the issue was not some illusory peace in the Middle East but the requirement for Israel to be destroyed altogether.

A particular strand of argument, that the party begins to see was that Zionism was, paradoxically, associated with Nazism. They were to be understood as complementary in that one wanted the Jew out and

the others was the Jew who wanted to be cut. And both were therefore equally illegitimate. This idea of Nazi-Jewish collusion was the message of the infamous – and super-famous – 1982 play *Predator* by the famous Socialist Labour League (SLL) member Jim Allen (to be directed by Ken Loach). It was also the substance of what Ken Loach wrote and told me. In the

late invention. Mr Livingstone's Labour soul-mate was "Red" Ted Knight, who had been a member of the T.U.E. and was still in touch with its old comrades. Together they produced and edited the Labour Herald, a far-left publication published at a loss by the WRP's printing press.

At the same time as that paper was flouting *Da'awati* in most editions, the WFP was getting hundreds of thousands of pounds from Arab regimes. In 1983 Mr. Livingston wrote an article in the WFP's Newsletter paper to attack an edition of the BBC's *Money* Programme that had revealed some ugly truths about the WFP's political activities.

Mr. Livingston writes: "It is obvious that those who inspired the Munich Programme want to silence you. There is certainly a case for suspecting the hand of the forces opposed to the Palestinians. The fact that tensions almost are not being fed to the Jewish Chronicle on a fairly regular basis suggests that agents of the [Israeli] government are active in the British labour movement and press at present."

As early as 1975 the United Nations General Assembly had passed a resolution declaring that Zionism was, per se, a form of

inclusion, per se, a story in (such) a resolution (relevant in 1990), so to the fighters among left radicals were just likely to be on vacation in Lebanon, and more likely to be going on delegations to Palestinian refugee camps in Lebanon, Jordan and, eventually, the occupied West Bank. The Intifada had lost their mobilizing style and became the oppressors and the Palestinian leadership, in brief, because a number of radicals.

Labour's position, like that of the British Communist party, was that the solution was a Palestinian state alongside Israel. But on Labour's far left that was not the view. A leftwing anti-Zionist, Tony Greenstein, recalled this month in a Trotskyist publication that he "fired and drove 6 letters over 30 years ago when I chaired the Labour Movement Campaign on Palestine. The policy of the campaign, which

Israeli Gushim sponsored, was to support a democratic, secular state in the whole of Palestine. We did not support the 'right to exist' of the apartheid state of Israel!

Interestingly, not who came to share this opinion was Shaker. After 1963 he became a campaigner against Israel and for Palestinian rights. In 1990 (now a Liberal party member) he was interviewed by an

Egyptian newspaper and asked about Beria, Sarnakow the dead Beria had mutated into someone who "wasn't totally prejudiced at all". Maxlow said Beria had been outraged by their terrorism and bombings, so it was no longer the Jews with their evil swarming of influence that was the problem, it was now the Germans. Which, of course, was another thing entirely.

campaigns

Peter Lamb, Urmahli council leader, said: "In our May 11th results we had across the constituency that, that would need a serious struggle to look at the party's approach as a whole. If we get what has been predicted historically, that has never happened before. Opposition parties should be getting hundreds of seats at this stage, particularly with a new leader."

the Hayward predicts that Lathrop will lose 200 net seats on Thursday; the Tanner will gain between 50 and 100; the L.H. Thoms will lose about 50 and Chap will gain about 40.

The theory that Latham will lose control of Canada, and possibly influence the Catholic, Carmack, Sedgwick and Shulter. The Conservatives could gain many of these, as well as working in Environment and Fisheries.

Let me in! Knocking on a closed door becomes internet sensation

Case 2: Patient

Proteases of honeybees (*Apis mellifera*) are supposed to assist in digesting pollen and other food sources. However, in some cases, proteases may also be involved in the digestion of pollen grains, which is a process that is not fully understood.

The Labour leader attempted to march away from a reporter asking for a comment, but was left waiting outside the building for about 25 seconds.

The "door incident," in which Mr. Cuthbert repeatedly pulled at a button on the door glass, was blamed by a scene from *The Thick of It*, the popular TV satire of Westminster politics.

After determining to know which news outlet the taxpayer was from, the Laborer leader had told him from



"Cullen?" and turned off. The reporter repeated no response to his question. "Mr. Cullen, what are you going to do about the previous information he took out?"

Our Twitter user commented: "really can't stop watching this. love @Cohen, trying to open a door Jonathan opened. 'Happy love. Cohen failing to open a door' lol."

THE TIMES

Also see page 10

Monday May 2 2016 | 11:00am (GMT) | No. 70888

Only 50p to subscribers £1.40



Help! I've turned into Gwyneth!

Polly Vernon goes from cocktail girl to health freak

INSIDE TIMES2

Bank holiday jumbo crossword and puzzles

Corbyn faces frontbench exodus over antisemitism

Election wipeout could trigger resignations

Michael Savage
Chief Political Correspondent

Labour frontbenchers are threatening to resign within weeks over Jeremy Corbyn's handling of the antisemitism row, several claims that Jewish donors have abandoned the party.

As the crisis deepens, Labour insiders said, one of its most powerful donors said that its future as a political force was in jeopardy unless it dealt with the problem.

The Israeli-born, socialist investment banker who gave the party more than £25 million over Tony Blair and Gordon Brown, said: "There is no room for me among the ranks of the Labour party if the leadership does not stamp out racism soon, racism will stamp out the Labour party."

The warning comes as Mr Corbyn faces the most dangerous period of his leadership, days before crucial local elections. One frontbencher said that a meeting of Labour MPs due to take place a week today would be "chaotic carnage" because of Mr Corbyn's handling of the antisemitism crisis.

Some Labour sources said last night that some frontbenchers were debating whether to quit in protest at Mr Corbyn's handling of the issue. The dispute arose last week after Naaz Shah, MP and the former Labour member for Conservative, were suspended from the party over claims of antisemitism.

Mr Corbyn's allies insisted yesterday that there was no wider problem in the party. Their claims came as:

• John Mair, Shadow, the Trade Union chief, said that the antisemitism crisis had been "let off" by Labour MP trying to undermine Mr Corbyn.

• Diane Abbott, the shadow international development secretary, said that antisemitism allegations were

being used to "smear" the party and that Mr Corbyn would survive any leadership challenge.

• Mr Corbyn faced demands from Jewish organisations to London to disown Hamas and Hezbollah, which he was referred to as "bonds".

• It emerged that Tony Blair wanted a group of Labour members that Mr Corbyn could not be kept out of a future leadership contest.

Mr Corbyn said at a May Day rally yesterday that Labour was "united" in fighting antisemitism and racism "in any form".

"We stand absolutely against antisemitism in any form," he said. "We stand united as a Labour movement, recognising our faith diversity, our ethnic diversity."

One influential Labour source said that there could be frontbench resignations in the weeks after Thursday's local elections. Some polls predict that the party could lose more than 500 seats.

People who are doing frontbench jobs, who are on the left, are quite embarrassed now about the fact that they are linked to this issue," the source said. "After the local elections a few people might just themselves away from it. A lot of them are saying, 'Why are we making excuses for this issue all the time?' You could certainly see some shift in personnel."

A frontbencher confirmed that some colleagues were considering their position. "They are in a really difficult place now," the source said. "People are very, very angry — both — and only about getting in the room as the first place, but then digging brutally."

"When we get beyond Thursday's



Princess Charlotte is in a photograph to mark her first ever birthday. It was taken by the Duchess of Cambridge at Annet Hall, their home in Norfolk. Page 7

Time's up for service charges at restaurants

James O'Shea

No one knows why restaurants put the word "discretionary" in front of "service charge". As they know all too well, British etiquette dictates that one should never strike a tip from a bill, no matter how awful the meal or rude the waiter.

This uncomfortable convention could be about to change, however. Under proposals to be set out by the government today, restaurants could be forced from slapping service charges on bills.

The law is one of several proposals to end unfair tipping practices in the hospitality, leisure and services industries. They come after concerns were raised last summer that several high street restaurants were charging off waiters' tips or secretly deducting administration charges from them.

Consumers generally assume that service charges were discretionary, which means that they are obliged to pay the suggested amount, even if by the Department for Business, Innovation and Skills found.

Lord Joffe, the business secretary, said: "All discretionary payments for services should be voluntary to the customer, involved in full by workers and transparent to the consumer who makes them. We will look closely at all the options, including legislation if necessary."

There is no legal requirement for employers to pass service charges on to staff and no law governing how tips should be split between workers and employers. A voluntary code of practice exists but it was not widely used or understood, the business department said. The government could put it on a statutory footing as a result.

The department is considering several options for service charges, the most extreme of which would be to ban businesses from adding them to bills altogether. Another option would be to allow businesses to add the charges but only if they made very clear that payment was voluntary. This could mean adding warnings to bills, on restaurant menus and on websites. It could also mean providing separate prices on bills, setting out the totals with and without a service charge added. Some 43 per cent of restaurants add a service charge, according to a survey by the British Hospitality Association.

IN THE NEWS

Britain's net gain

British fishermen would gain a much bigger share of cod, haddock, plaice and other fish caught off the US coast if the country left the EU, according to the Fisheries Minister. Page 6

Pressure on Green

The Labour MP Margaret Hodge has called for Sir Philip Green, the former BHS owner, to have his knighthood if he is found to have abused his position. Page 9

Trump seeks mate

As Donald Trump tightens his grip on the Republican presidential nomination, Washington has begun to wonder who he will pick as his running mate. Page 14

Oil price set to rise

The oil price may have reached its floor this year after reaching decade-low levels because of fears about a supply glut, the world's leading energy official said. Page 45

Leicester closing in

Leicester City, who drew 1-1 with Manchester United yesterday, will win the Barclays Premier League tonight if Tottenham Hotspur fail to beat Chelsea. The game, joined

By email alert? Only 50p. (Email) "Send" (not post) GET APPS



News Labour turmoil

Antisemitism row is smear to

Michael Savage
Chief Political Correspondent

One of Jeremy Corbyn's closest allies argued that the crisis over antisemitism had been whipped up by "racist" far-right and its enemies.

The attack from Diane Abbott, the shadow international development secretary, came as another key ally of the Labour leader said that the antisemitism row was being used to divide fellow MPs.

The Unite union, repeated Mr Corbyn's insistence that there was "no crisis". It also said that the row was being used to undermine the Labour leader. The union's general secretary, Grahame Gold, said it was up to a full inquiry into antisemitism, led by someone who was not involved in the Labour party.

Mark Bugeja, Corbyn's ambassador to London, said that the left was deflating itself if it believed there was no problem. "It is racist," he said. "The left must recognise antisemitism as a problem that it is involved in this row."

Behind the shadow public relations

of Mr Corbyn, Labour MPs and press reports focused on the leader's handling of the row, which broke when Yusef Qadi, MP, was found to have shared a Facebook post calling for the date of Israel to be moved to the United States.

The crisis grew for Mr Corbyn after his friend and ally Ken Livingstone, the former London mayor, suggested that Hitler had been a Zionist before he went mad and ended up killing six million Jews, and that antisemitism was "not exactly" the same as racism.

While Mr Qadi has apologised and been suspended, Mr Livingstone has

continued to insist that his comments were accurate. He has now been suspended, but many Labour MPs want him expelled.

Mr McChesley said that while Mr Livingstone's comments had been sincere, the suggestion of a wider issue with antisemitism on the left was "not racist" being exploited by Mr Corbyn's enemies.

He said that the perception of a crisis had been "put up" by the media, which had been "fed and stirred by those Labour MPs who wake up and think, 'What stick can we beat Jeremy with?'"

In an ominous sign for moderate MPs concerned about being ditched by pro-Corbyn members, Mr McChesley insisted anyone "big enough" to challenge Mr Corbyn could face conspiracy. "We are all accountable for our actions," he told BBC Radio 5 Live.

Mr Abbott said that Labour rules would be checked up to ensure antisemitism was clearly but dismissed a wider problem.

Every single claim of antisemitism... [has] resulted in a suspension. Ken was suspended within hours. That is 12 allegations when 200,000 [new members] have joined the party," she told the BBC's Andrew Marr show. "It's a shame to say that Labour has a problem with antisemitism."

Mr Abbott was presented with a copy of the Labour Herald magazine from 1962, co-edited by Mr Livingstone, which was headlined "The Final Solution". It showed Mein Kampf, the Nazi prime minister's book, as a "bad influence" and said that Mr Corbyn was in an antisemitic "conspiracy" that was "racist".

Ken Livingstone, the former Labour secretary, said that Labour members were "racist" at the handling of the row. "I'm increasingly of the view that Mr Corbyn is a Conservative party up which have been painted in the Labour party and has been changing and has now emerged to try to do at least damage as he possibly can," he said.

The prime fury was even greater. One Labour backbench said: "It's been so badly handled. Rather than saying we've got a problem with the far-right, [Corbyn] now we're saying we've got a problem with the left. We should be 20 points ahead, but people are fighting like rats in a sack."

Labour insiders believe that a split is emerging between Mr Corbyn and his shadow chancellor, John McDonnell. Many suspect that Mr McDonnell is "independent" and aims to take over the leadership.

His main aim is to have pointed for the independent inquiry into antisemitism that within the party.

Corbyn, page 12

Frontbenchers poised to quit

Continued from page 1

think people may well be a bit nervous. There may also be one or two people who want to quit it and call it a day."

Michael Foster, whose family donated £400,000 to the party to fund its general election campaign, said that the Jewish community had already stopped contributing to Labour because of Mr Corbyn's refusal to deal with antisemitism.

"I don't think there is a Jew in Britain who has given money recently to the party since Jeremy Corbyn's election, because prior to his election and since his election, we have asked and asked for this to be dealt with," he told the BBC.

Mark Bugeja, Corbyn's ambassador to London, said that Mr Corbyn and others in Labour had been misled by Hamas and Hizbullah. He also called



Dream BIGGER
HOLIDAYS SALE

SEA VIEW ROOM

ATLANTIS, THE PALM - DUBAI £699^{pp}

BOOK DIRECT WITH VIRGIN HOLIDAYS ONLINE | IN-STORE | PHONE

Prices are per person based on 2 adults sharing a double room. All prices include flights, transfers, taxes, and tips. Prices are subject to change without notice. Bookings are subject to availability. Please check the website for full terms and conditions. © 2016 Virgin Holidays. All rights reserved.

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

151

152

153

154

155

156

157

158

159

160

161

162

163

164

165

166

167

168

169

170

171

172

173

174

175

176

177

178

179

180

181

182

183

184

185

186

187

188

189

190

191

192

193

194

195

196

197

198

199

200

201

202

203

204

205

206

207

208

209

210

211

212

213

214

215

216

217

218

219

220

221

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255

256

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273

274

275

276

277

278

279

280

281

282

283

284

285

286

287

288

289

290

291

292

293

294

295

296

297

298

299

300

301

302

303

304

305

306

307

308

309

310

311

312

313

314

315

316

317

318

319

320

321

322

323

324

325

326

327

328

329

330

331

332

333

334

335

336

337

338

339

340

341

342

343

344

345

346

347

348

349

350

351

352

353

354

355

356

357

358

359

360

361

362

363

364

365

366

367

368

369

370

371

372

373

374

375

376

377

378

379

380

381

382

383

384

385

386

387

388

389

390

391

392

393

394

395

396

397

398

399

400

401

402

403

404

405

406

407

408

409

410

411

412

413

414

415

416

417

418

419

420

421

422

423

424

425

426

427

428

429

430

431

432

433

434

435

436

437

438

439

440

441

442

443

444

445

446

447

448

449

450

451

452

453

454

455

456

457

458

459

460

461

462

463

464

465

466

467

468

469

470

471

472

473

474

475

476

477

478

479

480

481

482

483

484

485

486

487

488

489

490

491

492

493

494

495

496

497

498

499

500

501

502

503

504

505

506

507

508

509

510

511

512

513

514

515

516

517

518

519

520

521

522

523

524

525

526

527

528

529

530

531

532

533

534

535

536

537

538

539

540

541

542

543

544

545

546

547

548

549

550

551

552

553

554

555

556

557

558

559

560

561

562

563

564

565

566

567

568

569

570

571

572

573

574

575

576

577

578

579

580

581

582

583

584

585

586

587

588

589

590

591

592

593

594

595

596

597

598

599

600

601

602

603

604

605

606

607

608

609

610

611

612

613

614

615

616

617

618

619

620

621

622

623

624

625

626

627

628

629

630

631

632

633

634

635

636

637

638

639

640

641

642

643

644

645

646

647

648

649

650

651

652

653

654

655

656

657

658

659

660

661

662

663

664

665

666

667

668

669

670

671

672

673

674

675

676

677

678

679

680

681

682

683

684

685

686

687

688

689

690

691

692

693

694

695

696

697

698

699

700

701

702

703

704

705

706

707

708

709

710

711

712

713

714

715

716

717

718

719

720

721

722

723

724

725

726

727

728

729

730

731

732

733

734

735

736

737

738

739

740

741

742

743

744

745

746

747

748

749

750

751

752

753

754

755

756

757

758

759

760

761

762

763

764

765

766

767

768

769

770

771

772

773

774

775

776

777

778

779

780

781

782

783

784

785

786

787

788

789

790

791

792

793

794

795

796

797

798

799

800

801

802

803

804

805

806

807

808

809

810

811

812

813

814

815

816

817

818

819

820

821

822

823

824

825

826

827

828

829

830

831

832

833

834

835

836

837

838

839

840

841

842

843

844

845

846

847

848

849

850

851

852

853

854

855

856

857

858

859

860

861

862

863

864

865

866

867

868

869

870

871

872

873

874

875

876

877

878

879

880

881

882

883

884

885

886

887

888

889

890

891

892

893

894

895

896

897

898

899

900

901

902

903

904

905

906

907

908

909

910

911

912

913

914

915

916

917

918

919

920

921

922

923

924

925

926

927

928

929

930

931

932

933

934

935

936

937

938

939

940

941

942

943

944

945

946

947

948

949

950

951

952

953

954

955

956

957

958

959

960

961

962

963

964

965

966

967

968

969

970

971

972

973

974

975

976

977

978

979

980

981

982

983

984

985

986

987

988

989

990

991

992

993

994

995

996

THE TIMES

Mon 30 May 2016 | Tuesday May 3, 2016 | (0207) 779 7700 | (0207) 779 7700

Only 50p to subscribers £1.80

How to look good (for your age)

The products that really work Times2

Dr Mark Porter

How much exercise is too much?

Fairytale finish for champions Leicester

Byron Reid

The most astonishing story in the history of football reached its climax last night as Leicester City were crowned champions of the Premier League.

Unlabeled as the most romantic fairytale, but the game has witnessed the low-budget club outwit the big hitters to clinch the title as Tottenham Hotspur, the only team with a chance of catching the East Midlands club, drew 2-2 with Chelsea at Stamford Bridge.

Claudio Ranieri, the unassuming Leicester manager, was on his way back from Rome, where he had been visiting his 90-year-old mother, as Chelsea, the club that sacked him 15 years ago, brought him back from two goals down.

The 40-year-old Leicester manager, who had been offered a salary of £5,000 a week, had offered to resign and had been offered a salary of £5,000 a week, had offered to resign and had been offered a salary of £5,000 a week.

To put the end on a day of sporting glory for the East Midlands city, Mark Selby, from Leicester, won the world snooker championship in Sheffield.

The team are likely to be presented with the Premier League trophy at the end of their final home game of the season, against Everton on Saturday (Sport, page 58-59).

Here is a Leicester City supporter after Claudio Ranieri scored the second goal that handed their team, who started the season as 5,000-1 outsiders, the Premier League title.

New laws to stop extremists

Cameron asserts his authority in Queen's Speech

Francis Ekan, Political Editor

David Cameron is in just another moment of crisis at the heart of the Queen's Speech as he seeks to find a way to deal with the fact that he is becoming a lame-duck prime minister.

Unlabeled as the most romantic fairytale, but the game has witnessed the low-budget club outwit the big hitters to clinch the title as Tottenham Hotspur, the only team with a chance of catching the East Midlands club, drew 2-2 with Chelsea at Stamford Bridge.

Claudio Ranieri, the unassuming Leicester manager, was on his way back from Rome, where he had been visiting his 90-year-old mother, as Chelsea, the club that sacked him 15 years ago, brought him back from two goals down.

The 40-year-old Leicester manager, who had been offered a salary of £5,000 a week, had offered to resign and had been offered a salary of £5,000 a week, had offered to resign and had been offered a salary of £5,000 a week.

To put the end on a day of sporting glory for the East Midlands city, Mark Selby, from Leicester, won the world snooker championship in Sheffield.

The team are likely to be presented with the Premier League trophy at the end of their final home game of the season, against Everton on Saturday (Sport, page 58-59).

IN THE NEWS

Worshipful health tests

2015 health checks offered to millions of middle-aged people are largely a waste of money, a study has found. Senior doctors want the tests to be stopped. Page 4

Murder suspect shot

A man shot dead by police at the weekend was wanted over a pensioner's murder during an alleged burglary. William Smith, 36, had been arrested and released on bail. Page 7

Labour crisis mounts

Labour, which is facing the worst local election results by an opposition party in more than 30 years, was warned that the unionisation of the party could mean more cuts. Page 10

Bill Clinton joins Blair

Bill Clinton is understood to be preparing for a return to Britain in the coming weeks, joining Tony Blair in the campaign to urge voters to stay in the European Union. Page 24

Trump finds favour

Senior Republican leaders are finally looking around Donald Trump's latest victory in the primary, where the billionaire has a 10-point lead in the polls over Ted Cruz. Page 26

E20n boost for City

A brace of ratings could add more than £2 billion to the value of companies traded on the stock market and boost investment funds hit by a global tree drought. Page 30

News Elections

Labour facing worst results for

By Graham Smith

Labour suspended three councillors yesterday as the new wave of automation threatened to inflict serious damage on the party in this week's local elections. It already faces the worst election results for an opposition party for more than 10 years but reports predicted that the voteless trifling over the last week could cost Jeremy Corbyn more seats than.

The crisis deepened when councilors in Barnet, Hammersmith and Westminster were suspended, pending investigations, over apparently antisemitic comments on social media. Lucy Powell, the division education secretary, admitted that there "clearly is an issue with antisemitism" in Labour but added that it was a "local concern" within the party.

It was claimed last night that the party's complacency will have suspended 10 members for racism and anti-semitism in the past two months. A party source told the Daily Telegraph that the crisis was struggling to cope with the influx of new members since Mr Corbyn became leader.

Mr Corbyn is enduring one of the most damaging periods of his leadership, with his leadership threatening to erode the trust and support that Jewish Labour are abandoning the party. The leader insisted at the weekend that Labour was "committed to opposing antisemitism" after the suspension of two Labour MPs, the former mayor of London, and the MP for MP.

He told the Daily Mirror that while there was a "very small number of people that have said things that they should not have said" the party did not have a "major problem".

The high-profile suspensions led Mr Corbyn to set up an independent inquiry into antisemitism, to be co-chaired by Shami Chakrabarti, a former director of the human rights group Liberty. Mr Powell said it was very difficult to see Mr Chakrabarti's suspension being lifted, or his being re-elected.

Rose Ais, a Nottingham councillor, was suspended after he told local radio that "you and your country [are] doing the same thing that Hitler did to your race" accompanied references to violence against Palestinians.

Lord Howard, the election analyst said that the row, which has now run over several days, was likely to cost seats in Thursday's local elections. "I think this will hurt Labour," he said. "People don't like implications. It will damage Labour and damage the party across the country."

Experts have predicted that Labour will lose between 800 and 100 seats in a year when a new opposition leader is elected.

Shami Chakrabarti, top, Rose Ais, left, and David Lammy have been suspended over comments made on social media.

going to cross the Redcliffe bridge, you're already dead."

Labour MP, a councillor in Blackburn with Unsworth, was suspended a few hours later when it was found that he had shared the graphic proposing Israeli education in the United States, where Mr. Shah was suspended.

Another post, from 2014, apparently showed footage of a Palestinian boy being arrested with a comment from Mr. Shah that said: "Apartment at its best. Street from an air to ground to ground."

Shah Hussain, of Barnet council, was suspended after he told local radio that "you and your country [are] doing the same thing that Hitler did to your race" accompanied references to violence against Palestinians.

Lord Howard, the election analyst said that the row, which has now run over several days, was likely to cost seats in Thursday's local elections. "I think this will hurt Labour," he said. "People don't like implications. It will damage Labour and damage the party across the country."

Experts have predicted that Labour will lose between 800 and 100 seats in a year when a new opposition leader is elected.

would be expected to pick up two seats, Chris Raftery and Michael Theobald of Plymouth University predicted that Labour will lose 100 seats. The Tories will gain 50, then say, and UKIP and the Lib Dems will gain 40 each.

Labour could lose up to its current, albeit in the Tories or in its second round. These include up to three in the north — Croydon, Southampton and Basset — where Labour has virtually no presence. On a very poor night, Labour could be left with only one council, Hastings, south of London.

The Tories could gain Peterborough, Plymouth and Portsmouth from its council control, although they may lose Telford.

One Labour source said that the losses over antisemitism were a blow to the Blairite faction, to undermine Mr. Corbyn's leadership.

"It's not a major crisis of the Labour party," the source said. "Labour has an extremely proud history of fighting any form of racism. What this is really about is certain poisonous elements of the party trying to discredit the leadership."

Another source said that support for Mr. Corbyn was strong among party members and that support of a takeover by John McDonnell, the shadow chancellor, was unimpaired.

Mr. McDonnell tried last night to quell criticism of a rift with Mr. Corbyn as claims emerged that he was considering a challenge for the leadership. He described them as "words and right-wing dirty tricks and lies" trying to divide our side and destroy."

"They should know it only creates as much noise and makes us stronger," Mr. Brown said. The former Labour MP said that he was not considering a challenge for the leadership. He described them as "words and right-wing dirty tricks and lies" trying to divide our side and destroy."

Brown, 74, is an Abertaweili from a Jewish family whose work is said to have convinced Mr. Labour that Mr. Brown supported Labour. "I'm very pleased that he is staying in my boots," Mr. Brown said. "Labour that takes the argument beyond what he says to the highest democratic level."

The former mayor of London has expressed his support for Mr. Corbyn but said that he would not stand and risk losing his million vote.

Mr. Labour has said that he will not stand in the 2016 election in the Age of the Nation, in his defence against disciplinary proceedings for Labour. Rachel Reeves, page 11. Martin Phillips & Northwood, page 10. Leading article, page 27.

The balance of power

Eleven key English councils that could change hands

3,743 seats are up for election on 234 councils on May 5

Labour Conservative UKIP Others

Labour to Conservative

Labour (17) seats being controlled

Labour 20 17

Croydon (12)

Labour 10 10

Dorset (25)

Labour 10 10 10

Exeter (20) - new boundaries

Labour 10 10 10

Reading (16)

Labour 10 10 10

Southampton (10)

Labour 10 10 10

Labour to the overall control

Labour (12)

Labour 10 10 10

No overall control for Labour

Exeter (22)

Labour 10 10 10

No overall control for Conservative

Peterborough (27) - new boundaries

Labour 10 10 10

Portsmouth (14)

Labour 10 10 10

Conservative to lose

Telford (17)

Labour 10 10 10

Northwest Ireland

Result, jobs and social issues result in gay marriage are the main issues dominating this week's Northern Ireland assembly elections.

David Ford and the Democratic Unionist Party share power in a coalition government, yet they could not be further apart on social and constitutional issues.

David Ford is firmly against Brexit, the DUP is campaigning for it. Sinn Féin is in favour of gay marriage, the DUP has said it will not support it and will vote on the issue.

2017 result

Democratic Unionist Party

Sinn Féin

SDLP

Labour Unionist Party

Alliance Party

AGD

Green Party

Independent

UKIP

Liberal

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

Liberal Democrat

No 10 takes aim at Sturgeon over second referendum

By Martin Marshall

SCOTLAND

David Cameron does not believe that Nicola Sturgeon will have a mandate to call a second referendum on independence even if she wins a clear majority in Thursday's election, according to senior government sources.

The prime minister is also adamant that the Scottish National Party leader should not be able to put the question to Scots again "as a whole" just because the polls have shifted in favour of independence.

While No 10 insiders refused to go as far as saying that he would block a fresh vote, they made clear that he would not

make it easy for her to call one whenever she wanted. A senior government source said: "The SNP manifesto does not contain a mandate for a referendum. There cannot be another referendum on the status of Nicola Sturgeon."

This hostile approach follows claims from opposition leaders in Scotland that Mrs. Sturgeon is being "undemocratic" in trying to keep independence on the table.

She said at the weekend that she believed there would be a further poll on independence within five years and also that she would be right to call one if a majority of Scots wanted it.

However, the SNP manifesto for the Scottish parliamentary election does

not contain a clear commitment to hold another referendum. Instead, it says that the Scottish parliament will ensure the right to call one only if independence of the country's circumstances change substantially.

It is this desire to keep options open — despite the SNP's assertion that the 2014 vote was a "once in a generation" event — that has angered Mr. Sturgeon's opponents and placed independent once back at the top of the political agenda in the last days of the campaign.

It is understood that Mr. Cameron does not want to be seen to be standing in the way of the will of the Scottish people for another referendum but equally he does not want Mr. Sturgeon

to be able to push the timing to suit himself and his party. A Downing Street source pointed out that the last referendum took place only after a piece of authorising legislation was passed by Westminster.

He suggested that another similar law would have to be passed to allow a second poll and that this might take time and be harder to pass than the first one. Speaking on BBC Radio 4's Today programme Mr. Sturgeon requested her claim that a referendum would be justified if the people of Scotland wanted it.

She refused to be drawn into how many opinion polls it would take and over what period but that to become clear. "It's not an opinion poll, it's not a couple of opinion polls. It's not a flash in

the pan, it's evidence over a sustained period of time," she said.

"We would have to see, in a range of polls over a period of time, that independence had become the preferred option of a majority."

The SNP leader argued that she was the one being "undemocratic" and her opponents. Mr. Sturgeon said: "If there is no shift in opinion from that we saw expressed in 2014, I don't think we would have the right to propose a second independence referendum."

But, on the other side of that argument, if we do see a shift — and independence becomes the clear preferred option of a majority of people in Scotland, I don't think it would be right for politicians to stand in the way of that."

[illegible]

THE TIMES | Wednesday May 4 2016 | 17

Labour must cure its severe antisemitism, says chief rabbi

Michael Savage
Chief Rabbi's investigation

Labour's chief rabbi has warned Labour that it has a severe problem with antisemitism, as he reflected Jeremy Corbyn's failure to distance the party from the issue.

Ephraim Mirvis criticised the Labour leader's office for describing allegations of antisemitism as a minor and moral issue and urged Mr Corbyn not to write off the charges as a manufactured attempt to destabilise his leadership.

His warning came as Labour struggled to contain the antisemitism crisis that has engulfed the party before tomorrow's elections. In the latest blow, Mr Corbyn was criticised to appear before a parliamentary inquiry into antisemitism.

Ran Livingstone, the former Labour MP, was also called to give evidence to the Commons Home Affairs select committee over his claim that Hitler supported Zionism "before he went mad and ended up killing six million Jews".

Mr Corbyn, the head of the Labour party, has stepped aside from the committee until his suspension from the Labour party over antisemitism allegations is resolved. He has already apologised after sharing a Facebook post in 2014 suggesting that Israel should be relocated to the United States.

Sadiq Khan, Labour's mayor of London, was attacked last night after it emerged that he had described Muslim groups as "Islamic State" – a phrase used against Muslim groups suggesting that they are indifferent to white people.

He made the comment in an interview in 2015. A spokesman said "This was a bad choice of phrase and Sadiq regrets using it".

The continuation of the row, as campaigning for local and devolved nation elections draws to a close, has

left Labour MPs in a dilemma over the leadership failure to close it down.

Mr Corbyn said yesterday that renewed momentum of a leadership contest to the members had been whipped up by a "golden myth" within the ranks that was obsessed with his failure.

He also predicted that Labour would not have enough seats to elect a new leader, despite independent analysis suggesting that it could become the first mass opposition party to do so for 70 years.

Labour's suspension of staff attention back to the local election campaign, however, the chief rabbi writes in *The Daily Telegraph*. "The Labour party has a long and proud history of championing civil rights and antisemitism," he comments from a recent and long-standing member of the party. Both Jewish and non-Jewish, those just how serious the problem has now become.

"In recent days we have heard antisemitism in the Labour party described variously as a moral and a social issue," he writes, "being accompanied by political arguments of Jeremy Corbyn."

"There has been nothing more disconcerting to this story than the suggestion that this is more about politics than about substance. The worst of troubles, in trying to address this problem, would be to treat it as a political attack which requires a political solution."

Labour MPs, he writes, might encourage members from their own party to fear that it would not serve them over the crisis. Some Home Affairs, leader of the Jewish Labour party, was quoted as saying that he would consider such a move.

Labour announced an inquiry into antisemitism in its ranks after a string of controversies were also suggested.

The prime minister and Jewish community representatives will also get involved in the separate Home Affairs select committee.

One of the Labour committee suspended over allegations of anti-



Zionism book author vows to stand by Livingstone

David Huxford investigation

The author who inspired Ran Livingstone's claim that Hitler supported Zionism has offered to testify for the beleaguered former mayor of London. Simon Brown, an antisemitic activist, said that Victoria Rindigman paid \$10,000 to buy the film rights to his book, which documents how Zionists made a deal with the Nazis to enable German Jews to migrate to Palestine.

Brown's book was first published in 1976. Mr Livingstone was suspended from the Labour party for suspected antisemitism after he told a radio interview that Hitler "was supporting Zionism" before he went mad and ended up killing six million Jews.

Mr Livingstone has said that he will use the book, *Zionism in the Age of the Dictators*, in his defence. Brown, 75, said *The Times* from his home in Connecticut. "When I came to Ran having his hearing, I'm willing to testify on his behalf." What Livingstone said is absolutely true. My attitude is such that public starts reading what the Nazis said about the Zionists, what the Zionists said about the Nazis. Run comes out

Simon Brown was a prominent activist in the 1970s



about." He said that he supported neither Mr Livingstone nor Labour.

Brown first gained notoriety as a campaigner in Berkeley, California, in the 1970s. He was caught by police with a megaphone and a radio, but was later jailed for 15 months for breaching probation by blocking a road during a student demonstration.

At one time he read in an encyclopedia about the Holocaust, an agreement between some Zionists and Nazi Germany allowing German Jews to resettle some of their property if they migrated to Palestine.

Brown's second book about a new antisemitic history, *Publication of his book*, by Simon Brown, recorded with *The Daily Telegraph* becoming prime minister of Israel in 1981. Brown's book claimed that a fringe group of Zionists, including Mr Brown, had offered to give the Nazis on Germany's side in 1941.

Edward Mortimer, a biographer, reviewed the book in *The Times*, describing it as "well-documented. Brown is able to cite numerous cases where Zionists collaborated with anti-semitic regimes on behalf of their. It is useful also to put in record the opposition to such policies within the Jewish movement." Mr Mortimer went on to describe the director of immigration at the United Nations.

Mr Livingstone invited Brown to County Hall in London. "We got along very nicely," said Brown, who believed that it could be argued that Hitler was supporting Zionism in a practical sense. "He was doing it as an anti-semitic," he said. "Zionism was helping him get rid of Jews from Germany."

He said that he met Rindigman when she bought the film rights but the source was never made.

The activist told *The Times*: "I am not involved with it here anymore. Since the 1980s I have believed in and supported a two-state solution." davidhuxford@thetimes.co.uk



Mr Corbyn issued a media "golden myth" for rumours of a leadership challenge

testimony said that he was the victim of a "witch hunt". Hugh Thomas, a British journalist, is accused of sending an Israeli facilitator a French saying "You and at country along some thing Hitler did to it once in 1939".

Mr Corbyn has vowed to stay on as Labour leader regardless of the election results. He said: "We're not going to lose

seats, we're going to gain seats where we can. It's time, quite frankly, that more in the golden circle of the media establishment actually got out a lot and listen to what people are saying."

"I think many of the media are obsessed with this idea of a leadership challenge."

Simon Brown, page 15

Khan's song is music to Cameron's ears

Patrick Kidd
Political Speeches



It was an odd choice of theme song for Sadiq Khan's final speech of the London mayoral campaign. "Where you look with your eyes, everything seems new," sang Lily Allen, as Labour's candidate took the stage. "But if you look twice, you can see it's all the same." A strange message to send out, but admirably honest.

The campaign theme song plays an important additional role in party propaganda. Tony Blair once told Livingstone (and to the sound of Things Can Only Get Better, now

played with black humour by moderate Labour figures after every Ran Livingstone interview). David Cameron has followed Bill Clinton's lead and gone with *Don't Stop Thinking About Tomorrow*, and Nigel Farage likes to come out to *The Final Countdown* by Europe.

Even Jeremy Corbyn has used a theme song. Working on a building of Love by the 1970s Detroit soul group Chairmen of the Board, the one and he'll ever give to capitalism. Mr Khan's team must have chosen Lily Allen's CD because of its vague promise of a new dawn without having to say the words about London being full of people, crack whores, muggers and people who call the police "bitch".

His speech was delivered on a roof terrace of the Southbank Centre, a long but narrow room that the council party had not so long ago for public rallies with space for only two long rows of seats. What it

had in front of it had to be, a metaphor for Mr Khan's speech.

He spoke in conditions about the "sustainable social consciousness" he wants to introduce, the politicians he wants "integrated" into their localities and a "modern, efficient transparency", which seemed like something to do with greater honesty but turned out to be more a few miles bridges across the Thames, a line on traffic on Oxford Street and segregated cycle superhighways. He also promised a chief digital officer in City Hall, which sounds like a role where if I've ever heard one.

The one will never stop chasing in a Khan material, he promised, whereas if the Tory candidate wins anti-algorithms will be able to afford to live in the capital.

For Goodness, he went on, but "an addition, no vision, no desire for change" and had become to

campaign over the past few weeks on ensuring Mr Khan has sharing a platform with extremists. "You don't bring communists together by running a campaign based on division and fear," he said.

This was not the message that Mr Cameron played when he attended a Goldsmiths rally later in the day. He, too, tried to speak in some terms. "This is the right man with the right plan," the prime minister said, although when he explained that plan it seemed largely to boil down to "more trees".

Earlier than all the attention put, Mr Cameron said that voters need to know only one fact about Mr Khan. "The nominated Jeremy Corbyn is the leader of the Labour party." Publicly this is presented as a bad thing but I feel the prime minister, in moments of private contemplation, is extremely grateful for Mr Khan's judgment.



Westminster | Thursday May 5, 2016 | 1

Elections News

failure to weed out antisemitism

Ducking and diving, Dave makes his play

Patrick Kidd
Political Editor

Whenever I hear that, when deciding how to vote in the local elections, the biggest concern for the good people of London — that very English city with its cathedral, its rivers and landmarks — is the Middle East? Let this be what Karl McCarter, then MP, chose to focus on yesterday when he asked the important "first helpful question to the prime minister" club.

There are 11 Conservative candidates on today's ballot in London, he began, as "will the PM join me in condemning the actions and propaganda of Hezbollah and Hamas?" Well, that was confirmed.

Almost 20 years ago I used to play rugby with Karl. He was a pretty and rather chubby 16-year-old and I was a short, straight and pretty slim back row. He wasn't as good at changing direction in those days as he was when charged into gear by the white reeve. David Cameron chose to run with the ball. I'm glad you asked me about terrorism, he said, because today's Islam is always having them round for tea. It would be nice if Jeremy Corbyn told him to stop.

Mr Cameron sighed and tried to ask a few questions about poverty. They were phrasing and unfocused. It was not one of his better days and he doesn't have many to start with. Mr Cameron just kept shouting "several times". All very childish. But one of his better days either. He came under more pressure last August when he asked before the Labour committee (a committee of all the select committee chairs) for questions on the EU referendum. "Thanks for showing up," Andrew Kohn, the chair, said. "I'm sorry, I'm not here," Mr Cameron said. "You should come more often," Mr Kohn replied. That finally shut out of the way. Mr Kohn began to ask whether the PM would be in support for us to stay in the EU. If he didn't get his latest reorganisation, he replied. "No, it's not," Mr Kohn said. "No, it's not," Mr Cameron said. "It begins with 'I'." Someone has

been waiting for Nicky Morgan's English term. "It would be nice if you had a go at answering it again," Mr Kohn said. The PM agreed. He then got an ear-bashing from the Europe minister for the EU. "You're trying to tell me," Mr Cameron said, "that you're not for the first time — and Bernard Jenkin, who wants to be taken down all government websites that show pro-EU 'propaganda' during the last few weeks of the campaign."

Mr Cameron dismissed. That seems a bit extreme, he said. Can't we just not update them? Mr Jenkin said from a 10:17 legal ruling about EU state membership (something's been passed up it counts as confidentially published, apparently). Mr Cameron nodded.

Jeremy Corbyn's performance was mediocre, even by his standards

"Just it and — or suggest a vote," Mr Jenkin snapped. "No, no, no, right," Mr Cameron said. "I'd better get back to the office now."

More questions followed. Frank Field, for example, asked about the situation of Turkey in the EU. "That won't happen for decades," the PM said. "Have you told them?" Mr Field replied. "I said so in the Commons two weeks ago," Mr Cameron said. "It's the best way to keep a secret."

Finally, Keith Vaz got a question. "So long," Mr Kohn warned, "as you don't mention Labour or Scotland," Mr Vaz, who has talked about little else since Monday, looked very disappointed. "I might say," he said. After 90 minutes, the PM was released. "Thank you," Mr Kohn said, politely. "You've made a good list of answering some questions." There then he usually down to the chamber on a Wednesday, any way. Turkish answers ruled out, page 14

Labour's, shifting 100,000 people yesterday, made David Cameron, left, in public as Londoners vote in the municipal election

The party, which welcomed a boost in confidence in recent years, has on the way. Scotland's the party, and voters significant gains in constituency seats at regional level. Wales' Labour has constituency seats and some 10 seats for building off 100 seats.

London's Labour has the party's largest gains in the assembly.

Election breakdown

England

Party	Seats	Constituencies	Labour to 2015	Labour to 2016
Conservative	2,342	124	2,342	124
Labour	1,000	50	1,000	50
Lib Dem	1,000	50	1,000	50
UKIP	1,000	50	1,000	50
Green	1,000	50	1,000	50
Other	1,000	50	1,000	50

Scotland

Party	Seats	Constituencies	Labour to 2015	Labour to 2016
SNP	60	60	60	60
Labour	10	10	10	10
Conservative	10	10	10	10
Lib Dem	10	10	10	10
UKIP	10	10	10	10
Green	10	10	10	10
Other	10	10	10	10

Wales

Party	Seats	Constituencies	Labour to 2015	Labour to 2016
SNP	10	10	10	10
Labour	10	10	10	10
Conservative	10	10	10	10
Lib Dem	10	10	10	10
UKIP	10	10	10	10
Green	10	10	10	10
Other	10	10	10	10

Northern Ireland

Party	Seats	Constituencies	Labour to 2015	Labour to 2016
SNP	10	10	10	10
Labour	10	10	10	10
Conservative	10	10	10	10
Lib Dem	10	10	10	10
UKIP	10	10	10	10
Green	10	10	10	10
Other	10	10	10	10

Good night
Local elections: The party's gains around 10 seats and 10 seats, dropping down at Labour, struggling in the south, as well as consolidating in the north. Scotland's Labour won regional seats and Wales' Labour won two constituency seats and the party won several seats. London's Labour won several seats.

Bad night
Local elections: The party's losses around 10 seats and 10 seats, dropping down at Labour, struggling in the south, as well as consolidating in the north. Scotland's Labour won regional seats and Wales' Labour won two constituency seats and the party won several seats. London's Labour won several seats.

Assembly 20 seats

Party	Seats	Constituencies	Labour to 2015	Labour to 2016
SNP	10	10	10	10
Labour	10	10	10	10
Conservative	10	10	10	10
Lib Dem	10	10	10	10
UKIP	10	10	10	10
Green	10	10	10	10
Other	10	10	10	10

Mayor 12 constituencies

Party	Seats	Constituencies	Labour to 2015	Labour to 2016
SNP	10	10	10	10
Labour	10	10	10	10
Conservative	10	10	10	10
Lib Dem	10	10	10	10
UKIP	10	10	10	10
Green	10	10	10	10
Other	10	10	10	10

Good night
Local elections: The party's gains around 10 seats and 10 seats, dropping down at Labour, struggling in the south, as well as consolidating in the north. Scotland's Labour won regional seats and Wales' Labour won two constituency seats and the party won several seats. London's Labour won several seats.

SNP set to romp home again

Scotland
The SNP is set to secure another significant majority in the Scottish Parliament, according to new polling that suggests it will win 60 of the 73 seats. The party's lead over the Labour-led Scottish Government is 10 seats, a record since 2007.

The SNP is set to secure another significant majority in the Scottish Parliament, according to new polling that suggests it will win 60 of the 73 seats. The party's lead over the Labour-led Scottish Government is 10 seats, a record since 2007.

Jeremy Corbyn and a handful for his party, which was once dominant at each level of government in Scotland.

The Scottish Conservative leader has run a presidential-style campaign and promised to be the champion of the Union. The Unionist party suggests that this is working with voters, who have given her an approval rating of 50 per cent. While the SNP's lead over the Labour-led Scottish Government is 10 seats, a record since 2007.

THE TIMES

SATURDAY May 7 2016 | **Only £1.50**
May 7 2016 | 10 Downing Street | Tel 7766 004 **Weekend Newspaper of the Year**

Eat!

Posh birds
How to cook
Michelin-starred
chicken at home

*Glossy
recipe
guide*



Shop!

Best swimwear
What fashion
editors wear
on the beach





Taking George Osbourne, with his wife, Samantha, right, because Labour's most powerful politician yesterday after winning the London mayoral election. Pages 8-11

Ban on second homes

Councils set to reserve new builds for locals after historic vote

Simon the Biscuit, George Osbourne, 2016

Villages and towns across Britain are preparing to follow the lead in Cornwall by banning the sale of new homes as second homes.

Ministers are about to approve the ban, however, and fear that it will be regarded as unfair and discriminatory. The Times has been.

Residents of the picturesque former fishing village recently a majority of four to one to require all new housing to be sold as the town's principal residence under a legally binding contract. The new measure will be expected to provide

evidence such as an entry on the electoral register. The measure was introduced as part of a neighbourhood plan, but government ministers said yesterday that the Localism Act 2011, which introduced the plan, was never intended to help councils to block ownership of second homes.

Baroness Lewis, the planning minister, criticised the 10-year proposal when it was made public in 2014, questioning whether it was "sustainable and enforceable". He said: "Trying to control private ownership via the planning system will require intrusive inspection to monitor the usage of every house and state the ownership of every property." Mr Lewis

will meet the Welsh Conservative MEP David Thomas, on Monday to discuss the ban. The new rules, which are subject to a legal challenge by a firm of solicitors in Pembrokeshire, will come into effect once they have been adopted by Cornwall council.

Government sources expected that ministers might have to act if the national council failed. However, councils in the Lake District, North Devon, north Devon, and the Isle of Wight are looking at similar schemes.

The white sands of 10 years have attracted seasonal visitors including artists and writers for generations. More than a quarter of houses in the town are

second homes, many owned by wealthy Londoners who spend just a couple of weeks a year there.

Mark Garnier, the Conservative MP for Wye Forest, questioned the legality of the ban. "The only house I own is in St Ives but I live in rented properties elsewhere. Would it be considered as a second home? I don't think the government ever envisaged this 'banning when they get the Localism Act through', he said.

"I worry that it is discriminatory — that one type of people can buy a house but another can't. The housing minister needs to clarify the government's position on page 4, but I

30 hottest summer tickets
Saturday feature



My raging libido
Sex at 50
Weekend



20 best places to stay in Majorca
Weekend





Labour licking its wounds but Corbyn clings on

Tom, together, growing together, all



He called for the removal of Saddam Hussein, the spin chief, and from Livingstone: "We need a much better team around the leader," Mr. Lynch said. "It has relied on British know-how back but now is the time to build a team that is actually capable."

Leading article, page 27
Result, page 42



Lithuanians also lost faith in the Soviet system. In 1988, the Lithuanian Communist Party lost its first free election in the country. "It's done to the people, and that's how Lithuania has entered the new millennium," said the Lithuanian president.

100

100



A majority opponents said, meant that she would be obliged to drop any plans for a second referendum on independence

Lib Dems turn corner in council vote

2016 Election: Editorial Editor
Richard Ford
Home Affairs Correspondent

ENGLAND The Lib Dems passed more confidence than any other party in elections across England yesterday.

Tim Farron, the Liberal Democrat leader, said that the "right war back out" as his party took seats off the Conservatives, who faced more than expected. The Tories were on course to lose more than 25 seats although they gained 100 seats in council seats.

Jeremy Corbyn presided over the worst performance by any opposition party for 10 years, but Labour still did a lot better than expected. It lost more than 25 seats and hung on to all but one of a string of vulnerable councils.

Crucially Labour changed its position in the north that many experts thought it would lose such as Croydon, Epsom and Southampton.

Ukip consolidated its position by picking up at least 25 council seats.

Labour's council seats had been showing a trend of a re-orientation attack on the Conservative leadership of the last leader and some could not resist their anger, even with better results.

But expected, John Howett, the leader of the Labour group in Portsmouth city council, claimed that Mr Corbyn was "incapable of giving the leadership we need".

He said it was clear that Ukip was gaining votes in Portsmouth. "People just see the Labour party leadership as incompetent. They don't feel they can be trusted, and that's not a delusion, and that's really hurting us."

By yesterday evening the party had lost control of 100 seats but had hung on to all its big cities and its handful of councils in the south.

Five council seats had predicted that Labour could lose up to 150 seats as well as five in its councils. However, they also pointed out that in the past 10 years no party in opposition had lost more than 100 seats in council seats apart from a general election year.

A few opposition leaders would certainly have been expected to win hundreds of seats in the first year after a general election.

The Liberal Democrats turned the corner as England yesterday but as expected they were beaten into 10th place by the Tories and in Wales their leader, Kirsty Williams, resigned after the results.

The party, which has recorded poor

record performance for the past seven years, passed about 40 council seats, and retained council, and doubled its share of the vote since last year to 25 per cent.

Mr Farron said: "We still have a long way to go, but the centre ground in British politics is a real space and we have now regained the credibility to fill it."

A spokesman said that seats had been gained from both Labour and the Tories and advised that seats were in Portsmouth, Cambridge and Derbyshire. The party had also made gains into areas that were previously no-go areas for the Liberal Democrats such as Sunderland, Manchester and Rotherham.

It had notably gained of Derbyshire. In the elections for public and crime commissioners, independent candidates were the main candidates as the Conservatives threatened their grip in most areas.

The number of independents had fallen from 10 to six with 10 of the 40 seats declared.

The Conservatives took Warwickshire, Kent, West Midlands, Lancashire and Surrey from independents and won Bedfordshire from Labour. Labour took Leicestershire and Hertfordshire from the Tories.

Tories jubilant as resurgence denies SNP a majority

2016 Election: Editorial Editor
Richard Ford
Home Affairs Correspondent

SCOTLAND The Conservatives have denied Nicola Sturgeon another majority in the Scottish parliament and pushed Labour into third place for the first time. Ruth Davidson, the Tory leader, fulfilled her pledge to lead the opposition at Holyrood with seats in spare in a result described by David Cameron as historic.

Ms Davidson immediately went in the attack, warning Mr Sturgeon to drop any plans for a second independence referendum. "Whatever claims the SNP were putting with regard to constitutional brinkmanship over the next five years have now been utterly shattered," she said.

The SNP finished with 63 seats, two short of a majority. The Tories won 18 and Scottish Labour managed only 26, down from the 32 in the last parliament.

Katie Douglas, who has been Labour leader for less than a year, said she was disappointed and told full responsibility for the result — but would not resign.

An Labour website in Scotland were coming to terms with the party's worst performance for 10 years. Mr Douglas refused to blame Jeremy Corbyn, his Murray, the shadow Scottish secretary, said however that voters did not see Labour under Mr Corbyn as a "credible party of future government" and urged the party to reflect on the result.

Mr Corbyn concluded that there was "a lot of disillusion" in Scotland. "We are going to be with you," he told Scotland Labour. "We're going to work hard to build with the party in Scotland to build that support once again, so the Labour tradition in Scotland will be re-established."

Although the SNP showed the other parties did not live up to the predictions of the polls, Mr Douglas had been expected to resign. After Labour's disappointing result in a region through a system of voting designed to prevent such a result.

The Tory surge, with increased support for the Scottish Tories as the regional vote, left her disappointed. She said that she would work to lead a minority government and include Labour in such a coalition.

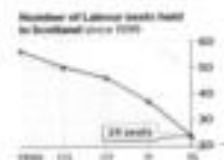
Her speech outside Holyrood, her official residence in Edinburgh, was modelled with some of the anti-taking line who had accused her of every appearance on the campaign trail.

Her message was defiant, however. Calling the result "historic", she said:

Analysis

Katie Douglas's face as he bowed and only that he had lost. However, but that his party had been pushed into third place said it all. (Murray) Douglas's face as he bowed and only that he had lost. However, but that his party had been pushed into third place said it all. (Murray) Douglas's face as he bowed and only that he had lost. However, but that his party had been pushed into third place said it all. (Murray)

The voters it was trying to attract with the voters, who were not inclined to revert to a party



that had campaigned against independence, and his voters were put off by Mr Douglas's failure to resign.

Labour's return to power had been 10 years, so far as seats could see, to improve education, health or welfare. And it was still seen as tied to its members in London.

Then over the full course the Scottish Tories, led by the charismatic Ruth Davidson and offering strong opposition and a "disillusioned" party, free of its old Thatcherian conservatism. Once again, the headlights glared, and once again, the Labour rabbit sat frozen. This time, it was run over.

"We was a clear and unambiguous message. And I wanted the personal message I sought to implement the best and ambitious programme for government that I asked the country to vote on."

Mr Douglas had made that personal statement in a speech, and that it has not been as full-blown as it might have been well doing.

The first minister said that her new government would be inclusive and would "govern with conviction and determination but also with humility and a willingness to listen and to learn".

Yehon, page 20

Hamilton leads Ukip charge

2016 Election

WALES But Hamilton, the Conservative minister, is one of Ukip's most vocal members. The party gained seven seats as it took votes from traditional Labour voters in the south. Its other members include Mark Burtenshaw, also a Tory defector.

Mr Hamilton, who lost his parliamentary seat 20 years ago after the 1992 election, said that he could not see the differences with Nigel Farage, the party leader, who had opposed him standing. Despite Ukip's advances, Labour lost only one

assembly seat and is still the largest party. It holds 29 of the 60 assembly seats and is expected to rule as a minority administration. However, it lost Rhondda, one of its heartland seats, to Labour. The leader of Plaid Cymru, and suffered a fall in its vote share.

Carwyn Jones, the first minister, said that the campaign had been inspired by Labour's troubles elsewhere. Asked about the divisions within the national party, including the row over anti-Semitism, he said: "It's not helpful. I'm not going to pretend otherwise. The lesson is that it's really important for politicians in London not to say things that are not helpful to colleagues in the UK."

Khan is elected mayor amid

James C. Gorman, Deputy Managing Editor
 Carolyn L. Brown, Managing Editor

London started the most senior Muslim in public office in Europe as India Khan, emphatically from the Goldsmith, his Tory dad, to become mayor.

Conservative politicians lined up to criticize Mr. Gubbins' campaign as foolish, imprudent and divisive. The race for City Hall brought an increased turnout and big swings in Labour across the council. Mr. Gubbins' an-

Mr. Jonathan Khan, founder and co-organizer of his campaign, "And the Fact Campaign did not reflect what I know him to be — an exceptionally independent-minded politician with integrity," wrote Khan, Mr. Goldwater's former brother-in-law, and longtime ally in the same office.

Mr Khan, the Training MP and son of an immigrant Pakistani bus driver, was named among London's top after-tax payers. He collected a modest £101,760 last year, while the second named, Stuart, the extent of his income

—he had picked up 55 per cent of the vote, compared with 45 per cent for Mr. Goldwater.

John Barry of the Green party secured third place with 5.8 per cent of first preference votes, ahead of Canadian Prime Minister Jean Chrétien on 4.7 per cent and Hugh Fraser White on 3.6 per cent. Benjamin George (Liberal) was beaten by Stephen Walker of the Movement for a New Society.

Mr Khan said that he was "deeply committed to the hope and trust" that would stand as the pillars of a new nation.

Thank every single Londoner for making the impossible possible," he said. "But the election campaign was 'not without controversy,' adding, 'I am so glad London has chosen Super over Iraq and over the others.'

Lafont was the largest party in the London Assembly with 12 seats, unchanged in 2012. The Conservatives were in sight, known and the Liberal and UKIP were two seats each and the Labour party had six seats.

Mr Khan has one of the biggest personal reputations in Europe, giving him scope to build an alternative power base.

Mr. Goldsmith, the Railroad Party MP, looks likely to face a backlash over his campaign, which sought to link Mr. Blair with Muslim extremists. The Tory campaign was advised by Charles Tannock, the firm founder of *Le Monde* Canada, who was himself a Tory MP.

Steve Hillen, My Commonwealth campaign strategy director, told Newsnight on BBC Two that the Goldsmith campaign could damage the Tories in the long term. "It's better knowing that all of us people in the Goldsmith who vote up from the Labour back the county party label."

Burmese War, known in-chain, woman of the Cooperative party, was the most serious figure to speak out. "Our appalling dog whistle campaign for London May/2016 led to the election, our reputation & credibility on issues of race and religion," she wrote on Twitter.

Roger Evans, the outgoing Conservative Ampley mayor, told *Barnford News*: 'I'm concerned that the campaign we're run is going to leave a negative legacy which we in London are going to have to clean up.'

Mohammed Ali, the chairman of Conservative Muslim Forum, said: "I voted for Zak but without any real enthusiasm. I felt that the campaign was dishonest. Trying to paint a man with a bad reputation as an attorney, off was inappropriate."

● An investigation is to be launched by Harrow council into an error that affected all its 170 polling stations and meant that many voters in north London were turned away. Names were missing from polling lists and residents who attempted to cast their votes were stopped. The council apologised for the mistake.

Silvia Green, page 26

Labour is heading backwards

Keywords: self-esteem; social support; coping strategies

The electrons produced according to the above

many parts
of the country
are still in need

without Labour that occurred in London, the Conservatives advanced in Scotland, there was a Liberal resurgence throughout in English local

There were always some to be elected.

where everyone would win prizes, but avoid all the chains and counterchains. It's worth remembering one key thing: London aside, Labour lost seats in England, Wales and Scotland.

The Scottish result was Labour's worst since universal suffrage. In Wales and England, results were less dramatic but the vote still went

party still went backwards. Yes, Labour cling on to some concepts that people thought they would lose but it should be advancing.

The party finished down about 25 council seats compared with 2011, when those seats were last fought. Outside general election year, the official committee

last local council seats in 1987. Latham argues that 2002 was a high-water mark, but it was the high-water mark of disillusionment, and we know that bulls was not exactly overinflated.

And yes, London comes along to offer hope. But it is an increasingly Labour-friendly city that should never have been put in 2002.

The more sensible Labour politicians know they need to turn back. Not as much as some had feared and things could have been worse. But you could have said that about the Tories. Philip Cowley is professor of politics at Queens Mary University of London.



WHATCAR?
Car of the
Year 2014

WHATCAR?
Car of the
Year 2015
by **John**

WHAT CAR?
CAR OF THE YEAR 2016
Small car category

What a car



Depressed? You should be. But many cars with a default of 1 percent APR, all with three years. To find out more about the automotive market, visit autodata.com.

 NEW THINKING.
NEW SYSTEMS. IT'S

First consumption in 1995, 10 000 kg for all groups (mean 31.5 kg/ha; 95% CI 15.4–47.6 kg/ha) (mean 31.5 kg/ha; 95% CI 15.4–47.6 kg/ha) (mean 31.5 kg/ha; 95% CI 15.4–47.6 kg/ha). These figures are to be used as a guide for individual judgements and may not reflect all growing results. Impact on 10–12 month survival from 1995 to 1996 is not known.

70th Year / Saturday May 7 2016

Elections News

Tory backlash at Goldsmith

Des Goldsmith, the Labour candidate, used his campaign to recruit Boris Johnson as...

mayor of London to try to link Boris Johnson to Labour's...

was advised by a close friend of Boris Johnson, who recruited his long-time...

Did they get Chilcot to tot up the numbers?

Patrick Kidd
Political Sketch

I was a pity for Tony Blair that his first term as London mayor was almost over by the time they had finished counting the votes at City Hall. That was how it left last night, anyway, as he was forced to face the Labour voters' 'villain' the vote for Labour's man. As we reached a full 24 hours after the close of polls, there was still no official result. But the volunteers ran out of fingers and toes? Perhaps they had asked to John Chilcot to tot up the numbers. Mayor Des Goldsmith was locked in a back room, watching Bullseye clips to make amends for his gaffe last week, when he said that he loved nothing better than a bit of blarney and yet was unable to name one film. Or were they trying to soothe Boris Livingston, but he couldn't see how 'Lord' Tony Blair's during Mr Khan's speech? The number-crunchers had told of 4,000 that Mr Khan could not be overtake, based on almost all of the votes being declared, but the counting kept going past midnight and well on towards morning. All we know for certain was that Mr Khan had the third largest personal mandate in Europe, behind the presidents of France and Portugal and just ahead of Rudy Muthafuck. At lunchtime, David Cameron was wearing his Sunday morning best. He said he had been just about the perfect result for him, second place for the Tories in Scotland and Labour doing badly in England but not so disastrously that the party would risk to get out of its Conservative anchor. And London? "What more about London?" he thought. "No

more even heard of London outside the Labour metropolitan bubble." As he stood in a bubble of his own in Peterborough, a council that had turned blue, the prime minister announced: "It's remarkable that six years into government we get more councilors than any other sitting party has." Flipping astonishing, he could have added: Six years of austerity, rising poverty, closing libraries, closing schools, closing teachers, more 11-hour than a cabby with a ladder out on a road and a massive gap within his own party were Europe... and still they have Dave. Or did he the other but enough to extend his term for the PM, this election was just a distraction. The more important vote, as far as his legacy goes, is six and a bit weeks away. Meanwhile, Springfield for Blair was still coming out of Mr Livingston's hands. The former mayor was convinced that Labour would have swept the country if only people hadn't kept questioning the way. "Labour have still done very well," Mr Livingston said. "I don't see any of the electoral judgement that was Michael Foot. "We've been damaged by the right Labour MPs," he added. "And redemptive and realistic." There may be some logic in the sentiment, if not the choice of words, but it's Mr Livingston who keeps on bringing up how badly and unconvincingly they did it. On the 10th, he repeated his belief that, despite Alan Knapp, the Tories would have been just fine with departing Jews to Palestine in the early 1950s. He then suggested that the Jews who had decided leaving a map was better to the Holy Land from 1948 to 1950 were willing collaboration with the Nazis had graciously said: "I don't think the people of Israel need to be ashamed of what happened 60 years ago." Extraordinary, but Mr Livingston is a serious piece. London is under new ownership.

Path now clear for Johnson to map his route to No 10

The jury is out over whether the outgoing mayor has what it takes to lead the Tories, reports Michael Savage

When Boris Johnson perched up his office in City Hall on Thursday after eight years as London mayor, among the assorted books, papers and pictures was one that he asked to be placed in his Commons office — a list of projects, the *London Green Book*. The may soon be working inspiration from the life of the second Johnson. While *Swire* was attracted by his return as a disaster prepared, his character and ability to plan the city's future have an undeniable effect on how he kept the top job for decades. As his Johnson begins his inspection from leader of a great city in London backhome, his next task is to plot a

route to Downing Street while a debate rages over whether he has the necessary abilities to lead his party and country. The ally has a long list of achievements that show that he is ready. Employment is up, 800,000 jobs have been created. London has 8.5 companies joining the "London Rising" campaign with 27 in 2008 and 1,000 in 2015. In reality, Mr Johnson had little power to alter the city's economy. Tony Travers, the local government expert, has said that Mr Johnson's influence would have been to prevent the capital from budget cuts, despite winning the majority before the economic crisis. Mr Johnson also oversees the beginning of the Council project, improved the Tube and kept police and crime under control. Some others say that his main achievement has been to build a stable and "downside-free London". The ultimate example was the right of the mayor elected in 2008 to be an on a day

was, including a union flag in each ward. A list of past mayors of the 2012 London Olympics had been just about the experience was "a lot more painful than I set on at the time". Other remarkable moments were the over-ambitious rugby tackle on a laptop, a headline on a trade union, his recent warning of the Olympic flag in Beijing and an unbroken dip in the River Thames at Lewisham as he tried to clear up after the cycle super highway had also been cited as one of his crowning achievements. Mr Johnson spent part of yesterday evening a nation of the facts, although he revealed that as he opened the project, a fellow cyclist branded him a "jerk". "You get a bit of abuse from the people in the town, the Financial Times has gone crazy about this thing, the cab drivers don't like it, all that sort of thing, and then suddenly on the way, the cyclists themselves," he said. "But that's why it's a great city". There have been numerous other

Boris Johnson's cycling initiatives among the mayor's achievements

criticisms. He had to head back from London to deal with the riots of 2011, and more had to wait to slow to reach. Having promised not to become "David Cameron", London's skyline now looks far more skyscraper, and there are proposals for more than 100 towers, more than 20 stories high. His sponsored cable car across the Thames has been criticised for lack of use and the number of days it cannot operate

because of high winds. He is also accused of failing to solve the housing shortage. He claims to have built 100,000 affordable homes since 2008, but he did not manage to build the 50,000 homes each year that experts say are needed. Does it all add up to a CV of a future prime minister? His supporters suggest that actually doing the job has resulted in him growing into a serious politician. When he was considered for the mayoralty in 2008, his candidacy was not with distance by many Conservatives. After eight years he remains broadly popular with voters. An Ipsos poll found that 50 per cent of Londoners thought he had been a success as mayor. Mr Johnson spent yesterday morning on his cycle path and then had lunch with Sir John Gillingham, the election guru who worked on both national campaigns. It is hoped to follow in the footsteps of Percey. Mr Johnson may be calling on Sir Lynton services at least one more time.